



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Nº 499 | Ano XVI
19/12/2016

ISSN 1981-8769
(impresso)

ISSN 1981-8793
(online)

Hospitalidade

Desafio e paradoxo

Por uma cidadania ativa e universal

Alain Montandon: *A difícil e necessária dádiva da reciprocidade*

Marco Dal Corso: *A emergência de uma humanidade atravessada pela hospitalidade*

Placido Sgroi: *Um símbolo radical da condição humana*

Morte e vida severina - João Cabral de Melo Neto

A atualidade do auto de Natal em tempos de retirantes globais

Thaís Toshimitsu:
Cabral tornou-se
influência insuperável

Braulio Tavares:
Reflexão sobre a linguagem é
o principal da poesia cabralina

Eli Brandão:
O nascimento de um Jesus-
severino e a vitória da esperança

Hospitalidade – Desafio e paradoxo. Por uma cidadania ativa e universal

Uma dádiva de si, que abre caminhos para o diálogo com o Outro, aquele desconhecido que bate à nossa porta em busca de acolhida. Embora magnífico, o gesto de acolhimento não resguarda em si apenas a maravilha do encontro, mas também tensões que surgem no limiar desses dois mundos que se encontram e até mesmo se chocam. Para debater o paradoxo e os desafios da hospitalidade, num tempo caracterizado pela globalização da indiferença, segundo, inclusive, a descrição do papa Francisco, testemunhamos milhares de refugiados e migrantes que enfrentam mares, desertos e muros, na busca de um lar, e que são vistos não como ‘hospes’, mas como ‘hostis’.

A revista **IHU On-Line**, no contexto das festas natalinas, em que os textos evangélicos relatam que “não havia lugar para eles” (Lucas, 2, 7), debate o tema com pesquisadores de várias áreas. A hospitalidade, afirma o advogado e professor da PUCRS **Gustavo Lima Pereira**, é “o reconhecimento da loucura pela justiça perante o mistério do rosto de outrem”.

Alain Montandon, professor da Universidade Blaise Pascal - Clermont II, na França, organizador da imponente obra de mais de 1.400 páginas intitulada *O livro da hospitalidade. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (São Paulo: SENAC, 2011), ressalta que a hospitalidade funciona “entre a lógica da dádiva e da contradádiva”, existe “uma relação de complementaridade paradoxal”.

“Há excluídos ‘na’ e os excluídos ‘da’ sociedade. Ser excluído é estar ‘fora do’ espaço (real ou simbólico) dos incluídos”, descreve **Magali Bessone**, professora de Filosofia Política.

O teólogo e professor **Marco Dal Corso** pensa os desafios globais de acolhimento a partir da necessidade da inauguração de um outro tipo de humanidade fundada na hospitalidade.

Símbolo radical da condição humana, a hospitalidade é marcada, ainda, pela precariedade e provisoriedade. Essas características representam uma tensão em relação ao Outro. Pensando a partir da realidade europeia, o teólogo **Plácido Sgroi** menciona que o grande desafio é colocar em prática esses preceitos.

“Nós existimos e a humanidade existe porque originalmente cada um de nós foi, primeiramente, hospedado, acolhido. ‘Mãe’ é o nome da hospitalidade ativa, da hospitalidade primordial”, afirma o frade dominicano **Claudio Monge**, italiano radicado na Turquia.

Para **Faustino Teixeira**, da Universidade Federal de Juiz de Fora, “o diálogo é uma ‘cartografia inacabada’, que vai se tecendo com as linhas da humildade e generosidade”.

A sutil linha que costura em igualdade refugiados e retirantes, ambos migrantes, ambos fugitivos do desajuste climático, ambos estrangeiros, uns globais, outros dentro do próprio território, conduz do debate sobre a hospitalidade às discussões sobre os 60 anos da publicação de *Morte e vida severina - auto de Natal pernambucano*, de João Cabral de Melo Neto. Neste sentido a **IHU On-Line** retoma esta importante obra da literatura brasileira, fazendo aproximações com a realidade contemporânea.

Antonio Carlos Secchin, poeta, ensaísta, crítico literário e professor, chama atenção para a obstinação de Cabral “em rejeitar as vias fáceis e fluidas do lirismo, e pela ousadia de percorrer severamente os caminhos mais íngremes da linguagem”.

Thais Toshimitsu, doutora em Letras, descreve a existência de Cabral como parte de sua própria obra. “A escolha do Nordeste o implica diretamente na situação que se lê nos poemas e, embora ele deseje conceber-se somente como espectador daquela vida miserável, é parte intrínseca dela.”

Para **Braulio Tavares**, escritor, poeta, compositor, letrista e pesquisador de ficção científica e literatura fantástica, João Cabral agia como se tudo no mundo fosse um conjunto de sinais que pudesse ser interpretado e comparado com outros conjuntos de sinais.

Eli Brandão da Silva, doutor em Ciências da Religião, analisa o poema no seu âmbito de auto de Natal, fazendo a analogia de que “o anúncio alcança imediatamente Severino e Carpina, retirantes, marginalizados, mas também símbolos dos que têm esperança de encontrar vida”.

Maria Augusta Torres, mestra em Ciências da Religião, trata da experiência de fé e religiosidade nordestina que são trabalhadas no texto.

Completam esta edição os artigos *A possível internalização dos interesses dos EUA no Brasil*, do professor **Bruno Lima Rocha**, e a entrevista com o pensador português **Boaventura de Sousa Santos** sob o título *A difícil reinvenção da democracia frente ao fascismo social*.

A todas e a todos uma boa leitura e os melhores votos de um Feliz Natal e um ano de 2017 repleto de esperança, saúde e paz!

Imagem da capa: Nina Freitas/
Flickr Creative Commons

IHU ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

Diretor de Redação
Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU
Ricardo Machado - MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas
João Flores da Cunha - MTB 18.241/RS
(joaoflores@unisinos.br)
João Vitor Santos - MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)
Márcia Junges - MTB 9.447/RS
(mjunges@unisinos.br)
Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)
Vitor Necchi - MTB 7.466/RS
(vnechi@unisinos.br)

Revisão
Carla Bigliardi

Projeto Gráfico
Ricardo Machado

Editoração
Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio
Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evlyn Zilch, Fernanda Forner e Luísa Boésio.

Colaboração
Jonas Jorge da Silva, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, de Curitiba-PR.



Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-750

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br
Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Sumário

Destaques da Semana

- 6 Retrospectiva
#Dossiê Morte e vida severina
- 12 Vitor Necchi: Poema de João Cabral de Melo Neto é emblema da miséria nordestina
- 14 Antonio Carlos Secchin: Morte e vida severina, ano 60
- 16 Thais Toshimitsu: Cabral tornou-se influência insuperável
- 20 Bráulio Tavares: Reflexão sobre a linguagem é o principal da poesia cabralina
- 23 Eli Brandão: O nascimento de um Jesus-severino e a vitória da esperança
- 28 Maria Augusta Torres: Severino e a experiência de fé e religiosidade nordestina

Tema de Capa

- 34 Alain Montandon: Hospitalidade, a difícil e necessária dádiva da reciprocidade
- 40 Magali Bessone: A necessidade da participação como critério prévio à cidadania
- 44 Marco Dal Corso: A emergência de uma humanidade atravessada pela hospitalidade
- 50 Plácido Sgroi: Um símbolo radical da condição humana
- 53 Claudio Monge: Hóspede, aquele que acolhe e é acolhido
- 57 Faustino Teixeira: O sagrado dever da hospitalidade
- 60 Gustavo de Lima Pereira: O inimigo e o ladrão na figura do estrangeiro

IHU em Revista

- 70 João Vitor Santos: Biomas brasileiros, debate político nacional e os pensamentos de Agamben e Suárez na programação do IHU em 2017
- 73 Boaventura de Sousa Santos: A difícil reinvenção da democracia frente ao fascismo social
- 80 Bruno Lima Rocha: A possível internalização dos interesses dos EUA no Brasil
- 82 Publicações: Iraneidson Santos Costa - Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)
Moisés Sbardelotto - A Igreja em um contexto de "Reforma digital": rumo a um sensus fidelium digitalis?
- 83 Retrovisor

IHU IDEIAS

Um espaço de reflexão interdisciplinar para debater e avaliar grandes desafios de nossa época



Saúde e igualdade. A relevância do Sistema Único de Saúde

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel

**06 de abril de 2017
(quinta-feira)**

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Confira a programação completa do IHU ideias de abril em ihu.unisinos.br

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Destques da Semana

Retrospectiva: 2016 e os temas que pautaram a IHU On-Line

Por João Vitor Santos | Edição: Ricardo Machado

O conturbado e nebuloso ano de 2016 foi uma longa reverberação das inúmeras crises e sombras das nuvens que pairavam sobre nossas cabeças desde o segundo semestre de 2015. Por um lado, o cenário nacional teve a abertura de um processo de impeachment contra a então presidente Dilma Rousseff, prenunciando a tramitação de muitos reveses políticos pautados por uma ideia de combate à corrupção com repercussões muito além do Palácio do Planalto. Por outro, em âmbito global, as crises - das ambientais às econômicas e sociais - não davam sequer sinal de arrefecimento. Nem a mais completa - e complexa - análise seria capaz minimamente de prever ou mesmo entender os movimentos de 2016. Ao longo de todo este ano, a **IHU On-Line** se dedicou a esse exercício de observação e reflexão sobre os movimentos contemporâneos, tarefa difícil e sempre incompleta, sobretudo diante da movediça conjuntura nacional e internacional.

6



A quebra do pacto constitucional de 1988

No último dia 6/12, o presidente Michel Temer encaminhou ao Congresso Nacional a proposta de reforma da Previdência. Mas o assunto já vinha sendo debatido há muito mais tempo, desde o governo petista. Tanto nas discussões no início de 2016 como na proposta consolidada agora em dezembro, o que está em xeque são os direitos constitucionais que asseguram qua-

lidade de vida ao trabalhador. É diante desse cenário, e também em meio à crise política e institucional do país, que a IHU On-Line discute, na edição número 480, de 7-3-2016, os rumos da seguridade social e o futuro de milhões de brasileiros e brasileiras que são

tratados nos balcões de negócio do Estado com o sistema financeiro. Sob o título *'Reforma da Previdência Social e o declínio da Ordem Social Constitucional'*, esse número traz pesquisadores que desmistificam o debate em torno da ideia de déficit previdenciário e a necessidade de uma reforma que ponha em risco direitos constitucionais. O tema da Previdência tem relação direta com outro assunto tratado pela IHU On-Line em 2016: a precarização do trabalho. Por ocasião do Dia do Trabalhador e Trabalhadora, o número 484, de 2-5-2016, traz o tema de capa com o título *A volta da barbárie? Desemprego, terceirização, precariedade e flexibilidade dos contratos e da jornada de trabalho*. O tema do trabalho é retomado anualmente. No entanto, o atual panorama do mundo do trabalho é difícil, complexo e sombrio. Pesquisadores e pesquisadoras que participam desta edição, descrevem um cenário caracteri-





zado pela imposição do princípio do negociado sobre o legislado, aprofundamento da flexibilização do trabalho, das jornadas, dos contratos, desmonte da política de valorização do salário mínimo e ataque à Previdência Social, com o aumento do tempo de contribuição e a diminuição dos benefícios.

Nessa mesma linha, tão logo o governo de Michel Temer toma o Planalto, o próximo direito a ser “re-

visto” é o acesso universal à saúde pública. O Sistema Único de Saúde - SUS passa a ser questionado, e o ministro da Saúde, Ricardo Barros, por sua vez, passa a pautar o debate sobre o tamanho do SUS. O IHU entrou nessa discussão através de notícias e entrevistas publicadas na seção Notícias do Dia de seu site, e em 22-8-2016 condensou as análises no número 491 da revista IHU On-Line, sob o título *SUS por um fio. De sistema público e universal de saúde a simples negócio*.



financeirização orientando o debate

Tanto o desmonte do SUS, a precarização do trabalho como os ataques à Previdência Social têm um fundo comum. Na realidade, toda a discussão se dá numa perspectiva da lógica da financeirização, que não acomete só o Brasil, mas o mundo todo, que passa a ser atravessado por essa perspectiva. Para compreender mais essa lógica financeirista e analisar seus impactos, em setembro o IHU promoveu o *IV Colóquio Internacional IHU. Políti-*

cas Públicas, Financeirização e Crise Sistêmica. O tema já vinha sendo tratado pelo Instituto, e como forma de preparação para o debate, o número 492, de 5-9-2016, *Financeirização, Crise Sistêmica e Políticas Públicas* reúne entrevistas com professores e pesquisadores do Brasil e do mundo, que analisam as políticas públicas atravessadas pela financeirização, bem como linhas de fuga para romper com essa lógica.



Judicialização da política, repressão e intolerância

O ano de 2016 foi também aquele em que o Poder Judiciário ganhou notoriedade, em que a Operação Lava Jato foi destaque. Entretanto, a discussão que se coloca é de que o Judiciário acaba extrapolando suas instâncias e invadindo outras esferas, como a política. É para problematizar e refletir sobre essa perspectiva que a IHU On-Line nú-

mero 494, de 3-10-2016, *Judicialização da política e da vida dos cidadãos. A democracia e o Estado de Direito em tensão*, retoma o tema com juristas que rompem com a ideia messiânica e salvacionista que transforma o Judiciário em um superpoder.

Na política nacional, em meio a todo esse contexto de Lava Jato e processo de impeachment de Dilma Rousseff, os discursos de *golpe e não golpe, coxinhas e petralhas, vermelhos e verde-amarelos* revelam um clima de intolerância política tão recrudescida que chega a flertar com o outro se atualiza pelo flagelo do não acolhimento à





vítima de imigração e que coloca esse outro como ameaça a si próprio. Todos esses e outros pontos foram o contexto para o debate na IHU On-Line intitulada *A volta do fascismo e a intolerância como fundamento político*, número 490, de 8-8-2016.

A repressão é filha diletta da intolerância. Quando os tempos são obscuros, as manifestações são o sopro de esperança utópica que surge. Além das passeatas, as ocupações de escolas por estudantes secundaristas inauguraram um outro momento de protestos no Brasil. Cortes de gastos e reforma no ensino propostos

pelo governo de Michel Temer são alvo de críticas e, com o subterfúgio de manter a ordem, a força e a repressão policial entram em cena. Foram muitos os episódios de confronto entre manifestantes e polícia, do Rio Grande do Sul e do Paraná, ao Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Em meio a esse turbilhão de acontecimentos, a IHU On-Line retoma um velho - mas sempre atual - debate: a desmilitarização da polícia. Esse é o tema da revista número 497, de 14-11-2016, *Desmilitarização. O Brasil precisa debater a herança da ditadura no sistema policial*.



Olhar na história para iluminar o presente

Em um ano de tantas crises no Brasil, a volta ao passado pode oferecer chaves de leitura para tentar compreender o momento que vivemos. É com esse espírito que a IHU On-Line número 498, de 28-11-2016, retoma o clássico

Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, neste ano em que se celebram os 80 anos da primeira publicação. Nesse número, pesquisadores retomam a obra e pensam o Brasil de hoje a partir de *Raízes*.

Autores inspiradores

A atualidade do pensamento de Lima Vaz foi recuperada a partir das celebrações dos 25 anos da publicação *Antropologia Filosófica*. Assim, o número 488, de 4-7-2016, traz como tema principal *A memória do Ser em plena civilização científico-tecnológica*. 'Antropologia Filosófica' de H.C. de Lima Vaz, 25 anos depois.

Outro autor que a revista recuperou este ano foi Georg Friedrich Hegel. O número 482, de 4-4-2016, *Hegel. Lógica e Metafísica*, parte do VIII Congresso Internacional da Sociedade Hegel Brasileira, intitulado *Lógica e Metafísica em Hegel*, realizado na Unisinos, e mobiliza pesqui-

sadores e pesquisadoras, especialistas no estudo da obra do filósofo alemão, para debaterem o tema.





Ouse saber

Descobrir assuntos que ainda são novidade ou mesmo trazer abordagens diferentes para temas cotidianos é também um dos desafios da IHU On-Line. Dentre os temas curiosos em que nos detivemos, está a edição sobre *Smart*

Drugs e o desbravamento das fronteiras do humano, número 487, de 13-6-2016. O número reúne pesquisadores nacionais e internacionais para refletir sobre medicamentos capazes de corrigir determinados níveis de de-

ficiências motoras ou cognitivas, mas que também servem à busca pela superação da própria condição humana.

Moda é assunto tratado em diversas publicações. Entretanto, no número 486, de 30-5-2016, *Moda. A segunda pele do self em movimento* tenta observar o fenômeno desde outra perspectiva. A roupa, os adornos e demais aparatos que utilizamos para compor a aparência são a comunicação mais imediata que oferecemos a respeito do nosso modo de ser no mundo. Se pensarmos sobre os diversos processos que envolvem as etapas de concepção, produção, circulação e descarte dos produtos, a moda torna-se um espelho ainda mais profundo de nosso tempo, refletindo elementos que dão indícios de quem somos e em que tipo de sociedade vivemos.



Vigilância

O V Colóquio Internacional IHU e VII Colóquio da Cátedra Unesco - Unisinos de Direitos Humanos e Vigilância, Governo e Governança teve como tema este ano a vigilância. Os debates e reflexões acerca desse mundo que apreende

qualquer movimento sob inúmeros olhos atentos inspiraram a edição 495, de 17-10-2016, intitulada *Cidadania vigiada. A hipertrofia do medo e os dispositivos de controle*.



Saneamento básico e agroecologia

A longa tradição do Instituto Humanitas Unisinos - IHU em propor reflexões acerca da relação do ser humano com o planeta é frutífera em conteúdos que debatem questões relacionadas ao (des)equilíbrio ambiental. Neste ano, o Brasil testemunhou o drama da volta de doenças zoonóticas como a dengue e

até o surgimento de outras como zika e chikungunya. Na edição 481, de 21-3-2016, *O fracasso do saneamento básico e a emergência de doenças zoonóticas*, a IHU On-Line entrou no debate, buscando compreender as questões de fundo do tema.



E muito desse desequilíbrio entre ser humano e ambiente se dá pelo vértice da produção agrícola, baseada na grande propriedade e de uma ideia da necessidade de produzir alimentos em larga escala. O resultado, além de desmatamentos de áreas nativas, é uma degradação do solo, pois vai se esterilizar

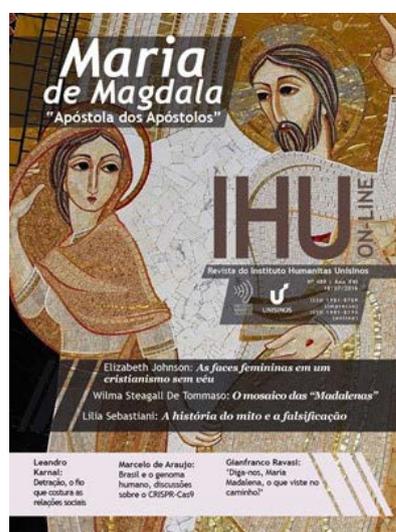
do pelo uso contínuo de agrotóxicos e fertilizantes químicos. Com o intuito de pensar noutro tipo de agricultura, a **IHU On-Line** publica *Agroecossistemas e a ecologia da vida do solo*. Por uma outra forma de agricultura, número 485, de 16-5-2016.



Teologia pública

A **IHU On-Line** observa, também, os movimentos das diferentes confissões religiosas desde uma perspectiva sociológica. Além disso, busca nas reflexões, principalmente a partir do cristianismo, uma vivência mais pulsante da religião como chave de leitura para compreender a si e ao mundo. Em 2016, dentro da perspectiva teoló-

gica, a revista publicou o número 483, de 18-4-2016, intitulado *Amoris Laetitia e a 'ética do possível'*. *Limites e possibilidades de um documento sobre 'a família', hoje*. A partir do documento apostólico assinado pelo Papa Francisco, o número quer inspirar a pensar sobre as configurações das famílias no nosso tempo.



Pensar a figura feminina nos dias de hoje é a questão de fundo que embasa outro número no mesmo viés da **IHU On-Line**, o 489, de 18-7-2016, *Maria de Magdala. Apóstola dos Apóstolos*. Através dessa figura feminina na vida de Cristo, pesquisadores do mundo todo refletem sobre o espaço da mulher na religião e na própria História do Cristianismo.



Outros olhares sobre a morte

Neste ano, a IHU On-Line retomou o que fazia há alguns anos: dedicar a primeira edição de novembro a reflexões sobre a morte, em função das celebrações de 2 de novembro, Dia de Finados. O debate gira em torno dos desafios de pensar a morte para além

de seu caráter mais contemporâneo que é o de ser asséptica, abordando-a como uma experiência de vida. O tema reuniu entrevistas no número 496, de 30-10-2016, com o título *Morte. Uma experiência cada vez mais hermética e pasteurizada.*



Gauchismo

Tradicionalmente, em setembro, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU promove palestras que procuram pensar mais sobre a figura do gaúcho, por alusão ao 20 de setembro, conhecido como o Dia do Gaúcho. Neste ano, a IHU On-Line também fez esse movi-

mento, com o objetivo de tentar compreender o que está por trás da construção mítica dessa figura que vive ao sul do Brasil. A edição número 493, de 19-9-2016, tem como título *Gauchismo - A tradição inventada e as disputas pela memória.*

Versões completas de 2016

A integra das edições da IHU On-Line de 2016 e de outros anos pode ser acessada em ihuonline.unisinos.br



#Dossiê Morte e vida severina

Poema de João Cabral de Melo Neto é emblema da miséria nordestina

Por Vitor Necchi

Entre as efemérides deste 2016 que se encerra, os 60 anos da primeira publicação do poema *Morte e vida severina*, do pernambucano João Cabral de Melo Neto (1920-1999), é uma das mais significativas para a literatura e - sem exagero - para a cultura brasileira. Não há como lê-lo sem ter em mente o contexto social e econômico da época em que foi escrito, entre os anos de 1954 e 1955.

No Nordeste da década de 1950, a morte era uma força precoce e devastadora. Calor, seca, desnutrição, pobreza, concentração fundiária, coronelismo - este é o mundo árido e brutal

onde o personagem Severino empreende sua epopeia trágica enunciada conforme a tradição medieval pelo autor, que concebeu versos preferencialmente heptassílabos (redondilha maior), variando vocábulos regionais com outros de registro erudito.

João Cabral nasceu em Recife (Pernambuco) e passou sua infância nos engenhos de açúcar de propriedade de sua família. Neste ambiente arraigado na tradição fundiária e econômica do Nordeste, costumava ler cordéis para os empregados, impregnando-se de referências próprias do ambiente regional.

Uma encomenda

Morte e vida severina é sua obra mais conhecida, fruto de uma encomenda de Maria Clara Machado, que em 1951 fundou a escola de teatro Tablado, no Rio de Janeiro. João Cabral era diplomata e estava trabalhando desde 1950 em Londres, durante o governo de Getúlio Vargas, até que - nas palavras do próprio poeta - um idiota denunciou que ele e outros quatro diplomatas estariam implantando uma célula comunista no Itamaraty, época em que o Partido Comunista do Brasil estava na ilegalidade.

Um despacho presidencial de março de 1953 afastou os cinco do serviço diplomático, e João Cabral retornou para o Recife, a fim de trabalhar no escritório do pai e garantir o sustento da família. Retomou a carreira diplomática em 1954, depois de recorrer ao Supremo Tribunal Federal. Nesse intervalo, encontrou Maria Clara, que era filha de Aníbal Machado, seu amigo. Ela pediu que o poeta escrevesse um auto de Natal para encenar com o seu grupo. Assim surgiu *Morte e vida Severina - Auto*

de Natal pernambucano. Maria Clara, porém, leu o texto e o devolveu, alegando que não teria como montá-lo.

O editor José Olympio queria lançar a primeira coletânea do poeta. Como *Morte e vida severina* era grande, o autor retirou as marcações próprias da montagem teatral, e o poema integrou o livro *Dois águas*, lançado em 1956. Logo caiu nas graças de escritores, intelectuais e pessoas alinhadas ao pensamento de esquerda. O também poeta e diplomata Vinicius de Moraes foi um que se maravilhou com a história de Severino. A princípio, João Cabral ficou contrariado, pois sua pretensão era alcançar com sua poesia os "sujeitos analfabetos que ouvem cordel na feira de Santo Amaro, no Recife" - o que não deixava de ser um tanto ingênuo, posto a elaboração formal do poema.

Dez anos depois da estreia editorial, o texto ganhou mais projeção com a montagem teatral dirigida por Silnei Siqueira. Era 1966, quando, durante um jantar, João Cabral recebeu a carta do jovem diretor solicitando autorização para montar um espetáculo em que *Morte*

e *vida* seria musicado por outro estreador, o compositor e cantor Chico Buarque de Holanda. No livro *A literatura como turismo* [Cia. das Letras], a cineasta Inez Cabral, filha do poeta, escreveu: "Ele ficou preocupadíssimo ao saber que sua poesia ganharia música. Porém, nunca se sentiu no direito de cercar qualquer criação nascida de seu trabalho".

Capibaribe

Em 2007, na apresentação que fez da edição de *Morte e vida* lançada pela editora Alfaguara, Braulio Tavares conta que, para Gilberto Freyre, havia pelo menos dois nordestes: o agrário e o pastoril; o litorâneo da cana-de-açúcar e o sertanejo das fazendas de gado. Estabelecendo uma lógica paralela, Braulio propõe que, a partir da poesia de João Cabral, também se pode identificar dois nordestes: "o seco e o úmido; o da pedra e o da lama; o que é mumificado vivo pelo sol e o que é apodrecido pelo mar". A geografia, os traços regionais e as condições sociais dos anos 1950 são decisivas para a constituição da poesia cabralina.

João Cabral dizia que sempre escreveu poemas sobre Recife longe da cidade: no início dos anos 1940, mudou-se para o Rio de Janeiro; depois disso, em decorrência da carreira diplomática iniciada em 1945, que o levou a trabalhar em diversos países: Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Paraguai, Portugal, Senegal e Suíça. É de Recife que vem a recorrência do rio Capibaribe como elemento estruturante de importantes obras de João Cabral. Bráulio sugere que se pode pensar em uma trilogia a partir do rio, embora esta não seja uma elaboração original do poeta: *O cão sem plumas* (escrito em 1949-1950), *O rio* (1953) e *Morte e vida severina* (1954-1955).

Bráulio descreve que, em *O cão sem plumas*, “o poeta reconstrói o rio e o ambiente que o cerca, até a chegada ao mar, pelos filtros de sucessivas metáforas e símiles que se entrecruzam: cão, espada, bandeira, maçã...”. Em *O rio*, o tratamento feito pelo autor é mais documental, geográfico. Conforme Bráulio, o poema teria sido escrito com o auxílio da mapoteca do Itamaraty e é “repleto dos sonoros topônimos pernambucanos”. E em

Morte e vida severina, que descreve a caminhada do retirante Severino que percorre a linha do rio até Recife, o mangue e o mar, a fim de escapar da seca. Na primeira obra, a voz que emana do texto é do poeta; na segunda, do próprio rio, que trata de si mesmo em primeira pessoa; em *Morte e vida severina*, são diversos personagens espalhados ao longo do leito que se enunciam.

Morte precede a vida

O título do poema já lança uma senha para se entender o universo descrito, ao inverter o sintagma vida e morte - a morte precede a vida - e ao adjetivar o substantivo próprio Severino. O texto é estruturado em 18 passos que contam a travessia de Severino, um retirante que foge da seca e da morte, em busca de uma vida melhor próximo ao litoral.

Outra divisão é possível, se for considerada a temática. Da parte um a nove, tem-se a marcha de Severino até Recife, costeando o Capibaribe - mesmo quando o rio quase define em meio à aridez da paisagem. Da parte dez em diante, a história se desenrola na metrópole.

O conjunto dessas partes compõem o auto de Natal que culmina com o nascimento de uma criança. Antes da natividade, a morte é uma presença constante, pontuando as cenas. Severino busca a salvação, mas toda a sua jornada é confrontada com vidas que se encerram. As últimas seis cenas apresentam o nascimento do filho de José, mestre carpina - franca alusão à tradição cristã.

João Cabral foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1968. No fim dos anos 1980, retornou ao Brasil. Sua mulher, Stella Maria Barbosa de Oliveira, morreu em 1986. Depois disso, ele se casa com a poeta Marly de Oliveira. Durante toda a sua vida sofreu com intermitentes dores de cabeça, tanto que a aspirina era um traço distintivo em sua vida e mote para alguns textos.

Ao final da vida, estava cego e deprimido. Aveso à religiosidade - mesmo que este universo seja latente em sua obra mais conhecida, que já ganhou mais de cem edições -, conta-se que, quando morreu, em 1999, estava de mãos com Marly, orando. ■

Principais obras – poesia

- Pedra do sono (1942)
- Os três mal-amados (1943)
- O engenheiro (1945)
- Psicologia da composição (1947)
- O cão sem plumas (1950)
- O rio (1954)
- Paisagens com figuras (1956)
- Duas águas (1956)
- Uma faca só lâmina (1956)
- Quaderna (1960)
- Dois parlamentos (1961)
- Serial (1961)
- A educação pela pedra (1966)
- Museu de tudo (1975)
- A escola das facas (1980)
- Auto do frade (1984)
- Agrestes (1985)
- Crime na Calle Relator (1987)
- Sevilha Andando (1990)

LEIA MAIS

- *A segura do sertão nos versos de João Cabral de Melo Neto*. Revista IHU On-Line número 310, de 5-10-2009, disponível em <http://bit.ly/2dtlepB>.
- “*Meu Deus e meu conflito*”. *Teologia e literatura*. Entrevista com Waldecy Tenório, publicada na revista IHU On-Line, número 251, de 17-3-2008, disponível em <http://bit.ly/2h1Eo6d>.
- *O filme e a poesia como dádiva e ressurreição*. Entrevista com Waldecy Tenório, publicada na revista IHU On-Line, número 321, de 15-3-2010, disponível <http://bit.ly/2hYV7J7>.
- *João Cabral e jornalismo literário*: “A literatura não é o terreno das facilidades e das liquidações”. Entrevista especial com José Castello, publicada nas *Notícias do Dia* de 20-1-2008, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2hhWizk>.

#Dossiê Morte e vida severina

Morte e vida severina, ano 60

Por Antonio Carlos Secchin

Em entrevista, o poeta João Cabral de Melo Neto destacou Antonio Carlos Secchin entre todos os professores, pesquisadores e críticos que se debruçaram sobre a obra dele: “Foi quem melhor analisou os desdobramentos daquilo que pude realizar como poeta”, disse. A intimidade com a obra cabralina não é recente, pois a tese e a dissertação de Secchin trataram da obra do poeta. Na edição comemorativa dos 60 anos de publicação de *Morte e vida severina*, lançada pela editora Alfaguara neste ano, ele escreveu a apresentação do poema mais conhecido do poeta pernambucano, destacando que se trata de um “autor admirável pela obstinação em rejeitar as vias fáceis e fluidas do lirismo, e pela ousadia de percorrer severamente os caminhos mais íngremes da linguagem, para neles vislumbrar e colher os sinais e as palavras que aguardam, sem pressa, o momento

de nascer no corpo do poema”. A **IHU On-Line** publica na íntegra o texto de Secchin que está na edição comemorativa de *Morte e vida severina*.

Antonio Carlos Secchin é poeta, ensaísta, crítico literário e professor. Graduado em Português - Literaturas de língua portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (1973), mestre (1979) e doutor (1982) em Letras (Letras Vernáculas) pela UFRJ. Membro efetivo da Academia Brasileira de Letras e professor emérito da UFRJ. Sua tese e sua dissertação, ambas orientadas por Afrânio Coutinho, tratam da poesia de João Cabral de Melo Neto. Autor do livro *João Cabral: A poesia do menos*, (São Paulo: Duas Cidades, 1987. 2.a ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999) que ganhou os prêmios Instituto Nacional do Livro - MEC e Sívio Romero - ABL.

Eis o texto.

Sessenta anos após sua publicação, *Morte e vida severina* é a mais famosa obra de João Cabral de Melo Neto. Seu sucesso foi tanto que, às vezes, parecia desagradar seu autor, como se a luz excessiva sobre esse livro relegasse todos os demais a uma injusta penumbra. Não é exagero afirmar que *Morte e vida...* se transformou no maior êxito editorial da poesia brasileira, já contabilizando cerca de cem edições, sem falarmos nas transposições e leituras que legou para outros veículos como a televisão, o cinema, o teatro e a história em quadrinhos.

A literatura de João Cabral formou-se no intervalo entre a escrita culta da casa-grande, de onde ele veio, e a voz da senzala, onde descobriu a fabulação do cordel, a métrica popular, o gosto pela narrativa e pela representação de um mundo de coisas concretas, ao alcance das mãos e dos olhos.

Vários poetas podem habitar o mesmo poeta. Às vezes, em pacífica e tácita convivência, outras em aberto conflito. A poesia é regida pelos signos da mudança, rejeitando o conformismo que se torna sinônimo de sua morte; por isso, não surpreende que, ao longo da

existência, o artista vá configurando e reconfigurando sucessivas versões de si mesmo, sem que em nenhuma delas resida sua verdade. Durante o percurso, não é raro que se fale em “fases do poeta” e muitas vezes o autor se desconhece desse outro que ele já foi. Assim, muitos escritores renegam ou reformulam drasticamente os escritos de juventude, embora pouco se saiba dos que tenham renegado os da velhice... Ficou célebre a frase com que Murilo Mendes encerrou a apresentação de suas *Poesias*, de 1959, justificando as numerosas alterações efetuadas nos tex-

tos das edições originais: “Não sou meu sobrevivente, e sim meu contemporâneo”.

Em João Cabral a questão é um pouco mais complexa. No caso de Murilo, a diacronia pareceu desarmar o conflito mediante a supressão de textos considerados obsoletos ou excessivamente tributários das tribos de 1922. Já no autor pernambucano temos a presença simultânea de dois padrões poéticos que geram práticas textuais bastante diferenciadas. Refiro-me às famosas *Duas águas*, título de volume publicado em 1956 e em cujas orelhas, não assinadas, o próprio João Cabral esclarece: “de um lado poemas para serem lidos em silêncio /.../ cujo aprofundamento temático /.../ exige mais do que leitura releitura; de outro lado, poemas para auditório, numa comunicação múltipla, poemas que, menos que lidos, podem ser ouvidos”. O texto que inaugurava a “segunda água” era, exatamente, *Morte e vida severina*.

A obra trava um complexo diálogo com as fontes cultas e populares da literatura espanhola, abastecendo-se também no rico manancial do folclore nordestino. E é justamente essa reciclagem do antigo que acaba tornando-se, paradoxalmente, um dos fatores de renovação da poesia de João Cabral, que injeta doses maciças de veio crítico nesse seu aproveitamento das formas da tradição.

Morte e vida... foi classificada pelo autor como um “auto de natal pernambucano”, mas a transposição do mito de nascimento de Cristo ocorre, no poema, pela atenuação ou perda dos componentes laudatórios-religiosos do discurso cristão. Ainda assim, preservam-se ostensivos traços de convergência entre a “matriz” da narrativa cristã e a apropriação que dela fez João Cabral. Em ambas, o pai da criança se chama José, é carpinteiro e morou na cidade de Naza-

ré; há também os vizinhos e seus presentes, que correspondem aos dos reis magos. Nessa releitura laica da chegada do menino-Deus, a esperança, embora precária, encontra-se no território humano: será pelo universo do trabalho que o recém-nascido poderá algum dia redimir-se.

Severino empreende um périplo em direção à vida, representada, no Recife-ponto-final do percurso, pela cena do nascimento. A morte, porém, é sua renitente companheira de viagem, insinuando ao retirante a frágil condição de seu “aluguel” com a vida, na medida em que ele, desde o berço, já se encontra predestinado à morte severina: “Que é a morte de que se morre/ de velhice antes dos trinta,/ de emboscada antes dos vinte,/ de fome um pouco por dia”.

Tanto na origem da travessia, nos limites da Paraíba, quanto em todos os cenários subsequentes, Severino se defronta com a onipresença da morte, ora consumada, como no funeral de um lavrador (“Esta cova em que estás,/ com palmos medida,/ é a conta menor/ que tiraste em vida./ É de bom tamanho,/ nem largo nem fundo./ É a parte que te cabe/ neste latifúndio”), ora potencial, conforme declara uma rezadeira, para quem cantar a morte representa o ofício mais rentável da região (“As estia-gens e as pragas/ fazem-nos mais prosperar./ E dão lucro imediato./ Nem é preciso esperar/ pela colheita. Recebe-se/ na hora mesma de semear”).

João Cabral utiliza a ironia como arma certa para opor-se ao transbordamento sentimental. O leitor é atingido pela crueza dos quadros descritos sem que sejam necessários os excessos verbais comumente advindos de um paternalismo piedoso. Em uma cena passada no Recife - o diálogo entre os dois coveiros que comparam a transatlânticos os caixões dos

bem-nascidos (ou bem-morridos, eu diria) - o tom beira o sarcasmo. Os coveiros equiparam as alas dos ricos a bairros de belas avenidas, pois sequer a morte elimina a ocupação seletiva do (sub)solo; ao contrário, ela duplica, mesmo sob sete palmos, as barreiras sociais erguidas acima da terra. Adiante, quando do nascimento da criança, apesar do clima festivo, ressoa a fala talvez involuntariamente cruel de um vizinho: “Minha pobreza tal é/ que não tenho presente melhor./ Trago papel de jornal/ para lhe servir de cobertor./ Cobrindo-se assim de letras/ vai um dia virar doutor”.

Em sua obra convivem, numa tensão jamais apaziguada, a primeira água de um Cabral cerebral e a segunda água de um João do chão. Num e noutro, o imperativo da construção se faz presente: nele, a poesia dita comunicativa é elaborada na tensão entre o erudito e o popular, nunca é um ingênuo veículo de formas pré-existentes. Por isso a “segunda água”, sendo popular, não é populista: populista é o discurso que se apropria indébita e acriticamente da vertente popular.

Num ensaio sobre o sertão de João Cabral, me referi à inexistência de conselhos ou encorajamentos aos deserdados do Nordeste. Em sua poesia, quase não se encontra um sertanejo “personalizado”, que possua um boi, uma esperança, um chinelo. Só encontramos o sertanejo, figura exemplar, conjugação potencial de traços localizáveis em séries de severinos. Como também é figura exemplar na literatura brasileira o poeta João Cabral de Melo Neto, autor admirável pela obstinação em rejeitar as vias fáceis e fluidas do lirismo, e pela ousadia de percorrer severamente os caminhos mais íngremes da linguagem, para neles vislumbrar e colher os sinais e as palavras que aguardam, sem pressa, o momento de nascer no corpo do poema. ■

#Dossiê Morte e vida severina

Cabral tornou-se influência insuperável

Para Thaís Toshimitsu, a se notar pelo panorama poético contemporâneo, a obra cabralina é um ponto de convergência e de chegada da produção do século 20

Por Vitor Necchi

Thaís Toshimitsu percebe dois tipos de recepção ao poema *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto. Os contemporâneos ao lançamento (1956), assim como os envolvidos e espectadores da peça encenada em 1968 com música de Chico Buarque, receberam bem. Por outro lado, a crítica, principalmente ligada ao movimento concretista, desprezou o texto, “tido como menor, humilde, simplista etc”. Para além desses panoramas, Thaís, provocada a pensar se o autor é um dos gigantes da poesia brasileira, afirma: “Sem dúvida, a se notar pela produção poética contemporânea, Cabral tornou-se uma espécie de influência insuperável. Um ponto de convergência e de chegada da produção do século 20, tanto inédita quanto desafiadora”.

Morte e vida severina não chegou ao povo analfabeto que consumia os romances de cordel, observa Thaís em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Por conta disso, Cabral se frustrava, pois pretendia realizar uma obra popular, de tomada de consciência. “Manteve-se, assim, não só limitado a uma experiência e a um sentimento de classe, o que restringe sua funcionalidade, mas a uma classe a quem o poema intencionalmente não fora dirigido.” Conforme a pesquisadora, o fracasso do autor “reside na impossibilidade de o texto constituir uma relação, por meio da palavra, entre

o intelectual/artista e os homens pobres e analfabetos”.

Seis décadas depois, Thaís acha que, de certo modo, *Morte e vida severina* ainda é atual e serve como instrumento de denúncia. Mas com alguma ressalva, pois considera “já ser pouco o apontamento da miséria e de suas causas econômicas, dadas pela violenta exploração do trabalho e do trabalhador, ante as ‘novas velhas’ condições que estamos enfrentando neste momento no país”.

Para Thaís, os poemas de João Cabral - que defendia o trabalho de arte em contraposição ao enaltecimento da inspiração - “têm como ponto de partida o universo que o formara subjetivamente, de modo que a escolha do Nordeste o implica diretamente na situação que se lê nos poemas e, embora ele deseje conceber-se somente como espectador daquela vida miserável, é parte intrínseca dela”.

Thaís Toshimitsu é doutora, mestra e graduada em Letras pela Universidade de São Paulo - USP, onde atualmente faz estágio pós-doutoral no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP. Em sua tese e dissertação, pesquisou a obra de João Cabral de Melo Neto. É professora da Bolandeira - Casa de Letras e Ideias.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - A escolha por escrever um auto de Natal decorre do apreço de João Cabral pelos formatos clássicos ou ela guarda alguma referência mais subjetiva? A alusão ao universo religioso, incluindo o nascimento de Jesus, diz respeito a traços pessoais do autor ou se trata de estratégia narrativa para contar uma histó-

ria que dialogasse com o imaginário popular?

Thaís Toshimitsu - É conhecida a estória sobre a criação de *Morte e Vida...* Maria Clara Machado encomendara a Cabral, àquela altura, uma peça de teatro que pudesse ser representada pelo grupo Tablado, do Rio de Janeiro, mas que, ao fim, acabou sem realização em

cena. Cabral, então, transformou o texto dramático em um *poema dramático*, retirando-lhe apenas as marcas de entrada das falas. Sua publicação em livro data, pela primeira vez, de 1956, em *Dois águas*.

A forma do auto de Natal é interessante porque resulta do projeto consciente do autor para

sua produção poética naquele momento. Se o compreendermos como parte de uma trilogia acerca do rio Capibaribe, que contaria ainda com *O cão sem plumas* (1951) e *O rio* (1953), fica evidente o desejo de Cabral de configurar e incluir o Outro em sua poesia. *Morte e vida* realiza isso ao dar voz a Severino, sertanejo retirante, por meio da escolha de uma forma popular - o auto de Natal, contudo, pernambucano. Ponto de encontro entre a religiosidade cristã filtrada, no entanto, pela experiência popular local e a tradição ibérica herdada pela colonização. De certo modo, o auto perfaz um encontro entre os mundos culto e popular, apontando para uma linha de continuidade entre ambas no tempo, invertendo o ponto de vista da História.

IHU On-Line - João Cabral é um dos gigantes da poesia brasileira? Por quê?

Thais Toshimitsu - A pergunta é difícil e vou tentar respondê-la criticamente sem pensarmos apenas em exaltações ao poeta, o que pouco nos auxilia a vê-lo. Sem dúvida, a se notar pela produção poética contemporânea, Cabral tornou-se uma espécie de influência insuperável. Um ponto de convergência e de chegada da produção do século 20, tanto inédita quanto desafiadora.

Inédita porque não havia entre nós uma tradição lírica que escapasse à construção melódica ou à inclinação discursiva. Cabral constrói seu campo poético sobre novos paradigmas afinados ao recente processo de modernização do país e à promessa do que a racionalidade em país atrasado propunha realizar. Uma poesia conduzida pelo pensamento e pelo rigor construtivo postos em primeiro plano. Sua matéria poética desvia-se, portanto, do sentimentalismo fácil, do tom nostálgico - tão típico de nossas elites -, da inspiração como motor da criação. Em termos formais, afasta-se do apelo sonoro, indutor de sensações e das formas prontas.

O construtivismo de Cabral colocava-se como escolha formal e estética contra a violência, com vislumbre ao desenho utópico de uma sociedade mais justa.

IHU On-Line - Para João Cabral, a inspiração era um incômodo. O que isso revela do seu entendimento acerca do ato criativo e do seu processo de escrita?

Thais Toshimitsu - A escolha da racionalidade já se mostra como contraposição à inspiração. Cabral defende em seus poucos textos teóricos e em sua poesia o trabalho de arte em contraposição ao enaltecimento da inspiração. Sua criação se fazia da atenção e não da emanção inconsciente. O risco de automatização do trabalho o mantinha vigilante a esse respeito.

O poema *Catar feijão* (de *Educação pela pedra*) talvez seja seu texto mais famoso na descrição do seu procedimento de trabalho:

Catar feijão

1.

Catar feijão se limita com escrever: joga-se os grãos na água do alguidar e as palavras na folha de papel; e depois, joga-se fora o que boiar. Certo, toda palavra boiará no papel, água congelada, por chumbo seu verbo: pois para catar esse feijão, soprar nele, e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão entra um risco: o de que entre os grãos pesados entre um grão qualquer, pedra ou indigesto, um grão imastigável, de quebrar dente. Certo não, quando ao catar palavras: a pedra dá à frase seu grão mais vivo: obstrui a leitura fluvante, flutual, açula a atenção, isca-a como o risco.

Há muitos pontos interessantes nele: o peso desejado para o pensamento, uma espécie de "plumpes denken" a garantir o lastro do raciocínio; a precisão e objetividade na escolha das palavras, para que nada sobre, mas também, como a amarrar a

escolha estética, a aproximação entre o fazer poético e um ato cotidiano, caseiro, de trabalho. Podemos pensar em Cabral como um herdeiro da prosa de Graciliano Ramos¹ mais que da tradição poética constituída entre nós (embora ela não esteja descartada). E à semelhança do escritor alagoano, que se comparava às lavadeiras de roupa a torcerem o excesso, a concepção estética da escrita está fundada em atitude ática diante da miséria e do atraso nordestinos e brasileiros.

IHU On-Line - Por que ele estranhava a relação calorosa que *Morte e vida severina* teve entre intelectuais?

Thais Toshimitsu - Para responder a isso, cito o próprio escritor, em entrevista dada no início dos anos 1990: "Pensam que não gosto do livro (...). Agora uma coisa que me decepcionou é que quando escrevi *Morte e vida severina* estava pensando nessa gente, como aquela do engenho, que não sabe ler e ficaria escutando (...). Foi ingenuidade minha. *Morte e vida severina* não chega ao povo analfabeto que consome os romances de cordel".

Não estranhava, portanto, a recepção entre os intelectuais, mas frustrava-se ante o desejo de realizar uma obra popular, de tomada de consciência, que, contudo, foi lida e apreciada pelos seus pares. Manteve-se, assim, não só limitado a uma experiência e a um sentimento de

¹ **Graciliano Ramos** (1892-1953): escritor alagoano, nascido em Quebrângulo. Autor de numerosas obras, várias delas adaptadas para o cinema, como *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*, em 1963 e 1983, respectivamente, filmes dirigidos por Nelson Pereira dos Santos. O romance *Vidas secas* foi o objeto de estudo do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, de 17-6-2004. Quem conduziu o debate foi a professora Célia Dóris Becker. Confira uma entrevista que a professora concedeu sobre o tema na 105ª edição da **IHU On-Line**, de 14-6-2005, disponível para download em <https://goo.gl/bHDxBo>. Confira, também, a edição 274, de 22-9-2008, intitulada *Josué de Castro e Graciliano Ramos. A desnaturalização da fome*, disponível para download em <https://goo.gl/f7Zift>. (Nota da **IHU On-Line**)

classe, o que restringe sua funcionalidade, mas a uma classe a quem o poema intencionalmente não fora dirigido. Seu fracasso, assim, reside na impossibilidade de o texto constituir uma relação, por meio da palavra, entre o intelectual/artista e os homens pobres e analfabetos.

No entanto, os intelectuais e artistas que receberam bem a obra foram, sobretudo, seus contemporâneos e, mais tarde, os envolvidos e espectadores da peça encenada em 1968², com música de Chico Buarque³. É corrente na crítica, principalmente ligada ao movimento concretista, um desprezo pelo texto, tido como menor, humilde, simplista etc.

IHU On-Line - O texto de *Morte e vida severina* é marcado pela crítica social, fruto de uma época de tensionamento, de articulação dos camponeses e de abismos entre classes sociais. Seis décadas depois, ele ainda é atual, ainda serve como instrumento de denúncia?

Thais Toshimitsu - Acho que sim, de certo modo. Todavia, me parece já ser pouco o apontamento da miséria e de suas

2 A primeira encenação de *Morte e vida severina* ocorreu no final da década de 1950, pelo grupo Norte Teatro Escola do Pará. Em 1965, Silnei Siqueira foi responsável pela montagem no Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Tuca, com o poema musicado por Chico Buarque. O espetáculo recebeu o prêmio de melhor direção no Festival de Teatro em Nancy, na França. Desde então, a peça é presença constante no teatro brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Chico Buarque** [Francisco Buarque de Hollanda] (1944): músico, compositor, teatrólogo e escritor carioca. Um dos mais famosos nomes da música popular brasileira (MPB), cuja discografia tem aproximadamente 80 discos. Ganhou fama por sua música, que comenta o estado social, econômico e cultural do Brasil. Começa a ter destaque a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum, *Chico Buarque de Hollanda*, e venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música *A banda*. Autoexilou-se na Itália em 1969, devido ao aumento da repressão da ditadura instalada em 1964. Venceu três Prêmios Jabuti de literatura: o de melhor romance em 1992, com *Estorvo*, e o de Livro do Ano com *Budapeste*, lançado em 2004, e *Leite Derramado*, em 2010. (Nota da **IHU On-Line**)

causas econômicas, dadas pela violenta exploração do trabalho e do trabalhador, ante as “novas velhas” condições que estamos enfrentando neste momento no país.

Se compararmos o poema de Cabral ao romance *Vidas secas*⁴, fica mais claro como o poema perdeu, ao longo do tempo, em relação ao texto de Graciliano. O desejo de ampliação de público, que está na base de *Morte e vida*, se faz na crença da possibilidade de supressão da distância entre as classes no Brasil. Esse procedimento ocorre em *Morte e vida* por meio da consciência do subdesenvolvimento dada como forma literária e que resulta em alguma ingenuidade, ao mesmo tempo, em certo conformismo.

Na medida em que o aspecto cíclico da obra de Cabral aponta para a vida sempre capaz de nascer, aproximando o destino do homem pobre ao de Cristo, a negatividade da obra cai, e o tensionamento da trajetória de Severino se dilui. Mesmo que a nova vida seja uma repetição de todas as outras e os homens se vejam prisioneiros do ciclo infinito de miséria, há redenção no final. O oposto ocorre em *Vidas secas*, onde o caráter cíclico da obra aponta para o aprisionamento dos homens pobres ausentes de consciência do sistema no qual sobrevivem.

O momento atual exige consciência crispada, atenção vigilante e força para realizar enfrentamentos e embates - forma permanentemente recusada ao longo de nosso processo histórico.

4 **Vidas secas**: quarto romance do escritor brasileiro Graciliano Ramos, escrito entre 1937 e 1938, publicado originalmente em 1938 pela editora José Olympio. As ilustrações na primeira edição foram feitas pelo artista plástico Aldemir Martins. A obra é inspirada em muitas histórias que Graciliano acompanhou na infância sobre a vida de retirantes. O pai de família Fabiano e a cachorra Baleia estão entre os personagens mais famosos da literatura brasileira. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - O imaginário em torno do Nordeste remetia fortemente, até o final do século passado, à seca e à figura do retirante. Nas últimas décadas, tem-se a impressão de que esta situação foi atenuada, embora, mais recentemente, a seca voltou a assombrar a região. Qual a importância de *Morte e vida e severina* na representação desta realidade? Em que reside o vigor e a permanência do poema?

Thais Toshimitsu - Embora o desejo hoje seja o de uma obra mais combativa, *Morte e vida* segue sendo um modelo ético e, por conta disso, estético. Sem dúvida alguma, a realidade de que o poema trata se mantém viva e o texto, atual, o que revela o caráter de modernização conservadora de nosso processo histórico sustentado pelo interesse de nossas elites. A atualidade, portanto, não reside no problema da seca. As grandes obras nordestinas desde os anos 1930, dentre elas destacada *Vidas secas*, trouxeram à tona a violência da exploração do trabalhador e das periferias no país. O resultado é a revelação da modernização da produção do campo e da cidade como ainda condenação das classes trabalhadoras, e esse caráter não apenas se conserva, como se adensou nos últimos meses, quando estamos assistindo a um dos maiores retrocessos, do ponto de vista das poucas conquistas trabalhistas, da história desse país.

IHU On-line - Qual era a perspectiva política do autor? Como o contexto histórico-social influenciou na escrita do poema?

Thais Toshimitsu - Cabral, embora tivesse respondido a processo de acusação de comunismo no início dos anos 1950, não pode ser definido como um escritor engajado, no sentido da construção de uma poesia participante. Contudo, *Morte e vida* talvez tenha representado seu maior esforço na direção da concepção de uma forma literária que apontasse para um horizonte socialista.

IHU On-Line - Na coletânea que reúne poemas de João Cabral que aludem ao Capibaribe [*O rio*, editora Alfaguara], a filha do poeta, Inez Cabral, afirmou que o rio foi para o autor “um filme em sessão contínua, uma leitura sem fim, em outras palavras: um canal de aprendizado e contato com o mundo ao seu redor”. O que o rio mostrou para o autor? Na geografia particular dele, qual a dimensão do Capibaribe?

Thaís Toshimitsu - O rio é o da infância, do passado, da formação mais essencial e anterior do poeta. Por isso não pode referi-lo como um rio ou o rio, mas sempre, em *O cão sem plumas*, como *aquele* rio. As imagens e símiles vão à busca de um “reespessamento” do real, rarefeito pela memória. Eis o esforço da consciência em tensão com a subjetividade. Não de qualquer consciência também, mas daquela despertada por um compromisso social, entretanto, em conflito com a afetividade construída no passado.

Chegamos a um ponto importante, pois em João Cabral, ao tomarmos *O cão sem plumas* como ponto de partida, notamos que aquilo que singulariza sua obra - ao mesmo tempo em que lhe empresta legitimidade - também problematiza seu *engajamento*. Seus poemas têm como ponto de partida o universo que o formara subjetivamente, de modo que a escolha do Nordeste o implica diretamente na situação que se lê nos poemas e, embora ele deseje conceber-se somente como espectador daquela vida miserável, é parte intrínseca dela. Afinal, ao retornar por meio da poesia ao mundo nordestino, que abandonara na juventude, volta-se para os pobres do rio pernambucano, fazendo-os centro temático e formal de sua poesia, gesto que o obriga a situar-se subjetiva e socialmente, de modo bastante concreto, em relação ao que estava produzindo.

HU On-Line - Qual a sua opinião sobre as versões para cinema e

televisão de *Morte e vida severina*? No que elas projetam ou reduzem a obra original?

Thaís Toshimitsu - A peça, escrita na metade dos anos 1950, ganhou braços que a manteve presente no imaginário do público brasileiro durante mais de 30 anos: a primeira montagem foi feita no teatro Cacilda Becker, com Walmor Chagas⁵ no papel de Severino, na sequência Siqueira⁶ realizou a conhecida montagem com música de Chico, Zelito Viana⁷ fez seu filme nos anos 1970 e Avancini⁸, o especial de TV, nos

5 **Walmor Chagas** (1930-2013): ator, nasceu no Rio Grande do Sul. Mudou-se para São Paulo no começo dos anos 1950, querendo se tornar ator de cinema. cursou Filosofia na Universidade de São Paulo. Teve destacada atuação no teatro, na televisão e no cinema. Em 1952, fundou o Teatro das Segundas-Feiras, junto com Ítalo Rossi, encenando *Luta até o amanhecer*, de Ugo Betti. Estreou no Teatro Brasileiro de Comédia em 1954, atuando na peça *Assassinato a domicílio*, de Frederick Knott, com direção de Adolfo Celi. Estreou no cinema em 1965, no papel do empresário Carlos, em *São Paulo S/A*, de Luís Sérgio Person. Walmor Chagas foi casado 13 anos com a atriz Cacilda Becker, até a morte dela, em 1969. Ambos tinham uma filha, a cantora Maria Clara Becker Chagas, conhecida como Clara Becker. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Silnei Siqueira** (1934-2013): encenador, diretor e ator paulistano. Grande nome do teatro, ficou famoso pela montagem no Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Tuca, em 1965, de *Morte e Vida Severina*, poema de João Cabral de Melo Neto musicado por Chico Buarque. Pela montagem, recebeu o prêmio de melhor direção no Festival de Teatro em Nancy, na França. Também era professor e advogado. Dirigiu as óperas *O Guarani*, *Mestre Capela*, *La Bohème*, *O Barbeiro de Sevilha* e *Gianni Schicchi*. Fundou o Grupo de Teatro do Clube Pinheiros e o Teatro Paulista do Estudante. Ingressou na Escola de Arte Dramática de São Paulo (1958). (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Zelito Viana** [José Viana de Oliveira Paula] (1938): cineasta brasileiro, irmão do comediante Chico Anysio e da atriz e comediantes Lupe Gigliotti. Dirigiu e produziu filmes como *Minha Namorada* (1970), *O doce esporte do sexo* (1971), *Os condenados* (1975), *Morte e vida severina* (1976), *Terra dos índios* (1978) e *Avaeté - semente da vingança* (1984), *Villa-Lobos - Uma vida de paixão* (2000). Produziu vários filmes e programas de televisão. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Walter Avancini** (1935-2001): escritor, autor e diretor de telenovelas e minisséries. Um dos mais inovadores e criativos diretores da história da televisão brasileira, dirigiu clássicos da teledramaturgia como *A deusa vencida*, *As minas de prata*, *Selva de pedra*, *O semideus*, *O rebu*, *Gabriela*, *Saramandaia*, *Nina*, *Xica da Silva*, *O cravo e a rosa*, além

1980. *Morte e vida severina* experimentou praticamente todos os veículos de arte e comunicação modernos: nasceu livro, passou a ter existência viva no teatro, foi disco, filme e programa de televisão.

A crítica, diante da situação, fez do fato de *Morte e vida* só ter alcançado a popularização com as músicas de Chico a medida do fracasso poético e comunicativo e estético do poema. Desde então, o texto passou a ser desvalorizado pela crítica especializada, ao mesmo tempo em que proporcionalmente sua função didática crescia. Foi adotado pelas instituições de ensino como referência de estudo da obra de João Cabral e do que as escolas e os livros didáticos nomeiam como terceira geração modernista. Acabou na lista de leituras exigidas pelo concurso vestibular de universidades públicas; foi resumido, analisado e estudado longa, mas também, superficialmente, em livros, apostilas, sites da internet.

Tanto a afirmação do poeta quanto a força que a música popular adquire no país, em substituição à poesia ou misturada a ela, parecem sintomas do mesmo subdesenvolvimento, agora evidente no campo da cultura, de que João Cabral, os de sua geração e os de antes tinham tomado consciência. Com isso, não afirmo que a música popular tenha qualidade inferior à literatura, não se trata disso, mas de notar que apesar de o analfabetismo vir decrescendo, não houve aumento proporcional no número de leitores no Brasil. De tal modo que a música (popular brasileira) veio disputar lugar com a literatura, em lugar de unir força a ela, mantendo o perfil da cultura brasileira algo débil. ■

de minisséries e especiais históricos aclamados no Brasil e no exterior, como *Morte e vida severina* (baseado no poema de João Cabral de Melo Neto), *Avenida Paulista*, *Moinhos de vento*, *Anarquistas, graças a Deus*, *Rabo de saia*, *Grande sertão: veredas*, *Memórias de um gigolô* e *Chapadão do Bugre*, entre outros. (Nota da **IHU On-Line**)

#Dossiê Morte e vida severina

Reflexão sobre a linguagem é o principal da poesia cabralina

Para Bráulio Tavares, João Cabral agia como se tudo no mundo fosse um conjunto de sinais que pudesse ser interpretado e comparado com outros conjuntos de sinais

Por Vitor Necchi

O escritor Bráulio Tavares identifica no universo poético de João Cabral de Melo Neto um núcleo que opera uma vasta reflexão sobre a natureza, a paisagem social e a linguagem. “A reflexão sobre a linguagem é a parte mais importante, mais original, da poesia dele. Cabral via linguagem em tudo”, descreve em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

No seu entendimento, o poema *Morte e vida severina* mantém-se atual, em primeiro lugar, porque a situação social descrita na obra “não se alterou muito em mais de meio século”. Além disso, porque “o poema produziu imagens e contextos simbólicos que desde então ficaram fortemente associados à realidade descrita, e que de certa forma acabam contaminando, no caso de observadores que conheçam o poema, a própria maneira de enxergá-la”. A força dos versos é tamanha que, para

Tavares, “não é exagero dizer que sempre que refletirmos sobre a seca usaremos, num ou noutro momento, pontos de vista fixados pelo poema de Cabral”.

Bráulio Tavares (Campina Grande, 1950) é escritor, poeta, compositor, letrista e pesquisador de ficção científica e literatura fantástica. Organizou várias antologias desse gênero para a editora Casa da Palavra (Rio de Janeiro). Mora no Rio de Janeiro desde 1982. Tem forte influência da literatura de cordel. Autor da peça *Folias Guanabaras* e de *Contando estórias em versos* (Editora 34 Letras), sobre a literatura de cordel, e de livros independentes de vários gêneros, como ensaio, poesia, contos, ficção científica, romance, cordel e infantil. Ele escreveu a apresentação de *Morte e vida severina*, coletânea de poemas de João Cabral de Melo Neto lançada pela editora Alfaguara.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor afirma que a obra de João Cabral tem um perfil intensamente pessoal em razão da sintaxe, da temática e do olhar que o autor lança sobre a natureza e o mundo dos homens. Para além desta síntese, como podemos apresentar o universo do autor?

Bráulio Tavares - Eu diria que o universo poético de João Cabral tem como núcleo uma vasta reflexão sobre a natureza, a paisagem social e a linguagem.

IHU On-Line - João Cabral publicou *Morte e vida severina* quan-

do tinha 35 anos. Ele viveu até os 79. Nestes quase 45 anos, que caminhos seguiu sua poesia? Quais temas, estilos e propósitos?

Bráulio Tavares - A reflexão sobre a linguagem é a parte mais importante, mais original, da poesia dele. Cabral via linguagem em tudo. Nesse sentido, toda sua obra é a evolução dessa pesquisa, que nunca cessou. Ele pode usar como tema a natureza (o rio, o canavial, as frutas etc.), a paisagem social (os cemitérios, os retirantes, os artífices, os profissionais de diversos tipos), mas ele está sempre comparando linguagens, signos - “dic-

ções”, como ele gostava de dizer. Como se tudo no mundo fosse um conjunto de sinais que pudesse ser interpretado e comparado com outros conjuntos de sinais.

Com exceção do seu primeiro livro, que tem um viés totalmente diverso, a carreira de Cabral seguiu basicamente essas linhas.

IHU On-Line - Em *Morte e vida severina*, o autor criou habilmente a partir de diferentes formatos tradicionais. Com esta obra, pode-se dizer que ele atingiu a maturidade literária?



O universo poético de João Cabral tem como núcleo uma vasta reflexão sobre a natureza, a paisagem social e a linguagem.

Braulio Tavares - Não sei se maturidade é o termo, mas o fato é que *Morte e vida severina* é o seu trabalho mais conhecido, o mais acessível, o que foi transposto com maior sucesso para outras formas de expressão (teatro, televisão, cinema). Cabral viria a fazer diferentes experimentos com a linguagem ao longo da obra. Na minha opinião, seu livro mais denso neste aspecto é *A educação pela pedra* (1962-65), com seus versos longos, suas estrofes largas e compactas.

IHU On-Line - João Cabral produziu versos intencionalmente fáceis, para que alcançasse um público maior. Que intenção sustentava esta opção?

Braulio Tavares - O verso de Cabral nunca é fácil, se visto no contexto da nossa poesia, principalmente quando pensamos no contexto em que cada livro dele surgia nas décadas de 1950, 1960 etc. Podemos perceber que havia a cada livro um impacto muito forte, pela sintaxe muito pessoal, a aspereza, a precisão da linguagem, a recusa à emoção exteriorizada. Somente no interior de uma obra assim é que podemos considerar fácil a linguagem de *Morte e vida severina*, que contou, para sua popularização, com a imensa ajuda da dimensão musical e da dimensão cênica.

IHU On-Line - *Morte e vida severina* é a obra mais famosa de João Cabral. Além de conhecida, ela é a mais significativa e importante? Por quê?

Braulio Tavares - Eu diria que é a mais conhecida, e que é também a melhor porta de entrada para a

obra dele, juntamente com *O cão sem plumas*. Quanto à importância, isso vai do enfoque e do gosto pessoal de cada leitor. Toda a obra é igualmente importante, para mim.

IHU On-Line - Ao dizer que João Cabral é o mais visual dos poetas brasileiros, que aspectos da obra dele o senhor está destacando? Como esta "arte de ver" chega ao leitor?

Braulio Tavares - Cabral é mestre naquele requisito que Ezra Pound¹ chamava de "fanopeia", a capacidade de evocar imagens visuais através da palavra. Sua poesia é em grande parte uma poesia do olho, aspecto que, aliás, é reforçado pela sua longa história de amizade e convivência com artistas plásticos e artistas gráficos. "O mais visual" é uma hipérbole, claro, pois são muitos os poetas que têm esse traço, mas acho que qualquer seleção de nomes com essa qualidade teria que forçosamente incluir o nome dele.

Seus símiles visuais são sempre inesperados e instantaneamente verossímeis, reafirmando aquela descrição da poesia como a arte de mostrar aquilo que já vimos e não sabíamos que tínhamos visto.

¹ **Ezra Pound** (1885-1972): Ezra Weston Loomis Pound é um poeta, músico e crítico americano que, junto com T. S. Eliot, foi uma das maiores figuras do movimento modernista da poesia do início do século XX. Ele foi o motor de diversos movimentos modernistas, notadamente do Imagismo e do Vorticismo. Sua obra, carregada de citações e alusões históricas, é aclamada como uma das mais importantes da poesia do século XX. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - O senhor descreve João Cabral como um poeta que tem um projeto literário racional, ao mesmo tempo que é movido por intuições profundas e sensações lancinantes. Como é possível esta aparente ambivalência? E como se processa a carga emotiva de *Morte e vida severina*?

Braulio Tavares - Cabral era um homem polarizado, um homem onde conviviam extremos opostos - ou pelo menos é esse o retrato dele feito por pessoas que o conheceram. Dizem seus amigos que ele chegava a dizer, referindo-se a sua mania obsessiva por ordem, organização: "Eu tenho que botar ordem em alguma coisa, porque minha cabeça é um caos".

O projeto literário de Cabral está muito claro nos seus textos em prosa (já reunidos em livro, pela Nova Aguilar e também, se não me engano, pela Nova Fronteira). *Poesia e composição* (1952, com o subtítulo "A inspiração e o trabalho de arte") é uma boa síntese da sua visão construtivista, que leva em conta a tradição e o arcabouço coletivo da língua e da literatura, que ele contrapõe à mera inspiração subjetivista da maioria da produção poética que via em torno.

As intuições profundas que alimentam sua poesia requerem justamente um rigor maior de elaboração, para que não acabem explodindo a expressão poética.

IHU On-Line - A montagem teatral, com a música de Chico Buarque, amplia a potência dos versos originais? Como?

Braulio Tavares - Se o poema já foi escrito com a intenção de ser musicado, é provável que o autor tenha tido em mente essa dicção "para fora", esse impulso declamatório ou do canto propriamente dito. *Morte e vida severina* seria, assim, uma extensa letra de música ou poema oral. Isso não pode ser dissociado na natureza do poema - se, repito, ele foi escrito com a consciência de que seria cantado ou dito em voz alta.

Essa consciência da oralidade acabou contaminando outros livros do poeta. Em *Dois Parlamentos* (1958-1960), há poemas com rubricas como “ritmo senador; sotaque sulista”, “ritmo deputado; sotaque nordestino” etc.

IHU On-Line - Qual a sua opinião sobre as versões para cinema e televisão? No que elas projetam ou reduzem a obra original?

Braulio Tavares - Faz muito tempo que vi as adaptações de cinema e TV. Na época gostei, mas não me arrisco a fazer um julgamento sem rever os trabalhos.

IHU On-Line - Este auto de Natal pernambucano pode ser considerado a obra poética mais emble-

mática da seca nordestina e de seus personagens, os retirantes?

Braulio Tavares - Há muitos poemas que têm a seca como tema, mas *Morte e vida* talvez seja a primeira referência que nos vem à mente. É preciso lembrar, entretanto, que o poema não é apenas sobre a seca. A partir da metade ele se desenrola na úmida e fértil Zona da Mata, litorânea, e nos mangues do Recife.

IHU On-Line - O poema é fruto de uma época, de um contexto, de uma economia. O que a obra mantém de atual?

Braulio Tavares - Em primeiro lugar, o fato de que a situação social descrita não se alterou muito em mais de meio século. Em segundo,

o poema produziu imagens e contextos simbólicos que desde então ficaram fortemente associados à realidade descrita, e que de certa forma acabam contaminando, no caso de observadores que conheçam o poema, a própria maneira de enxergá-la. Não é exagero dizer que sempre que refletirmos sobre a seca usaremos, num ou noutro momento, pontos de vista fixados pelo poema de Cabral.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Braulio Tavares - Nada substitui a leitura dos poemas em si, e, no presente caso, a audição de alguma de suas versões encenadas, visto que se trata do que chamamos informalmente de “poesia em voz alta”, mais do que poesia lida. ■

A desidentificação da esquerda como possibilidades na política brasileira contemporânea

Prof. Dr. Moyses Pinto Neto – ULBRA

24 de abril de 2017
(segunda-feira) | 19h30min às 22h

Saiba mais: ihu.unisinos.br/eventos



#Dossiê Morte e vida severina

O nascimento de um *Jesus-severino* e a vitória da esperança

Eli Brandão analisa como o *Auto de Natal Pernambucano*, de João Cabral de Melo Neto, torna o nascimento do Cristo algo muito próximo, humano e dessacralizado. Com isso, inspira a seguir na jornada da vida

Por João Vitor Santos

A imagem do presépio natalino, com o menino Jesus recém-nascido deitado na manjedoura de poucas palhas, bem como toda a jornada daquela família, emociona. Há quem fique horas diante das imagens imóveis do presépio, fitando e sentindo a magia daquele momento. Entretanto, reconhecer aquela cena viva, menos sacralizada e em movimento, atualiza e ressignifica a chegada do Cristo, tornando-o humano e próximo, pulsando noutra magia. É esse movimento que faz João Cabral de Melo Neto ao reconstituir os desafios de vida e a esperança que se renova num nascimento a partir da narrativa do nordestino Severino. “O encaixe do auto de Natal no momento mais agudo do desespero de Severino dá ao anúncio do nascimento do menino um sentido especial. Pois, para combater o desespero em sua potência máxima, só uma esperança em potência ainda maior”, destaca o professor e doutor em Ciências da Religião Eli Brandão da Silva.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o professor observa como esse conto torna a história do Cristo mais inteligível, traduzida pela cultura popular. “A mulher que sai do mocambo e, festivamente, faz o anúncio do nascimento do menino, encobre o anjo da anunciação de Mateus e de Lucas”, exemplifica. Eli reconhece que a anunciação do nascimento no auto pernambucano é brevíssimo, “mas comporta tanto a ampliação dos agentes, quanto a inclusão dos marginalizados”. Ele explica que isso se dá porque, “por um lado, o agente da anunciação não é um ser assexuado nem um astro celeste, mas uma pessoa humana, uma mulher, um pobre. Por outro, o anúncio

alcança imediatamente Severino e Carpina, retirantes, marginalizados, mas também símbolos dos que têm esperança de encontrar vida”. Ainda na entrevista, Eli provoca a leitura da obra na perspectiva que se pode chamar de teologia popular. “Pode ser entendida como teológica, pois os textos da tradição cristã não são privativos da igreja cristã ou dos teólogos”, pontua.

Eli Brandão da Silva é doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo - Umesp, com tese intitulada *Nascimento de Jesus-Severino no auto de Natal pernambucano como revelação poético-teológica da esperança: hermenêutica transtexto-discursiva na ponte entre Teologia e Literatura*. É também mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil - STBNB, Recife - PE, com dissertação sobre as relações entre Teologia e Filosofia na obra de Sören A. Kierkegaard, a partir dos conceitos de Angústia, Desespero e Fé. Licenciado em Letras Vernáculo/Inglês pela Universidade Católica de Pernambuco/Universidade Estadual da Paraíba, ainda é bacharel em Teologia pelo STBNB. Atualmente é professor da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI, na mesma universidade. Entre suas publicações de destaque estão *Jesus-Severino e a teimosa Esperança* (Estudos de Religião, São Bernardo, v. 1, n.1, p. 18-37, 2007) e *E o Divino se faz verbo: conjunções entre símbolo e metáfora* (Estudos de Religião, São Paulo, v. 01, n.01, p. 161-177, 2005).

Confira a entrevista.



Trata-se de uma esperança pequenina, que compra a vida a retalho, que compra a vida de cada dia e, teimosamente, impulsiona a vida a se fabricar

IHU On-Line - Em que medida podemos considerar *Morte e vida severina* um texto teológico?

Eli Brandão da Silva - Para responder a essa pergunta, preciso apontar qual é o conceito de Teologia implícito no meu trabalho. De forma sintética, teologia é discurso sobre os deuses. Neste sentido, a obra *Morte e vida severina: Auto de Natal pernambucano* pode ser entendida como teológica, independente da intenção do seu autor, por se apresentar configurada em diálogo com textos fundantes da tradição cristã, como um palimpsesto¹, por constituir sua pluridiscursividade por meio da incorporação de contributos discursivos da tradição teológica. Esta obra de João Cabral pode ser entendida como teológica, pois os textos da tradição cristã não são privativos da igreja cristã ou dos teólogos, mas pertencem ao patrimônio cultural da humanidade. Neste sentido, já não é mais possível controlar o fazer teológico, assim como ninguém pode controlar o fazer filosófico, político, histórico, e todos os saberes.

Além disso, a relação hipertextual, o palimpsesto, pode se apresentar pouco compacta e evidente, de tal modo que o desvelamento da condição teológica

¹ **Palimpsesto:** designa um pergaminho ou papíro cujo texto foi eliminado para permitir a reutilização. Tal prática foi adotada na Idade Média, sobretudo entre os séculos VII e XII, devido ao elevado custo do pergaminho. A eliminação do texto era feita através de lavagem ou, mais tarde, de raspagem com pedra-pomes. A reutilização do suporte de escrita conduziu à perda de inúmeros textos antigos – desde normas jurídicas em desuso até obras de pensadores gregos pré-cristãos. (Nota da **IHU On-Line**)

da obra dependa do trabalho de análise e interpretação do leitor, em face às diversas possibilidades hermenêuticas.

IHU On-Line - De que forma esse texto de João Cabral de Melo Neto proporciona uma revelação poético-teológica da esperança?

Eli Brandão da Silva - A obra possui uma divisão interna que apresenta 18 cortes. Destacando o auto de Natal do restante da obra, restam 12 cortes, simetricamente, atualizados por seis monólogos e seis cenas, dispostos alternadamente. A narrativa segue linearmente, numa alternância entre os monólogos e as cenas, constituindo a tensão dramática, que, progressivamente, vai se condensando até a primeira parte da última cena dialógica, quando ocorre o clímax. Neste momento, há uma interrupção da narrativa, o auto de Natal é encaixado, pondo um fim no caráter trágico da ação com o anúncio do nascimento do menino, pois este é a ponte que liga o auto trágico ao auto de celebração da esperança, à peça-mito.

Não fosse o salto para dentro da vida em oposição ao salto para fora da vida, os autos estariam completamente desconectados e o auto trágico, sem desfecho. Por isso, podemos dizer que o auto trágico precisa do auto de Natal para completar o seu sentido. Já o auto de Natal, diferentemente, tem autonomia, podendo ser deslocado para outros contextos.

Para perceber a referência no palimpsesto, basta responder às perguntas:

Quem é este, que tem o poder de impedir que o desespero se consuma em suicídio?

Quem é este nascente, que traz a esperança para os que lutam pela vida?

Quem é este, que converte o drama trágico do humano em celebração?

O fato de o anúncio do nascimento do menino a José, mestre carpinteiro, produzir o efeito de interromper a tragédia, já mostra a riqueza do simbolismo deste nascimento.

Ícone do drama humano

Severino, mais do que um representante regional, pode representar também o drama humano, enquanto busca de vida, de esperança, neste caso, a resposta ao seu grito de morte e desespero não se reduz ao nascimento de mais um Severino. O menino nascido só se torna símbolo da esperança porque estamos num auto de Natal. A riqueza do simbolismo deste nascimento não advém da interpretação de figuras isoladas, mas pelo encadeamento das figuras de Maria, Zacarias, José e as outras que, alusivamente, nos remetem aos Evangelhos, nos apontam para Jesus.

É revelação porque o sentido somente se desvenda por meio da análise e interpretação do palimpsesto. É poética porque se instaura uma junção simbólico-metafórica que potencializa a esperança por meio da alusão ao nascimento de Jesus, o que lhe confere a dimensão teológica.

IHU On-Line - A morte é algo presente em toda a narrativa de Severino. Como compreender essa ideia de morte? E como ela se perfaz no relato do nascimento do bebê no mocambo² da beira do rio?

² **Mucambo:** também conhecida como mocambo, palhoça, palhota, tejupar, cubata ou choupana. São denominações dadas a moradias construídas artesanalmente, muitas vezes de frágil constituição. Apresenta diferenças no Brasil mais de natureza regio-

Eli Brandão da Silva - A morte se apresenta ao longo do auto trágico, alternando-se entre monólogos e cenas, até a última cena dialógica, quando ocorre o clímax. No seu diálogo com Severino, seu José, mestre carpina, luta para preservar a vida do retirante, enquanto a morte lhe resiste pela fala e pelo gesto de Severino. A notícia do nascimento da criança, ocorrida no exato momento do desespero mortal de Severino, impediu a tragédia, instaurando a vitória da vida e da esperança que teimosamente resistiu pela fala do Carpina.

Isto porque a fala trágica de Severino, que antecipava um salto para dentro da morte, consumando a tragédia, foi interrompida pelo grito de uma mulher que, da porta do mocambo de José, anuncia-lhe que seu filho saltou para dentro da vida.

O tempo cronológico foi, miticamente, suspenso e instaurou-se um tempo festivo.

Foi encaixado o auto de Natal; um auto dentro do auto.

O drama trágico do Severino foi interrompido por uma epifania³.

O encaixe do auto de Natal no momento mais agudo do desespero de Severino dá ao anúncio do nascimento do menino um sentido especial. Pois, para combater o desespero em sua potência máxima,

nal, conforme o material empregado na sua construção – folha de buriti, palha de coqueiro, palha de cana, capim, sapé, lata velha, pedaços de flandres ou de madeira, cipó ou prego – do que de tipo, numas regiões mais africano, noutras mais indígena. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Epifania: é uma súbita sensação de entendimento ou compreensão da essência de algo. Também pode ser um termo usado para a realização de um sonho com difícil realização. O termo é usado nos sentidos filosófico e literal para indicar que alguém “encontrou finalmente a última peça do quebra-cabeças e agora consegue ver a imagem completa”. O termo é aplicado quando um pensamento inspirado e iluminante acontece. Teologicamente, é a revelação ao aparecimento de qualquer divindade. No sentido cristão, é também a denominação da festa que comemora o batismo de Cristo e também as bodas de Caná. Também é entendida, na Igreja ocidental, como a visita dos Reis Magos, como ocasião da primeira manifestação de Cristo aos gentios. (Nota da **IHU On-Line**)

só uma esperança em potência ainda maior. A criança nascente, neste caso, não pode ser um menino qualquer nascido no mangue. Seu salto para dentro da vida impediu que Severino desse o salto para dentro da morte.

“

O nascimento de Jesus-severino transforma o sentido teológico da esperança

Releitura da anunciação bíblica

A mulher que sai do mocambo e, festivamente, faz o anúncio do nascimento do menino, encobre o anjo da anunciação de Mateus⁴ e de Lucas⁵. Em Mateus, além do anjo, o anúncio faz-se por meio da estrela do oriente, ampliando os agentes da anunciação, pois elementos da natureza física são instrumentos dessa revelação divina. Em Lucas, a anunciação é duplicada, pois não só a Maria as “boas novas” são anunciadas, mas também aos pastores, o que nos sugere uma esperança que alcança também os marginalizados. No auto de Natal pernambucano, a anunciação é breve, mas comporta tanto a ampliação dos agentes, quanto a inclusão dos marginalizados. Isto porque, por um lado, o agente da anunciação não é um ser assexuado nem um astro celeste, mas uma pessoa humana, uma mulher, um pobre. Por outro, o anúncio alcança imediatamente Severino e Carpina, retirantes, marginalizados, mas também símbolos dos que têm esperança de encontrar vida.

Os efeitos produzidos pelo nascimento do menino são análogos aos que foram produzidos por ocasião

⁴ Mateus 1; 18-25. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ Lucas 1; 26-38. (Nota da **IHU On-Line**)

do nascimento de Jesus. Todos os que se encontram com o menino passam a viver num clima de alegria e a expressar atitudes de solidariedade, fraternidade e esperança, semelhante ao que ocorreu com os pastores e os magos. O canto final, o hino à vida, mostram que o auto de Natal se harmoniza com o sentido teológico dos prototextos teológicos, com as narrativas dissimuladas dos Evangelhos de Mateus e Lucas.

IHU On-Line - O último “cenário” de *Morte e vida severina* é a conversa “do carpina” com o retirante a partir da reflexão de que “se não vale mais saltar da vida e da ponte”. Que reflexões esse trecho pode inspirar e o que diz sobre a realidade do Nordeste brasileiro?

Eli Brandão da Silva - Não é a mesma coisa dizer que um retirante desesperado estava prestes a praticar um suicídio quando o avistaram do nascimento de uma criança qualquer da favela. Isto não impede um suicídio, nem nos remete a nenhum símbolo, nem abate o desespero, impedindo a tragédia. Mas, se entramos no mundo do texto e de lá percebemos uma busca cheia de esperança de encontrar a vida que não chega; se, na hora do desespero, do salto da morte, a criança que nasce é a do auto de Natal, então, ninguém tem dúvida, é Jesus. O rito de iniciação, o símbolo do nascimento nos lança ao profundo mistério da vida, ao sagrado, à esperança.

IHU On-Line - Em que contexto político-social João Cabral de Melo Neto concebe *Morte e vida severina*? E qual era a inserção da religião nesse contexto?

Eli Brandão da Silva - A obra *Morte e vida severina - auto de Natal pernambucano* foi escrita entre 1954-1955 por solicitação de Maria Clara Machado⁶. Mas como houve

⁶ **Maria Clara Machado** (1921-2001): foi uma escritora e dramaturga brasileira, autora de peças infantis. Em 1951, fundou uma das maiores escolas de teatro do Brasil, o Tablado. Considerada a maior autora de teatro in-

recusa para a montagem da peça, somente em 1956 ela foi publicada. A obra foi encomendada por Maria Clara para ser encenada como um Auto de Natal. Esse aspecto da encomenda, por si só, demonstra que deveria ser uma reescritura das tradições cristãs, portanto das narrativas do nascimento de Jesus.

O próprio João Cabral comenta que esta sua obra é uma homenagem às literaturas ibéricas, sendo os monólogos do retirante provindos do romance castelhano, a cena do enterro, do folclore catalão e os cantores de excelências, do Nordeste brasileiro. No Auto de Natal, vemos também a presença da tradição do pastoril do folclore pernambucano, além de outros elementos da tradição ibérica, ligados aos autos de devoção e de conversão.

Contexto social

O contexto social está marcado pela condição de miséria decorrente dos efeitos da seca, por um lado, e, por outro, decorrente da submissão dos pobres ao sistema de poder político e econômico do coronelismo, que prevalecia, por meio do qual oligarquias, representadas pela figura dos latifundiários senhores de engenhos, que concentravam o poder e a riqueza e dominavam o gado e as pessoas. Prevalecia, do ponto de vista religioso, um catolicismo popular, a serviço dos poderosos.

Contudo é preciso levar em conta que alguns textos literários, por sua dimensão universal e atemporal, sempre extrapolam os limites dos contextos de origem e ao serem apropriados por diferentes leitores e em diferentes espaços e diferentes temporalidades, como bem observa Ricoeur⁷: “é essen-

fantil do país, Maria Clara Machado escreveu quase 30 peças infantis, livros para crianças e 3 peças para adultos (*As interferências*, *Os Embrulhos* e *Miss Brasil*). É filha de Aníbal Machado, escritor, futebolista, professor e homem de teatro brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Paul Ricoeur** (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir o artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na edição 49 da **IHU On-Line**, de 24-02-2003,

cial(...) que ela [a obra] transcenda suas próprias condições psicossociológicas de produção e que se abra, assim, a uma sequência ilimitada de leituras, elas mesmas situadas em contextos socioculturais diferentes. Em suma, o texto deve poder, do ponto de vista tanto sociológico quanto psicológico, descontextualizar-se de maneira a deixar-se recontextualizar numa nova situação: é o que justamente faz o ato de ler”.

“

[a obra] Pode ser entendida como teológica, pois os textos da tradição cristã não são privativos da igreja cristã ou dos teólogos

IHU On-Line - Como as perspectivas da filosofia existencial e das teologias aparecem e se articulam na literatura produzida por autores nordestinos?

Eli Brandão da Silva - A Literatura dialoga com a Filosofia e Teo-

disponível para download em <http://bit.ly/ihuon49> e uma entrevista na edição 50 que pode ser acessada em <http://bit.ly/ihuon50>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória sobre Ricoeur*, em função de seu falecimento. Confira o material em <http://bit.ly/ihuon142>. A formação de Ricoeur se dá em contato com as ideias do existencialismo, do personalismo e da fenomenologia. Suas obras importantes são: *A filosofia da vontade* (primeira parte: *O voluntário e o involuntário*, 1950; segunda parte: *Finitude e culpa*, 1960, em dois volumes: *O homem fático* e *A simbólica do mal*). De 1969 é *O conflito das interpretações*. Em 1975 apareceu *A metáfora viva*. O sentido do trabalho filosófico de Ricoeur deve ser visto em uma teoria da pessoa humana; conceito – o de pessoa – reconquistado no termo de longa peregrinação dentro das produções simbólicas do homem e depois das destruições provocadas pelos mestres da “escola da suspeita”. (Nota da **IHU On-Line**)

logia da Existência, à medida que temas existenciais expressivos da finitude e potência da condição humana são tecidos por meio dos percursos temáticos e/ou figurativos referentes a conceituações e metaforizações de temas como a morte, o desespero, a angústia, a solidão, o tempo, a dor, a saudade, a liberdade, a esperança, a libertação, o amor, a alegria, entre outras expressões da existência humana e configurados na pluridiscursividade metafórica dos seus textos, sendo os mesmos plausíveis de serem interpretados. Os temas existenciais mimetizados nas poéticas dialógica e dialeticamente promovem rupturas e/ou continuidades em relação ao discursivo das filosofias e das teologias da existência, evidenciando a potência da literatura como portadora de reflexões e importante interlocutora no diálogo com as filosofias e teologias da existência.

IHU On-Line - Quais as particularidades da religiosidade popular nordestina, que mistura diversas formas de manifestação da fé, e como é retratada na literatura regional?

Eli Brandão da Silva - No atual mundo globalizado, interconectado, as fronteiras entre religiosidades do campo e cidade são cada vez mais tênues. Além disso, por toda parte, se multiplicam manifestações religiosas, cada vez mais plurais, ao tempo em que a literatura regional, em consequência, expressa em seus textos essa diversidade e fecundidade.

IHU On-Line - A dureza da miséria e da seca nordestina é muito presente no imaginário da cultura popular do Brasil das décadas de 80 e 90. Entretanto, nas últimas décadas, esse Nordeste não aparece mais associado a essas imagens da cultura popular. Há de fato esse deslocamento da imagem do Nordeste? Por quê?

Eli Brandão da Silva - O inchaço das grandes cidades do eixo Sul-Sudeste, o desenvolvimento industrial e comercial do Nordeste (o que promove um movimen-

to diferente do êxodo rural que fez muitos retirantes buscarem a saída Sul\Sudeste), e a reflexão empreendida em torno da história recente do Brasil certamente contribuíram para a contestação da ideia do Sul\Sudeste maravilha\paraíso e para a emergência de novos imaginários, por meio dos quais o Nordeste passa a ser ressignificado e refigurado, vindo a ser expresso, de forma crítica e criativa, na literatura e no cancionero da música popular, principalmente, nos últimos doze anos.

IHU On-Line - Como a imagem do retirante é atualizada no Brasil de 2016?

Eli Brandão da Silva - Posso exemplificar com uma canção “*Orgulho de Ser Nordestino*”, de autoria de Flávio Leandro⁸, interpretada por Flávio José⁹, representativa dessa geração de forrozeiros altruístas do Nordeste¹⁰.

8 Francisco Flávio Leandro Furtado: cantor e compositor brasileiro. Começou a compor aos 13 anos, com fortes influências dos amigos. Participou do primeiro festival em 1985, o “Sementes da Terra”, em que se apresentou cantando canções de sua autoria. Integrou como vocalista a Banda Raio Laser, em 1992. Mas seu primeiro CD, *Travessuras*, foi lançado em 1997. Lançou em 2000 o CD *Brasilidade*, que mescla forrós pé-de-serra. No ano seguinte, lançou mais um disco, dessa vez de forma acústica e posteriormente o CD *Forró Iluminado*. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Flávio José Marcelino Remígio: cantor e compositor brasileiro, intérprete de músicas tradicionais do forró nordestino. Iniciou-se como cantor desde os 7 anos de idade. Tem como principais influências Luiz Gonzaga e Dominginhos. (Nota da **IHU On-Line**)

10 A canção está disponível em <http://bit.ly/2hoPOPR>. (Nota do entrevistado)

Além da seca ferrenha

Do chão batido e da brenha

O meu nordeste tem brio

Quer conhecer então venha

Que eu vou te mostrar a senha

Do coração do brasil

São nove estados na raia

Todos com banho de praia

Num céu de anil e calor

São nove estados unidos

Crescentes fortalecidos

Onde o brasil começou

E hoje no calcanhar da ciência

Formam uma grande potência

Irrigando o chão que secou

É verdade que a seca inda deixa sequela

Mas foi aprendendo com ela

Que o nosso nordeste ganhou

Deixou de viver de uma vez de esmola

E foi descobrir na escola

A grandeza do nosso valor

Eu quero é cantar o nordeste

Que é grande e que cresce

E você não conhece doutor

De um povo guerreiro, festivo e ordeiro.

De um povo tão trabalhador

Por isso não pise, viaje e pesquise.

Conheça de perto esse chão

Só pra ver que o nordeste

Agora é quem veste

É quem veste de orgulho a nação.

IHU On-Line - Que inspirações continuam candentes em *Morte e vida severina* ainda nos dias de hoje?

Eli Brandão da Silva - O nascimento de Jesus-severino transforma o sentido teológico da esperança. Mas não se trata de uma esperança como a simbolizada pelo nascimento de Isaque, a qual se referia a uma esperança de prosperidade para todas as subsequentes gerações, tampouco se trata de uma esperança que aponta apenas para além desta vida, como tem predominado nos discursos da escatologia do fundamentalismo protestante. Mas se trata de uma esperança pequena, que compra a vida a retalho, que compra a vida de cada dia e, teimosamente, impulsiona a vida a se fabricar.

Essa esperança de vista curta é uma esperança-semente da nova vida explodida, é uma abertura do ser. Mais do que isso é a potência que testemunha que a vida não está condenada a ser um drama trágico, mas que pode se tornar um espetáculo festivo, solidário, fraterno.■



VI COLÓQUIO INTERNACIONAL IHU.
Política, Economia, Teologia. Contribuições da
obra de Giorgio Agamben
23 e 24 de maio de 2017

#Dossiê Morte e vida severina

Severino e a experiência de fé e religiosidade nordestina

Maria Augusta Torres observa como João Cabral retrata, na literatura popular, um exemplo de como a religiosidade tem outros sentidos quando vivida a partir da realidade de um povo

Por João Vitor Santos

“O texto deve permitir a descoberta de novos caminhos para entender sua mensagem”. A frase da professora Maria Augusta Torres, mestra em Ciências da Religião, é importante para compreender a ponte que a literatura popular nordestina faz para acessar a religião. Na obra de João Cabral de Melo Neto, destaca a forma como o autor traduz o cânone religioso para a cultura local. Para ela, esse texto revela outros caminhos para se compreender a mensagem bíblica com o referencial da vida que se leva no semiárido. “A obra de arte tem o poder de ser interlocutora criativa para a reflexão da religião”, aponta. E detalha: “João Cabral faz o seu texto, partindo do real, apresentando formas de religiosidade vivida pelo povo do Nordeste, através do diálogo com seus personagens. Por isso a arte pode ser a afirmação daquilo que é mais profundo na vivência humana”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Maria Augusta traz um pouco de sua experiência no Nordeste brasileiro para destacar a importância do referencial naquela cultura popular para, a partir dela, compreender-se enquanto ser vivente no mundo. “A literatura popular instiga o leitor a ter uma visão de mundo e daquilo que ele pretende anunciar”,

destaca. Ela lembra, por exemplo, a importância e o papel das tradicionais histórias de cordéis. “Os cordéis, literatura trazida de Portugal, são as mais genuínas formas de apresentar a religião com toda suas variantes como força integradora da vida, porque eles falam de uma realidade vivida. Esta arte popular é a expressão daquilo que é mais profundo na experiência da existência humana”.

Maria Augusta de Sousa Torres é mestra em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco - Unicap. Sua dissertação é *Ensino Religioso e Literatura: um diálogo a partir de Morte e vida severina*. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Atualmente é presidente da Comissão do Ensino Religioso da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte e professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Entre suas publicações, destaca *O Ensino Religioso nos Caminhos do Rio Grande do Norte* (Formação de Docentes e Ensino Religioso no Brasil: Tempos, Espaços, Lugares. 1ed.blumenau: EDFURB, 2008, v. 1, p. 117-124) e *A transcendência: a arte de ultrapassar materialidade* (In: Sociedade de Teologia e Ciência da Religião - SOTER, 2010, Belo Horizonte/MG).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que reflexões *Morte e vida severina* suscita? E qual sua conexão com os tempos em que vivemos?

Maria Augusta de Sousa Torres - Em *Morte e vida severina*, João Cabral constrói uma poética com conteúdo onde se desvelam ques-

tões fundamentais da vida humana do homem nordestino. A obra suscita ao leitor uma visão de mundo e todas as implicações da vida do ser-

tão provocadas pelas grandes estiagens, mostrando também o seco da vida que aparece na paisagem física e social. O texto, além de apresentar o contato com a morte, que nos dá uma ideia de transcendência, aproxima-nos, também, da ideia de finitude e nos proporciona uma assimilação da ideia de escatologia. A inversão morte/vida recorda nossa origem e o nosso destino “como uma teologia cósmica e universal” (WALDECY TENÓRIO, 1996), evidenciando o ser finito e, ao mesmo tempo, a ideia de infinito no texto.

João Cabral, com *Morte e vida severina*, denuncia para o mundo, a partir do seu personagem principal, uma história vergonhosa que se passa no sertão nordestino, evidenciando a geografia da fome e a falta de tudo. Seu fazer poético materializa imagens do descaso daqueles que lucram com a seca e a pobreza do Nordeste. Severino é o resumo do coletivo de imagens dramáticas do cotidiano de desventuras e adaptações humanas que sofre o sertanejo.

Auto de Natal

O poema tem como subtítulo *Auto de Natal Pernambucano*, pois é uma peça de teatro encenada na época do Natal e se configura na representação simbólica do nascimento do menino Jesus, que veio trazer “vida nova para todos” (Jo, 10, 10). Com o nascimento do menino, a comunidade do mangue renasce e, em profunda sinergia com a natureza e a vida que “salta” no meio da pobreza, se instala a religião do amor e da partilha com o objetivo de acolher a solidariedade na diversidade da cultura. Necessidades tão prementes em nossos dias, não como um imperativo religioso, mas como exigência de cuidado com a vivência da ética.

O grande valor de uma nação consiste na valorização do seu povo e de suas tradições culturais, e João Cabral, com sua identificação com o povo Severino, valoriza a cultura do povo simples do Nordeste e faz uma revelação através de sua arte. Os países que não se preocupam com políticas de de-

envolvimento regional e cultural, são meros fabricantes de massas sociais que vivem de benesses do governo sem preocupação com políticas cidadãs, sem direitos e sem identidade cultural, portanto a poesia pode ser o meio de provocar ao ser humano, na vivência de suas relações sociais, a oportunidade de expressar suas ideologias e utopias, permitindo uma visão mais integradora da vida humana.

“
Severino é o resumo do coletivo de imagens dramáticas do cotidiano de desventuras e adaptações humanas que sofre o sertanejo

IHU On-Line - No que consiste um Auto de Natal e o que faz de *Morte e vida severina* um deles?

Maria Augusta de Sousa Torres - Os autos são peças teatrais que têm características religiosas ou burlescas, cuja finalidade é criticar ou ironizar. São peças populares do período medieval europeu e foram utilizadas pela igreja para narrar assuntos religiosos. *Morte e vida severina* é considerado auto de Natal pernambucano, por embasar as tradições religiosas do “pastoril”, típico de Pernambuco, que é encenado por ocasião das festas de Natal formando um presépio vivo.

O texto *Morte e vida severina* é uma obra de teatro encomendada por Maria Clara Machado¹.

¹ **Maria Clara Machado** (1921-2001): foi uma escritora e dramaturga brasileira, autora de peças infantis. Em 1951, fundou uma das maiores escolas de teatro do Brasil, o Tablado. Considerada a maior autora de teatro infantil do país, Maria Clara Machado escreveu quase 30 peças infantis, livros para crianças

E João Cabral vai buscar elementos para sua formação no folclore pernambucano, descrito no livro de Pereira da Costa², e ainda em suas reminiscências de infância. O poema apresenta a tragédia da miséria nordestina, através de fortes imagens visual e auditiva com uma linguagem simples que prende a atenção do leitor, para situá-lo dentro de uma realidade social que ultrapassa as fronteiras do Nordeste e vai além das fronteiras do país, com o objetivo de fazer ecoar um grito profético contra a miséria do mundo que é fabricada para alimentar a riqueza de poucos. A culminância do auto se dá com o nascimento do menino, nos mangues do Recife, única esperança de vida numa semelhança com o nascimento de Cristo que veio para resgatar a humanidade.

IHU On-Line - Que relações é possível se fazer entre a narrativa de João Cabral de Melo Neto e a história bíblica do Cristo? E em que medida essas relações servem de fermento para a religiosidade popular?

Maria Augusta de Sousa Torres - Toda história bíblica é a narração das experiências concretas de um povo à procura de Deus e da ação desse Deus se revelando ao povo, e a Bíblia deve ser lida no contexto da vida. Jesus nasceu e viveu no seio de uma família pobre do povo de Israel, compartilhando com todos a vida, as esperanças e as angústias, na perspectiva de “vida para todos e vida em abundância” (Jo 10,10). O nascimento de Cristo irrompe a história e nos liberta de forma definitiva, ao mesmo tempo

e 3 peças para adultos (*As interferências, Os Embrulhos e Miss Brasil*). É filha de Aníbal Machado, escritor, futebolista, professor e homem de teatro brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Francisco Augusto Pereira da Costa** (1851-1923): foi um advogado, jornalista, historiador e político brasileiro. Entre suas obras de destaque está *Anais Pernambucanos*, uma obra historiográfica publicada em 10 volumes, num total de 5.566 páginas, ordenados cronologicamente, que abrange a história e a vida de Pernambuco de 1493 a 1850. Estão publicados desde incidentes históricos importantes a fatos curiosos e jocosos da vida pernambucana. (Nota da **IHU On-Line**)

congrega todos numa fraternidade capaz de abrir novos caminhos na história, quando nos entrega o texto das bem-aventuranças (Mt 5, 1-12) como caminho de verdade, amor e compreensão.

O protagonista da história em *Morte e vida severina* sai lá da Serra das Costelas, limites da Paraíba, e vai em busca de “vida” até a cidade de Recife. E ele vai seguindo o curso do rio Capibaribe³, que nasce no município de Brejo da Madre de Deus na divisa de Pernambuco com a Paraíba, possui 74 afluentes e banha 32 municípios pernambucanos, estabelecendo uma metáfora com o rosário e a ladainha, orações religiosas do universo da religiosidade popular do Nordeste. Assim, o rio inspirou João Cabral a tecer sua crônica social, política e religiosa com semelhanças muito fortes com a caminhada do povo de Deus em busca de vida e libertação. Severino é o personagem de uma história vergonhosa que se passa no Nordeste, e o rio é o fio condutor dessa história, tem a missão de ligar Severino à vida.

O poema de João Cabral é recheado de uma religiosidade marcante, própria da cultura popular, que aparentemente faz parte da matriz judaico-cristã, mas na verdade serve de alento para dar sentido à vida do povo que sofre com a falta de tudo. Esta religiosidade possibilita uma visão espiritual de sentido. A literatura, portanto, pode ser a interlocutora dessa mensagem religiosa. Podemos perceber em vários fragmentos textuais de *Morte e vida severina*, sobretudo nas “excelências”, a importância dessa religiosidade ajudando o morto na travessia para vida eterna, além de outros elementos que compõem esse imaginário da religiosidade,

³ **Rio Capibaribe:** banha o estado brasileiro de Pernambuco. Seu curso é dividido em alto e médio cursos, situados no Polígono das Secas, onde o rio apresenta regime temporário, e o baixo curso, onde se torna perene, a partir do município de Limoeiro, no agreste do estado. Antes de desaguar no Oceano Atlântico passa pelo centro da cidade do Recife. O topônimo, que é originário da língua tupi e significa “rio das capivaras”, provém da junção dos termos kapibara (capivara), y (água, rio) e pe (em). (Nota da **IHU On-Line**)

tais como o rosário, as novenas de santo, mês de Maria, a caminhada, tudo faz parte das expressões de fé vivida pelo povo.

IHU On-Line - Como compreender o contexto político-social e religioso do Brasil da época em que João Cabral de Melo Neto escreve *Morte e vida severina*?

Maria Augusta de Sousa Torres - Nossa identidade cultural foi formada sobretudo pela matriz religiosa cristã, de cunho católico. Nossos primeiros catequizadores foram jesuítas, logo nossa cultura é impregnada por uma religiosidade católica relevante, com o cultivo da devoção aos santos, as romarias, as procissões e muitos outros. E esse projeto que nos anos 1950 era dirimido entre as classes populares, que viviam à margem das políticas sociais do Brasil, foi o contexto religioso da produção de *Morte e vida severina*, embora nessa época já despontasse um cristianismo com certa veia profética libertadora e comprometida com mudanças políticas e sociais. O dado religioso era tão forte que servia como identificação. Vejamos no poema: “O meu nome é Severino, não tenho outro de pia / Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, / deram então de me chamar, Severino de Maria” (João Cabral, 2007).

O ser humano se expressa em suas práticas e a experiência da religiosidade ocasiona uma prática que não pode ser reduzida ao ritual, mas incide como conduta individual e social. Estas práticas podem ser a grande gestora de esperança e de realização de grandes sonhos, na luta para que políticas sociais estejam a serviço do povo e não se prestem somente a um jogo de cena com fins eleitorais. Nesse sentido, a poesia de João Cabral nos aponta uma relação de comprometimento com as mudanças sociais, pois o texto poético pode ser visto como amostra de uma realidade profundamente enraizada e provocadora da ação consciente do homem no mundo.

IHU On-Line - Em que medida *Morte e vida severina* dialoga com a perspectiva do Papa Francisco de “inculturação da fé”?

Maria Augusta de Sousa Torres - A literatura apresenta uma interpretação própria da história e da vida do ser humano no mundo. Ela faz o registro das ações do homem e seu meio social, religioso e político. Ao caminhar nos versos de *Morte e vida severina*, o leitor se põe em contato com várias paisagens, a seca, o rio, o sertanejo, a religiosidade, a morte, e os mais variados caminhos que fazem parte da estratégia de sobrevivência da vida do sertão. Tudo se interliga para dar clarividência a uma mensagem: mostrar ao mundo a miséria do Nordeste e recriar um novo *ethos* cultural, avesso a qualquer forma de exploração. Conforme Antonio Carlos Secchin⁴ (1985), “o real se apresenta mais enquanto evento do que enquanto sistema”, como se pela força da palavra fosse possível conquistar a vida em si mesmo como recuperação da própria existência.

Tudo isso só se percebe no poema porque ele está inserido na cultura do povo simples. Seu teor poético faz parte inerente da vida e das manifestações de religiosidade que servem de alento para suportar as agruras do cotidiano. “Ladainha e Rosário” são rezas longas de grande significado na religiosidade popular. Estas metáforas acompanham Severino em sua caminhada até a chegada no Recife, onde ele pensa encontrar vida, mas na verdade só encontrou a morte.

A inculturação

O Papa Francisco afirma que as culturas são muito diferentes entre si. Assim sendo, cada princípio ge-

⁴ **Antonio Carlos Secchin** (1952): poeta, ensaísta e crítico literário brasileiro. É membro da Academia Brasileira de Letras, eleito em 3 de junho de 2004. Doutor em Letras, é professor titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 1993. Ganhador de diversos prêmios literários, organizador de antologias como as de João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles (edição do centenário), Mário Pederneras, dentre outros. (Nota da **IHU On-Line**)

ral, se quiser ser aplicado, precisa ser inculturado para alcançar a eficácia da mensagem. É exatamente o que se constitui o princípio de anúncio da mensagem religiosa, ela só atingirá sua eficácia se for dirigida a partir da cultura. Ainda segundo o Papa Francisco, a inculturação não debilita os valores, mas demonstra sua força renovadora e sua eficácia redentora.

Severino encontra a resposta que tanto desejava dentro da cultura do povo simples dos mangues do Recife. A instalação do presépio é o encontro com a vida que se renova através de nossas memórias religiosas, estabelecendo sentido, e dando respostas às questões existenciais do personagem, com a metáfora do nascimento de Cristo se dar o "Auto de Natal", que se incultura para abrir espaços e acolher Severino e o menino que acabaram de nascer.

IHU On-Line - Como a senhora compreende a religiosidade popular a partir de sua experiência no Nordeste brasileiro?

Maria Augusta de Sousa Torres - Nós fomos colonizados pelos portugueses, junto com eles também vieram a religião, com os ritos e os mitos que compõem a matriz religiosa. É o que João Batista Libanio⁵ denomina de catolicismo popular. É uma religiosidade resistente às novas formas de evangelização, mas com manifestação de fé muito forte. Esta religiosidade foi marcada pela intensa presença de imagens de santos, ritos, festas, romarias e procissões, tudo se constitui espaços privilegiados de vivência de fé. As festas de padroeiros são momentos fortes dessa experiência religiosa, que se regem mais pela lógica do inconsciente e do

⁵ **João Batista Libanio** (1932-2014): padre jesuíta, escritor e teólogo brasileiro. Ensinou na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (ISI - FAJE) em Belo Horizonte, e foi vigário da paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano, na Grande Belo Horizonte, até sua morte. A edição 394, de 28-05-2012, da **IHU On-Line** trouxe como tema de capa a trajetória de JB Libanio. Confira a versão digital em <http://bit.ly/1EKv6N7>. (Nota da **IHU On-Line**)

emocional do que do racional e doutrinário. Hoje a Igreja aproveitou estes momentos para fazer sua evangelização.

Na Arquidiocese de Natal, a padroeira é Nossa Senhora da Apresentação, celebrada em 21 de novembro. É uma festa belíssima, com um grande significado dentro das tradições religiosas do povo. Nos rituais das novenas, a igreja se enche de fiéis e todos demonstram muita fé. A procissão é um momento de muita reflexão e muita piedade, o povo caminha quilômetros sem se cansar, com pedras na cabeça, vestidos com as cores de Maria, descalços, e muitas outras expressões de fé, respeito e veneração. Esta religiosidade é muito acentuada no Nordeste, pois é o momento em que o homem expressa sua relação com o mistério, fazendo uma leitura da realidade a partir do ponto de vista da sua significação, assim faz uma experiência de sagrado que incide em sua conduta individual e social.

“
**O poema de
João Cabral
é recheado de
uma religiosidade marcante**

Experiência na religiosidade popular

Pessoalmente tive uma experiência muito rica, quando fui fazer uma fala em Mossoró, cidade a 280 quilômetros de Natal, por ocasião da festa da padroeira, Santa Luzia, celebrada em 13 de dezembro. Lá, há duas novenas, à tarde e à noite. Fui convidada para a da tarde, pensava eu que estariam presentes poucas pessoas. Entretanto, me deparei com a catedral lotada. Em função disso, pensei que, certamente, à noite não teria ninguém e

fui ver a novena da noite. A Igreja estava lotada novamente. Concluí, ao observar aquela participação e a piedade do povo, que as festas de padroeiros são uma necessidade humana e radical e servem para alimentar a experiência religiosa do povo.

IHU On-Line - Como se dá o diálogo inter-religioso, a partir das crenças populares e articulações entre diferentes manifestações de fé, no contexto nordestino?

Maria Augusta de Sousa Torres - O diálogo acontece quando se compreende a verdade do outro. Ou seja, o diálogo inter-religioso acontece quando se respeita a crença do outro. A convivência da realidade do tecido religioso nordestino nem sempre foi pacífica. Havia um desrespeito às manifestações de fé de outras matrizes, sobretudo a ameríndia e a africana, mas essa realidade mudou muito no Brasil com uma igreja proporcionando novas formas de evangelização.

O cenário religioso do Brasil e sobretudo do Nordeste, onde as expressões de fé popular são muito fortes, cria uma certa tensão entre catolicismo oficial e o catolicismo vivido pelo povo como expressão de fé. Entretanto, a pluralidade de estilos de experiência da fé chamou atenção da igreja para repensar sua evangelização. Isso pelo fato de a religiosidade popular estar intrinsecamente ligada às culturas e tradições. O apelo do Papa Francisco e sobretudo o seu exemplo ajudou muito a Igreja a abrir-se para o diálogo do pluralismo religioso. Claude Geffré⁶ (2004) nos

⁶ **Claude Geffré**: teólogo, frade dominicano, francês, professor honorário do Instituto Católico de Paris. É autor, juntamente com Régis Debray, do livro *Avec ou sans Dieu ? - Le philosophe et le théologien* (Paris: Bayard, 2006). No ano passado, publicou o livro *De Babel à Pentecôte - Essais de théologie inter-religieuse* (Paris: Cerf, 2006). Em português, a Editora Vozes traduziu o livro *Crer e Interpretar*, em 2004. Confira uma entrevista exclusiva que ele concedeu à **IHU On-Line** na edição 207, de 4-12-2006, intitulada *Retorno religioso*. De Geffré, confira, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, as entrevistas *A obsessão pela ditadura do relativismo*, em 09-07-2007, *Os cristãos e o desafio*

adverte que “a multiplicidade de formas religiosas não contradiz a unicidade do desígnio de Deus, que é de fazer aliança com o ser humano e salvá-lo”. Logo, o pluralismo religioso deve assumir posturas de respeito às várias manifestações de religiões oriundas de qualquer credo religioso.

IHU On-Line - Qual o papel da literatura popular na busca pelo entendimento das perspectivas do campo religioso?

Maria Augusta de Sousa Torres - O texto literário faz o registro de uma realidade com todos seus desafios, sua mensagem vai além das palavras. O texto deve permitir a descoberta de novos caminhos para entender sua mensagem. A literatura popular instiga o leitor a ter uma visão de mundo e daquilo que ele pretende anunciar, também tem o poder de propor estruturas de experiências religiosas configurada pelo texto. Os cordéis, literatura trazida de Portugal, são as mais genuínas formas de apresentar a religião com todas suas variantes como força integradora da vida, porque eles falam de uma realidade vivida. Esta arte popular é a expressão daquilo que é mais profundo na experiência da existência humana.

A obra de arte tem o poder de ser interlocutora criativa para a reflexão da religião, é o que se constata em *Morte e vida severina*. João Cabral faz o seu texto, partindo do real, apresentando formas de religiosidade vivida pelo povo do Nordeste, através do diálogo com seus personagens. Por isso a arte pode ser a afirmação daquilo que é mais profundo na vivência humana.

IHU On-Line - Qual o papel do aspecto religioso no entendimento do mundo? Quais os desafios hoje para se conectar a perspectiva religiosa com as realidades e aridez do mundo contemporâneo?

de Babel, em 15-02-2007, e *Religião com ou sem Deus? Um diálogo de Régis Debray com um teólogo*, em 28-01-2007. (Nota da **IHU On-Line**)

Maria Augusta de Sousa Torres - A religião é uma força poderosa que torna plausíveis e duradouras as construções sociais da realidade do mundo. A religião vê o mundo de forma abrangente, e legítima, justifica e explica as dificuldades construídas. Ela tem o poder de “nominizar” a vida do indivíduo porque apresenta significado capaz de permitir, a esse indivíduo, continuar existindo e encontrar função renovadora para que propicie uma espiritualidade que religue o religioso ao mundo.

A modernidade atual questiona a religião da forma como ela é apresentada. A modernidade cultua a imanência, mas será que esta manifestação exagerada de imanência não significa o desejo de transcendência? Será que hoje não há uma necessidade urgente de se cultivar o religioso como respostas às nossas questões existenciais? Acredito que há uma busca de retorno ao religioso no mundo em que vivemos, mas creio que se faz necessário renovar. Como diz o Papa Francisco, “inculturar” para poder, apesar da secularização e da aridez do mundo moderno, atualizar novas formas de compreensão da religião no entendimento do mundo.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Maria Augusta de Sousa Torres - As narrativas literárias podem ressignificar o mundo e são capazes de gerar uma nova visão da vida e da sociedade. A literatura faz parte da fronteira dos saberes que incorporou crítica e estética, juízo e simbolismo, história e mitos, ciência e poesia, tudo isso concorre para que a obra de arte se abra à descoberta de valores extraestéticos, que podem oferecer, entre outras reflexões, uma abordagem do imaginário da religião vivido nas culturas. É o que faz João Guimarães Rosa⁷,

⁷ **João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas

Patativa do Assaré⁸, Adélia Prado⁹, João Cabral de Melo Neto e muitos outros. Isto acontece porque a literatura atualiza as perspectivas de interpretação na cultura. ■

e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras estórias* (1962), Tutaméia (1967). A edição 178 da **IHU On-Line**, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título “*Sertão é do tamanho do mundo*”. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível para download em <http://migre.me/qQX8>. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas. Confira, ainda, a edição 275 da revista **IHU On-Line**, de 29-09-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOce>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ **Antônio Gonçalves da Silva** (1909-2002): mais conhecido como Patativa do Assaré, foi um poeta popular, compositor, cantor e improvisador brasileiro. É considerado uma das principais figuras da música nordestina do século XX. Segundo filho de uma família pobre que vivia da agricultura de subsistência, cedo ficou cego do olho direito por causa de uma doença. Com a morte de seu pai, quando tinha oito anos de idade, passou a ajudar sua família no cultivo das terras. Aos doze anos, frequentava a escola local, na qual foi alfabetizado, por apenas alguns meses. A partir dessa época, começou a fazer repentes e a se apresentar em festas e ocasiões importantes. Por volta dos vinte anos recebeu o pseudônimo de Patativa, por ser sua poesia comparável à beleza do canto dessa ave. Indo constantemente à Feira do Crato onde participava do programa da Rádio Araripe, declamando seus poemas. Numa destas ocasiões é ouvido por José Arraes de Alencar que, convencido de seu potencial, lhe dá o apoio e o incentivo para a publicação de seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina*, de 1956. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Adélia Prado** [Adélia Luzia Prado Freitas]: nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, no dia 13 de dezembro de 1935, filha do ferroviário João do Prado Filho e de Ana Clotilde Corrêa. Iniciou seus estudos no Grupo Escolar Padre Matias Lobato. Em 1994, após anos de silêncio poético, sem nenhuma palavra, nenhum verso, ressurgiu com o livro *O homem da mão seca*. Conta a autora que o livro foi iniciado em 1987, mas, depois de concluir o primeiro capítulo, foi acometida de uma crise de depressão, que a bloquearia literariamente por longo tempo. Em 2000, estreou o monólogo *Donna da casa*, em São Paulo, adaptação de José Rubens Siqueira para Manuscritos de Felipa. Em 2001, apresentou, no Sesi Rio de Janeiro e em outras cidades, o sarau onde declamou poesias de seu livro *Oráculos de Mato* acompanhada por um quarteto de cordas. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Tema de Capa

A difícil e necessária dádiva da reciprocidade

Para o professor e pesquisador Alain Montandon, os desafios da hospitalidade estão diretamente relacionados aos grandes desafios da convivialidade

Por Márcia Junges | Edição: Ricardo Machado | Tradução: Vanise Dresch

Falar em hospitalidade suscita, em muitas ocasiões, a fantasia da “hospitalidade absoluta”, mas encara os desafios à convivência com as alteridades desde este espectro pouco ajuda para enfrentarmos as grandes questões contemporâneas da convivialidade. “Ser hospedeiro/hóspede é entregar-se a uma dependência que pode significar uma dissolução do eu, como Derrida assinala a respeito da hospitalidade absoluta ou incondicional. Entre a lógica da dádiva e da contradádiva e aquela do sacrifício, existe uma relação de complementaridade paradoxal”, pontua o professor e pesquisador Alain Montandon, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Ser acolhido é dispor-se a todos os riscos e colocar seu destino nas mãos do hospedeiro”, complementa.

Etimologicamente, os termos “hospes” e “hostis” têm uma mesma origem. Ter em conta esta dimensão permite ampliarmos os sentidos que estão em jogo na ideia de hospitalidade. “O hospedeiro/hóspede e o inimigo têm, portanto, em sua origem, uma importante noção em comum, a noção de compensação, de tratamento de igual para igual, ato esse que visa a aplainar o status a priori hos-

til do hóspede”, explica Montandon. “Se Lévinas vê no rosto a alteridade inapreensível do outro, a acolhida desse outro reside no reconhecimento do estrangeiro que está em mim mesmo”, ressalta.

Alain Montandon é professor emérito de literatura geral e comparada na Universidade Blaise Pascal - Clermont II, na França. É também membro honorário do Institut Universitaire de France, na cadeira de literatura comparada e socio-poética. É autor de diversas obras, das quais destacamos a versão em português de *O Livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (São Paulo: Editora Senac, 2011). Destacamos ainda suas últimas obras em francês, *Voyage sentimental de Laurence Sterne* (Édition critique, Classiques Garnier, 2015); *Théophile Gautier, Ménagerie intime. La Nature chez elle (OC VIII, 1)* (Champion, 2014); e *La plume et le ballon* (Paris: Éditions Orizons, 2014).

A entrevista foi publicada nas Notícias do Dia de 10-12-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2gAcv1s>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é a hospitalidade para além das acepções comuns? Quais são seus pressupostos centrais em uma perspectiva filosófica?

Alain Montandon - A hospitalidade pressupõe o reconhecimento do outro e uma relação interativa entre os homens. De um lado, há o desejo de ser acolhido. É o desejo de Ulisses, que, ao aportar em

uma costa estrangeira, sempre se pergunta: “Ai de mim! que mortais aqui se albergam?/ Bárbaros são, injustos e ferozes,/ Ou tementes aos deuses e hospedeiros?”¹. É sua súplica constante à espera de uma acolhida benevolente. Mas essa

¹ Homero. *Odisseia*. Tradução de Manoel Odorico Mendes (1799-1864). Prefácio de Prof. Silveira Bueno Fonte digital. Digitalização da 3ª edição. (Nota do entrevistado)

tensão e essa expectativa vão além do simples desejo de presença, alimento, repouso, do único desejo de contato humano. Ser acolhido reativa, sem dúvida, as nostalgias primordiais e arcaicas que serviram de modelo: a segurança, o calor do refúgio, o alimento contínuo, o rosto da mãe. A mão, o olhar, a boca participam da criação dos vínculos, do reconhecimento do outro



Ser hospedeiro/hóspede é entregar-se a uma dependência que pode significar uma dissolução do eu, como Derrida assinala a respeito da hospitalidade absoluta ou incondicional

e de si mesmo, da oralidade, oralidade essa que faz a transição entre o dentro e o fora, o comer e o ser comido, o canibalismo e o ogro. Daí a pergunta: quem, o hospedeiro ou o hóspede, comerá o outro?

No entanto, a hospitalidade não reside apenas no desejo de ser acolhido, sendo também desejo de acolher, desejo de receber e desejo de dar.

«Le maître de céans n'ayant de souci plus urgent que celui de faire rayonner sa joie sur n'importe qui, au soir, viendra manger à sa table et se reposer sous son toit des fatigues de la route, attend avec anxiété sur le seuil de sa maison l'étranger qui verra poindre l'horizon comme un libérateur. Et du plus loin qu'il le verra venir, la maître se hâtera de lui crier: «Entre vite, car j'ai peur de mon bonheur.»²

Esse desejo tem muitas razões, dentre as quais, a de querer ter um hóspede que distraia da solidão, que traga notícias de outros lugares e que ofereça o prazer de uma companhia, de uma presença.

2 Pierre Klossowski, *Roberte ce soir*, in *Les lois de l'hospitalité*, L'Imaginaire Gallimard, 1965, p. 110. "O anfitrião, preocupado apenas em transmitir sua alegria a quem viesse, à noite, comer à sua mesa e repousar sob seu teto do cansaço da estrada, espera ansiosamente, à soleira da porta de sua casa, o estrangeiro que ele vê despontar no horizonte como um libertador. E assim que o avista a distância, o anfitrião trata de exclamar: 'Entre depressa, pois tenho medo da minha felicidade.'" (Nota do entrevistado)

IHU On-Line - Em que sentido a hospitalidade é "intrusiva" e comporta uma face da violência, transgressão e hostilidade?

Alain Montandon - Atravessar um limiar é uma transgressão ritualizada. O limiar é a linha de demarcação de uma intrusão, pois a hospitalidade é intrusiva, comporta, queiramos ou não, um lado de violência, de ruptura, de transgressão ou até mesmo de hostilidade, ao que Derrida³ chama de *hostipitalidade*. A invasão do domínio do Outro é um problema tanto de proxêmica⁴ quanto de propriedade. "Território é terra mais terror". Eis a questão do próprio, daquilo que constitui minha identidade no pertencimento a um território, a um espaço em que o outro é visto, de uma maneira ou outra,

3 **Jacques Derrida** (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 O termo proxêmica (proxemics, em inglês) foi cunhado pelo antropólogo Edward T. Hall em 1963 para descrever o espaço pessoal de indivíduos num meio social. É exemplo de proxêmica o fato de que um indivíduo que encontra um banco de praça já ocupado por outra pessoa numa das extremidades tende a sentar-se na extremidade oposta, preservando um espaço entre os dois indivíduos. (Nota da **IHU On-Line**)

como um intruso. O gesto da hospitalidade consiste, primeiramente, em afastar a hostilidade latente em qualquer ato de hospitalidade, pois o hóspede, o estrangeiro, é seguidamente visto como reservatório de hostilidade: seja ele pobre, marginal, errante, sem teto, seja o louco ou o vadio, ele representa uma ameaça.

Mas as ambiguidades e as ambivalências desse momento do encontro e da acolhida envolvem hostilidades latentes ou explícitas. Não se sabe a quem se recebe e, em retorno, o temor gera a hostilidade manifesta do hospedeiro e sua inospitalidade fundamental. A chegada de um hóspede inesperado, de caráter supostamente hostil, pode comprometer o pertencimento, daquele que acolhe, ao seu próprio território. Quem se convida, como na novela de Maupassant⁵, "O amigo Joseph", já aparece, antes do conto *O Horla*, como uma ameaça para a zona próxima, para o espaço da identidade e da intimidade do proprietário, usurpadas pelo parasita.

A preocupação do emigrado, sinônimo de sua desassistência ante a possível acolhida, manifesta-se por um sentimento de perseguição. Antes mesmo de desembarcar, Karl afirma: "Ademais, tem-se aqui um preconceito contra os estrangeiros". A angústia paranoide responde a essa hostilidade latente, que ele antecipa, do novo grupo social. A língua estrangeira também é fator de exclusão.

"Aqui, as pessoas não gostam dos estrangeiros", este é um *leitmotiv* antigo, encontrado até mesmo na utópica Esquéria (ou Feácia) da Odisseia. Essa rejeição tem sua razão, é claro, no temor do não familiar, do desconhecido, daquele que poderia ser um bandido, um pirata, como aqueles que vagam "pelo mar sem rumo" e "que se aventuram, apostando sua vida e devastando

5 **Henry René Albert Guy de Maupassant** (1850-1893): escritor e poeta francês com predileção para situações psicológicas e de crítica social com técnica naturalista. Além de romances e peças de teatro, deixou 300 contos escritos. (Nota da **IHU On-Line**)

as costas estrangeiras”. Existem, no entanto, razões mais profundas para esse temor: o estrangeiro é um intruso na esfera doméstica, na vida privada e íntima, no estreito círculo da existência cotidiana, familiar e pessoal. A angústia pela intrusão, que pode chegar à recusa de acolher, presta-se a uma análise tanto psicológica quanto sociológica da intimidade.

O grupo social pode sentir como se fosse um perigo o ingresso de um elemento externo e diferente em seu meio. Cada grupo se distingue por um modo de funcionamento que se apoia na coerência de seus membros e na exclusão daqueles que dele não fazem parte. A distinção estabelece tanto a identidade quanto a diferença, a identidade de pertencimento a uma sociedade e a exclusão dela. Sabe-se o quanto o jogo social é hostil à mistura, ao heterogêneo, ao composto, ao díspar. Quem se assemelha se une e, inversamente, quem é diferente se ignora, não deve nem pode unir-se.

IHU On-Line - Por outro lado, quais são os nexos que unem a hospitalidade e o diálogo entre culturas e suas diferentes religiosidades?

Alain Montandon - Na hospitalidade clássica, encontramos regras que parecem bastante universais em muitas culturas. Assim, por exemplo, a regra dos três dias parece disseminada entre os árabes bem como entre os alemães, os quais explicam que, passados três dias, “o hóspede, como o peixe, começa a cheirar mal”. Esse provérbio indica justamente que um limite temporal deve ser respeitado (tanto por razões econômicas, quanto por razões psicológicas, pois mais de três dias poderiam significar que o hóspede se enxerta, acomoda-se e põe em perigo a economia doméstica). É psicológico também, pois um hóspede acaba pesando, perturbando o equilíbrio habitual que fora aceito, mas por um tempo restrito. São três dias simbólicos que definem o enquadramento e os limites: um tempo

para acolher, um tempo para a estada e um tempo para partir.

Receber o estrangeiro é não só aceitar sua diferença, mas também querer que ele respeite os próprios códigos culturais do hospedeiro. Em outras palavras, o convidado também deve respeitar as regras que estabelecem limites para a sua intrusão. O *Kanun*, que rege a hospitalidade na Albânia há vários séculos, menciona, por exemplo, que não se deve levantar a tampa da panela, uma regra particularmente significativa e simbólica para os limites da acolhida: a despeito de uma hospitalidade muito generosa, aberta e aparentemente ilimitada, mantém-se reservado um domínio (que, no caso, é a administração do lar e da alimentação). Interdito significativo e interessante, que demonstra bem que o hóspede não tem todos os direitos e permanece à margem, mesmo no centro da família que o acolhe. Isso não exclui, obviamente, o diálogo entre as culturas, que começa pela curiosidade pelo outro, pelo desejo de compreender, pela tolerância e a aceitação, ou seja, pela acolhida da alteridade.

IHU On-Line - Em que medida pode se falar na hospitalidade como um respeito radical à alteridade?

Alain Montandon - O respeito radical à alteridade faz parte da fantasia de uma hospitalidade absoluta. Ser hospedeiro/hóspede é entregar-se a uma dependência que pode significar uma dissolução do eu, como Derrida assinala a respeito da hospitalidade absoluta ou incondicional. Entre a lógica da dádiva e da contradádiva e aquela do sacrifício, existe uma relação de complementaridade paradoxal. Derrida⁶ pensa que a hospitalidade absoluta ou incondicional “supõe uma ruptura com a hospitalidade em sentido corrente, com a hospitalidade condicional, com o direito ou o pacto de hospitalidade”⁷. Ele

6 Jacques Derrida, *De l'hospitalité*. Calmann-Lévy, 1997. (Nota do entrevistado)

7 Segundo Derrida: “A lei da hospitalidade, a lei formal que governa o conceito geral de

vê nela uma “pervertibilidade irredutível”. As ficções, construções do imaginário (conto, romance, teatro), tentam representar e encenar essa constelação paradoxal da hospitalidade entre o interesse próprio e o sacrifício de si mesmo, entre o pragmatismo e a utopia. Ser acolhido é dispor-se a todos os riscos e colocar seu destino nas mãos do hospedeiro. Mais do que qualquer outra, é a figura de uma oralidade devoradora que se evidencia. Primeiro, porque buscar refúgio é buscar uma compensação para o estado de desamparo primordial, que é a fome. O comer/ser comido confrontam-se constantemente. Engolir, sorver, devorar são fantasias que reativam um temor originário na relação com o outro: a perda da identidade, a perda de si mesmo e o despedaçamento do corpo. Outra fantasia mais moderna relacionada com esse atentado à integridade é a contaminação, a epidemia, o contágio. O estrangeiro, o forasteiro, é o doente, o portador de micróbio ou vírus. O que vem de fora, do outro lado da fronteira, é o fora-do-lugar, o parásita, o *alien*.

IHU On-Line - O que a ideia de hospitalidade tem a nos dizer em um tempo marcado pelo crescimento vertiginoso dos refugiados e dos imigrantes?

hospitalidade, é tida como uma lei paradoxal, perversível ou perversedora. Ela parece ditar que a hospitalidade absoluta rompe com a lei da hospitalidade como direito ou dever, com o “pacto” de hospitalidade. Em outras palavras, a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa e *dê lugar* não somente ao estrangeiro (provido de um sobrenome, um status social de estrangeiro etc.), mas também ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu o deixe vir, chegar e ter lugar no lugar que lhe ofereço, sem solicitar reciprocidade (firmar um pacto) nem mesmo seu nome. A lei da hospitalidade absoluta determina o rompimento com a hospitalidade de direito, com a lei ou a justiça como direito. A hospitalidade justa rompe com a hospitalidade de direito, não por condená-la ou opor-se a ela, podendo, ao contrário, colocá-la e mantê-la num movimento incessante de progresso; mas ela lhe é tão estranhamente heterogênea quanto a justiça é heterogênea ao direito, do qual ela é, no entanto, tão próxima, e, na verdade, indissociável”. (op cit. P. 29). (Nota do entrevistado)

Alain Montandon - Convém distinguir o que diz respeito à hospitalidade como interação entre indivíduos da hospitalidade como manifestação coletiva (hospitalidade institucionalizada, clerical, estatal etc.). É curioso observar como toda e qualquer ideia de hospitalidade parte de e se refere a uma hospitalidade individual como modelo ideal de humanismo, a ponto de criar confusões singulares, como, por exemplo, aquela que designa o acolhimento de populações migrantes com o termo hospitalidade - o que é obviamente diferente da hospitalidade individual, pois a hospitalidade estatal é de outra natureza, embora a noção implique, nos dois casos, a prevalência de uma mesma preocupação de acolhimento e dignidade humana.

IHU On-Line - Por que a hospitalidade pode ser, também, agonística?

Alain Montandon - Em francês, a palavra *hôte* designa tanto aquele que recebe quanto aquele que é recebido, o hospedeiro e o hóspede. Por que essa ambiguidade? A resposta é dada por Benveniste⁸ na análise etimológica que ele faz dessa palavra. A palavra *hôte* vem de *hospes*. Mas *hospes* tem um estranho parentesco etimológico com *hostis*, o estrangeiro, o inimigo. O hospedeiro/hóspede seria, então, um inimigo? Esses traços de natureza etimológica explicam-se pelo contexto político e jurídico do mundo antigo grego e romano, que forjou o conceito de hospedeiro/hóspede.

Na origem das duas palavras, *hospes* e *hostis*, encontra-se o verbo *hostire*, tratar de igual para igual, compensar, pagar em troca. Em francês, *hostis* deu *hostile* [hostil]. O hospedeiro/hóspede e o inimigo têm, portanto, em sua origem uma importante noção em co-

8 **Émile Benveniste** (1902-1976): foi um linguista francês, conhecido por seus estudos sobre as línguas indo-europeias e pela expansão do paradigma linguístico estabelecido por Ferdinand de Saussure. (Nota da **IHU On-Line**)

mum, a noção de compensação, de tratamento de igual para igual, ato esse que visa a aplainar o status *a priori* hostil do hóspede. O hospedeiro/hóspede é, por essência, estranho e outro, e essa alteridade fundamental é perigosa. Nessas duas forças em confronto, o *hospes* e o *hostis*, cada uma delas pode se tornar refém [*otage*, em francês]. O refém clássico é o hóspede mantido em *ostage* pelo hospedeiro, por aquele que representa o poder do lugar, o déspota.

No entanto, pelo jogo perverso da ambiguidade fundamental da palavra, todo hospedeiro pode tornar-se refém do hóspede. Temos aqui uma dialética amigo-inimigo, ou até mesmo senhor-escravo. Devemos retomar “a questão do estrangeiro” formulada por Jacques Derrida e René Schérer⁹. Ambos definem os termos dessa relação dialética. Para assinalar “a lei paradoxal e perversadora”, Jacques Derrida escreve: “Esse outro se torna um sujeito hostil do qual corro o risco de me tornar refém”¹⁰. E René Schérer afirma: “O hóspede é um inimigo potencial”¹¹. Não esqueçamos que ele o é por natureza, pois, no centro mesmo do conceito de hóspede, encontra-se o conceito de estrangeiro. Falando de uma “hospitalidade absoluta, incondicional, hiperbólica”, Derrida diz: “É como se a hospitalidade fosse impossível: como se a lei da hospitalidade definisse essa impossibilidade, como se não pudéssemos deixar de transgredi-la [...]”¹².

IHU On-Line - Por que as leis da hospitalidade (embora não escritas) não abrangem apenas o anfitrião, mas também aquele que é acolhido? O que isso significa?

9 **René Schérer** (1922) : filósofo francês, autor de, entre outros, *Une érotique perverse, Émile perverti ou Des rapports entre l'éducation et la sexualité e L'Emprise. Des enfants entre nous*. (Nota da **IHU On-Line**)
10 Derrida, Jacques, De l'hospitalité, Paris, Calman - Lévy, 1997, p. 53. (Nota do entrevistado)

11 Schérer, René, Zeus hospitalier. Eloge de l'hospitalité, Paris, Colin, 1993, p. 103. (Nota do entrevistado)

12 Derrida, op. cit., p. 71. (Nota do entrevistado)

Poderia recuperar a ideia de hospitalidade a partir da perspectiva de Marcel Mauss, como dádiva?

Alain Montandon - “[...] que mortais aqui se albergam?/ Bárbaros são, injustos e ferozes,/ Ou tementes aos deuses e hospedeiros?”¹³ A hospitalidade é inconcebível sem os deuses. O acolhimento do estrangeiro é legitimado, quase de maneira universal, por um imperativo religioso. No fenômeno da hospitalidade, há algo da ordem do *mana*, que remete a algo mágico, embora indeterminado. (*Mana* é um termo polinésio, mas encontramos esse conceito em muitos outros povos. Ele designa a emanção da força espiritual do grupo e, segundo Marcel Mauss, é criador de laço social.)

Em *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim¹⁴ afirma que as coisas sagradas são definidas como “aquelas que os interditos protegem e isolam”. Dizer que a hospitalidade é sagrada implica, portanto, não somente o tabu, mas também um pertencimento à divindade. O sagrado seria uma força transcendente, uma potência que os sociólogos interpretam como sendo aquela de uma sociedade percebida por seus membros como exterior a eles e atribuída a uma divindade. A hospitalidade, também, é sagrada por ser fundadora e sobrenatural: o hóspede é o símbolo da mediação entre duas esferas totalmente diferentes. É o desconhecido que vem de longe, que é temido, um ser inapreensível que penetra em um lugar delimitado, num espaço circunscrito, aquele da morada. Todo estrangeiro, por sua alteridade inquietante, possui essa dimensão numinosa na qual Rudolf Otto¹⁵ via a essência do sagrado. O

13 Odyssée, 13, 200-202. (Nota do entrevistado)

14 **David Émile Durkheim** (1858-1917): conhecido como um dos fundadores da Sociologia moderna. Foi também, em 1895, o fundador do primeiro departamento de sociologia de uma universidade europeia e, em 1896, o fundador de um dos primeiros jornais dedicados à ciência social, intitulado *L'Année Sociologique*. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Rudolf Otto** (1869-1937): eminente teólogo protestante alemão, erudito em religiões comparadas. Autor de *The Idea of the Holy*,

desconhecido gera temor e tremor, mesmo que traga também abertura para o mundo exterior, mesmo que traga novas palavras. É ao mesmo tempo ameaça e dádiva¹⁶.

O hóspede é uma figura sagrada, e essa sacralização, que é certamente uma maneira de circunscrever o caráter de exterioridade, de desconhecido, do estrangeiro naquilo que ele pode conter de ameaçador.

No *Ensaio sobre a dádiva*, Marcel Mauss¹⁷ considera a hospitalidade uma das atividades típicas da troca não mercantil. As atividades que entram no campo de análise da dádiva são, primeiramente, coletivas: “não são indivíduos, são comunidades que se obrigam mutuamente”, clãs, tribos, famílias; além disso, não se limitam a bens e riquezas, a móveis e imóveis, tampouco a coisas economicamente úteis, mas incluem “gentilezas, festejos, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras...”. A hospitalidade é essencialmente concebida pelo vértice da reciprocidade. Recusar-se a dar, deixar de convidar “equivale a declarar guerra; significa recusar a aliança e a comunhão”. Ao contrário, a dádiva e o convite significam o estabelecimento do laço social.

publicado pela primeira vez em 1917 como *Das Heilige* (considerado um dos mais importantes tratados teológicos em língua alemã do século XX), e criador do termo *numinous*, o qual exprime um importante conceito religioso e filosófico da atualidade. (Nota da **IHU On-Line**)

16 INDEX Voir Émile Benveniste, *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. 1. Économie, parenté, société, Éditions de Minuit, 1969, p. 87-101. (Nota do entrevistado)

17 **Marcel Mauss** (1872-1950): sociólogo e antropólogo francês, refletiu sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamentos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Sobre Marcel Mauss, leia a entrevista de Alain Caillé publicada na **IHU On-Line**, n.º 96, de 12-04-2004, a propósito da publicação do livro *História Argumentada da Filosofia Moral e Política*, disponível para download em <http://migre.me/s99D>. O pensamento de Mauss foi o tema da palestra *A economia do dom e a visão de Marcel Mauss*, realizada pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Martins (UFPE), na programação do evento Alternativas para outra economia, em 10-10-2006. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Qual é a importância de Kant¹⁸ para a reflexão acerca da hospitalidade?

Alain Montandon - Para formular os princípios de seu projeto de paz perpétua, Kant se apoia na noção de hospitalidade estatal, que deve ser pensada do ponto de vista jurídico e não filantrópico. Ele afirma que esse direito fundamenta a obrigação de conceder um direito de visita, mas não de residência, e explica esse direito por um outro direito, o da posse da Terra por todos os homens: “Esse direito, devido a todos os homens, estende-se à sociedade, em razão do direito da posse comum da superfície da Terra, na qual, por ser esférica, os homens não podem dispersar-se infinitamente, devendo então se suportarem uns aos outros, e nenhum deles tem originariamente mais direito do que o outro de ocupar tal lugar.” Esse direito à hospitalidade insere-se necessariamente, segundo Kant, em seu projeto de paz perpétua, pois permite estabelecer relações pacíficas entre diferentes partes do mundo, o que vai de encontro à conduta inospitaleira de certos Estados que conquistam, oprimem e saqueiam outros. Apoiando-se em *A paz perpétua* para formular sua concepção

18 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** n.º 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU em formação** n.º 2, intitulada *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuemo2>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

da hospitalidade, Jacques Derrida lamenta tal limitação e procura conceber a hospitalidade como acolhimento, mais além do direito à visita.

IHU On-Line - Que outros filósofos são fundamentais para o debate dessa temática?

Alain Montandon - A própria noção de acolhida, como abertura e sujeição a outrem, encontra-se no centro da reflexão filosófica de Lévinas¹⁹ dedicada à subjetividade, uma vez que a acolhida permite pensar a relação não apenas com o outro, mas também consigo mesmo. Integrando-a na hospitalidade, Lévinas atribui à acolhida o papel de novo conceito operatório. Para compreender como a noção de hospitalidade pode passar do receber alguém ao receber *de* alguém e, em maior medida, para entender a verdadeira natureza incondicional da acolhida, é necessária uma leitura transversal dessa noção nas dimensões metafísica, ética e religiosa que encontramos em *Totalidade e infinito*, “imenso tratado da hospitalidade”. Jacques Derrida escreve: “Na medida em que diz respeito ao *ethos*, isto é, à morada, à casa, ao lugar da estada familiar, tanto quanto ao modo de viver ali, de se relacionar consigo mesmo e com os outros, outros como os seus ou como estrangeiros, a *ética é hospitalidade*, totalmente coextensiva à experiência da hospitalidade, seja ela ampliada ou limitada.” Se Lévinas vê no rosto a alteridade inapreensível do outro, a acolhida desse outro reside

19 **Emmanuel Lévinas** (1906-1995): filósofo e comentarista talmúdico lituano, de ascendência judaica e naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, confira a entrevista com Rafael Haddock-Lobo, publicada em 30-08-2007 no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, intitulada *Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida*, disponível em <http://bit.ly/1bZ77kk>, e a edição 277 da **IHU On-Line**, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível em <http://bit.ly/1gsnUOI>. (Nota da **IHU On-Line**)

no reconhecimento do estrangeiro que está em mim mesmo.

O principal filósofo da hospitalidade foi Derrida, na França, mas poderíamos citar também, na Alemanha, Jabès e Hans-Dieter Bahr²⁰.

IHU On-Line - A partir dos estudos realizados pelo Centro de Pesquisas de Literatura Moderna e Contemporânea (CRLMC, na sigla em francês), quais são as principais interações hospitalares na literatura?

Alain Montandon - As pesquisas realizadas pelo CRLMC (agora CELIS) sobre as representações sociais (ver a revista <http://sociopoetiques.univ-bpclermont.fr/>) trataram de muitas interações hospitalares, principalmente no teatro, nos romances e contos, e culminaram em muitas publicações. Eu mesmo publiquei um livro intitulado *Désirs d'hospitalité. De Homère à Kafka* (PUF, 2002) (traduzido para o italiano: *Elogio dell'Ospitalità. Storia di un rito*. Salerno Editrice, Roma, 2004; e para o romeno: *Despre ospitalitate. De la Homer la Kafka*. Iasi, Institutul European, 2015), que analisa as interações hospitalares de muitos autores (Klossowski, a literatura libertina, de Crébillon²¹ a Mandiargues²²,

²⁰ **Hans-Dieter Bahr** (1939): filósofo alemão e professor universitário. (Nota da **IHU On-Line**)

²¹ **Claude-Prospér Jolyot de Crébillon** (1707-1777): escritor, cantor, filho de Prosper Jolyot de Crébillon. Claude Prosper Jolyot de Crébillon se anunciava como "filho Crébillon" para distingui-lo do pai Prosper Jolyot de Crébillon, famoso dramaturgo, membro da Academia Francesa. Os dois eram muito diferentes: enquanto o pai escreveu tragédias, o filho era especializado em contos e romances licenciosos. (Nota da **IHU On-Line**)

²² **André Pieyre de Mandiargues** (1909-1991): foi um escritor francês, ligado ao Surrealismo e nomeado um maldito moderno. Sua obra inclui poemas, contos e romances, ensaios, peças de teatro e traduções. (Nota da **IHU On-Line**)

Goethe²³, Flaubert²⁴, Rousseau²⁵, Maupassant, Landolfi²⁶, Vercors²⁷,

²³ **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão *Sutrm und Drang*. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁴ **Gustave Flaubert** (1821-1880): escritor francês, autor de *Madame Bovary*, escrito em 1844, romance realista no qual critica os valores românticos e burgueses da época. Sofria de epilepsia. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁵ **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da **IHU On-Line**, de 22-04-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de Rousseau à modernidade política*, disponível em <http://bit.ly/ihuon415>. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁶ **Tommaso Landolfi** (1908-1979): foi um escritor, poeta, tradutor italiano. Embora pouco conhecido do público, graças à linguagem extremamente sofisticada e poética em alguns aspectos semelhantes ao Surrealismo, mas também a sua distância das tendências literárias italianas, tanto antes como depois da Segunda Guerra Mundial, é considerado um dos os escritores italianos mais importantes do século XX. Suas histórias, de acordo com Arnaldo Bocelli, "são, propriamente, padrões, composições, caprichos do caminho entre a música e a pintura, em que a criatividade, o humor é acompanhado por uma série extenuante, e os motivos líricos surgem a partir de uma reflexão crítica da realidade, por um gosto treinado na interseção de diferentes literaturas". (Nota da **IHU On-Line**)

²⁷ **Jean Marcel Bruller** (1910-1991): foi um escritor e ilustrador francês que cofundou Les Éditions de Minuit com Pierre de Lescure e Yvonne Paraf. Durante a II Guerra Mundial, na ocupação do norte da França, juntou-se à Resistência e seus textos foram publicados sob o pseudônimo de Vercors. Vários dos seus romances têm fantasia ou ficção científica como temas. (Nota da **IHU On-Line**)

Pirandello²⁸, Camus²⁹ e, obviamente, Franz Kafka³⁰).

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Alain Montandon - Concluindo, há tantas coisas a dizer sobre a hospitalidade, que consegui apenas esboçar algumas respostas. Aconselho a leitura de *Le Livre de l'hospitalité. Accueil de l'étranger dans l'histoire et les cultures* (sob a direção de Alain Montandon), Bayard, 2004, 2036 p. Este livro foi traduzido no Brasil: *O Livro da Hospitalidade. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Sob a direção de Alain Montandon. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht; Editora Senac, São Paulo, 2011, 1438 p. Além de muitas obras coletivas que publicamos. ■

²⁸ **Luigi Pirandello** (1867-1936): foi um dramaturgo, poeta e romancista siciliano. Foi um grande renovador do teatro, com profundo sentido de humor e grande originalidade. Suas obras mais famosas são: *Seis personagens à procura de um autor*, *Assim é, se lhe parece*, *Cada um a seu modo* e os romances *O falecido Matias Pascal*, *Um, Nenhum e Cem Mil* e *Esta Noite Improvisa-se*. Sua primeira peça de teatro foi *O Torniquete* escrita entre 1899 e 1900 e encenada pela primeira vez em 1910. Recebeu o Nobel de Literatura de 1934. Luigi Pirandello participou da campanha "coleta do ouro", organizada pelo ditador italiano Benito Mussolini, que visava levantar fundos para o país. A campanha era uma resposta à Liga Nações que impôs sanções econômicas à Itália após esta ter invadido e declarado guerra a Etiópia (1935-36). Pirandello doou sua medalha do Prêmio Nobel à campanha. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁹ **Albert Camus** (1913-1960): escritor, novelista, ensaísta e filósofo argelino. Confira a entrevista *Camus entre a emoção e a graça*, concedida por Waldecy Tenório à **IHU On-Line** em 03-02-2010, disponível em <http://bit.ly/ihu030210>. (Nota da **IHU On-Line**)

³⁰ **Franz Kafka** (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. De suas obras, destacamos *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acaba transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da **IHU On-Line**)

EAD - Ciclo de Estudos do Livro
"O Capital no Século XXI" - A estrutura da desigualdade
 2ª edição

THOMAS PIKETTY
O CAPITAL
 no século XXI

20 de março a
 28 de abril
 de 2017

Ministrante: Prof. MS. Gilberto Faggion - UNISINOS
 Duração: seis semanas | carga horária: 24h
 Local: EAD, via plataforma Moodle
 Informações e inscrições ihu.unisinos.br/ eventos

A necessidade da participação como critério prévio à cidadania

Há uma fantasia de “fusão indiscernível” que tenta inserir todos os excluídos numa determinada sociedade, observa Magali Bessone. Uma proposta reversa seria pensar a inclusão através da participação, e não da cidadania

Por Ricardo Machado | Edição: Márcia Junges | Tradução: Paula Volkart e Samanta Siqueira |
Orientação e revisão da tradução: Vanise Dresch

“**H**á excluídos ‘na’ e os excluídos ‘da’ sociedade. Ser excluído, é estar “fora do” espaço (real ou simbólico) dos incluídos”, descreve **Magali Bessone**, professora de Filosofia Política na Universidade de Rennes 1 na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo ela, “o paradoxo da noção de exclusão é precisamente que não há espaço homogêneo pré-dado, mas que a produção da exclusão consiste em construir o espaço tal que certas pessoas são descartadas, pela invisibilização, pelo estatuto jurídico diferenciado ou pela reclusão”.

Segundo Bessone, “para não ser excluído, é necessário que o indivíduo renuncie a suas características identitárias idiossincráticas e se funda no corpo social: é preciso renunciar a sua língua, sua religião, sua cultura, seu sotaque, seus hábitos etc. Nada deverá o diferenciar de um “nativo” na fantasia dessa fusão indiferenciável de cada um dentro do todo”. Contudo, é preciso que o projeto para repensar o binômio excluídos e incluídos seja pensado desde uma perspectiva política, e não ética. “A hospitalidade repousa sobre a convicção de que pertencimento é a condição da cidadania - da participação legítima nas escolhas

dos princípios de justiça que governam a sociedade. Podemos fazer um esforço e pensar ao contrário: a participação como critério prévio à cidadania.” E acrescenta: “Pensar a presença do estrangeiro através de um modelo de um acolhimento absoluto, incondicionado, do outro ‘em sua casa’, tende a retirar da crítica toda a capacidade de isso se realizar na ação ou no engajamento político efetivo.

Magali Bessone é professora titular de Filosofia Política na Universidade de Rennes 1, na França, e prepara uma tese de filosofia sobre o conceito de transparência na democracia americana, na Universidade de Nice Sophia-Antipolis, onde ela ensina na qualidade de instrutora. Publicou *La Justice* (Paris: Garnier-Flammarion, coleção “Corpus”, 2000), *À l’origine de la République américaine: un double projet, Thomas Jefferson vs. Alexander Hamilton* (Paris: Michel Houdiard Éd., 2007. Ouvrage publié avec une bourse du Centre National du Livre) e *Sans distinction de race ? Une analyse critique du concept de race et de ses effets pratiques* (Paris: Vrin, 2013. Ouvrage publié avec l’aide du Centre National du Livre).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os sentidos do termo “exclusão”? Como caracterizá-la?

Magali Bessone - Se observarmos a etimologia do termo, percebemos que há ao menos dois grandes senti-

dos contidos na noção de exclusão, o que aparece já em seus primeiros usos: “excluir” é um empréstimo do latim “excludere”, que significa ao mesmo tempo “expulsar” e “não deixar entrar”. Há, desse modo, na

noção, intimamente imbricados, um aspecto ativamente negativo (expulsar) e um aspecto privativo, aparentemente mais passivo (não deixar entrar). Soma-se a esses, a partir do século XVI, principalmen-



A exclusão, porém, é um conceito relativo, ou seja, que define uma relação e a inscreve em uma complexa rede de relações

te no campo jurídico, um terceiro sentido: privar alguém de algo a que ela teria direito, daquilo que lhe devem. Em 1690, o dicionário de Furetière apresenta três exemplos, que ilustram perfeitamente esses três sentidos, “expulsar”, “recusar a entrada” e “privar de um direito”: “Os anjos maus foram excluídos do Paraíso. Os pecadores serão excluídos para sempre. Diz-se que um homem foi excluído de uma sucessão para dizer que ele foi deserdado”.

O que nos ensina a história semântica e conceitual da exclusão é que, em primeiro lugar, ser excluído é não fazer parte de uma esfera, real (um lugar) ou simbólica (uma comunidade a que se pertence): ser excluído é estar de fora. Em segundo lugar, há ao menos duas modalidades de caracterização de ser excluído. Na primeira, ele estava em algum lugar (ou possuía alguma coisa) do qual o expulsaram (ou da qual o privaram) - nesse sentido, a exclusão é um processo de perda de *status*, uma trajetória de marginalização e de desapossamento. Na segunda, por natureza, o excluído não pode nem nunca pôde reivindicar a inclusão, pois ele não possui as características que lhe permitem o acesso ao direito, à função ou ao bem - características de que os incluídos partilham. Em último lugar, porém, duas questões continuam abertas: saber *quem* define o *status* de inclusão/exclusão e os critérios (fluidos e evolutivos) de admissão na esfera; saber se a exclusão é uma estrutura, modalidade inevitável da relação social e política, ou se ela se trata de uma conjuntura, ligada a um certo modo de organização das relações sociais.

IHU On-Line - Em que medida a noção de exclusão tornou-se importante frente às questões políticas e sociais de nossa época?

Magali Bessone - A noção de exclusão tem um *status* duplo: trata-se de um termo técnico da literatura sociológica e política, mas se trata também de um termo do vocabulário da vida cotidiana e um *leitmotiv* da mídia, que, ao generalizá-lo, tornam confusa essa noção complexa. A precarização de massa e os processos de imigração produziram efeitos sociais e políticos que podem ser condensados pela noção de “exclusão”. Contudo, a própria categorização de incluídos e excluídos produz efeitos sociais que, embora não criem situações físicas e moralmente intoleráveis a algumas pessoas, contribuem para fixar o “dentro” e o “fora”, para reificar as condições de entrada e saída e para homogeneizar os grupos que se opõem entre si. Saül Karsz¹, em *L'exclusion, définir pour en finir* (2000), aborda o caráter “especular” da noção de exclusão: ela opera em discurso-espelho. A noção designa os excluídos - que, por definição, são frequentemente aqueles excluídos da esfera de fala, da possibilidade de *falar sobre* a sua situação, de modo que o seu testemunho é pouco transmitido, ouvido, valorizado ou legitimado (eles estão em situação de injustiça epistêmica, para retomar a expressão de Miranda Fricker²). A noção emana

¹ **Saül Karsz**: sociólogo e filósofo francês de origem polonesa-argentina, professor na Universidade da Sorbonne, na França. É autor de *L'exclusion, définir pour en finir* (Paris: Éditions Dunod, 2001). (Nota da **IHU On-Line**)

² **Miranda Fricker** (1966): filósofa inglesa, professora na Universidade de Sheffield e na

dos incluídos: os porta-vozes das instituições e das assistências sociais, a mídia, os pesquisadores que mencionam e analisam os fenômenos de exclusão; são pessoas que se consideram e são consideradas pelos outros como incluídos. Além disso, ela produz efeitos simplificadoros, ou melhor, efeitos de concorrência, falando de maneira absoluta de grupos que parecem perfeitamente constituídos - os excluídos, de um lado, e os incluídos, de outro.

A exclusão, porém, é um conceito relativo, ou seja, que define uma relação e a inscreve em uma complexa rede de relações. Se os parisienses são incluídos, os excluídos são os habitantes do interior (os “habitants des régions”³) ou os habitantes da periferia (os “franciliens”⁴)? Se a exclusão concerne a todos é porque somos sempre excluídos de alguma coisa e sempre excluídos em relação a alguém: a noção é inesgotável e, face a sua polissemia, o único modo de se certificar de que fazemos parte dos “incluídos” é recriar permanentemente as categorias. A noção de exclusão parece incontornável, contudo é muito ambígua por tratar de fenômenos de construção de grupos a que se pertence.

IHU On-Line - Quais são os excluídos das sociedades contemporâneas?

Magali Bessone - Há excluídos “na” e excluídos “da” sociedade. Ser excluído é estar fora do espaço (real ou simbólico) dos incluídos. O paradoxo da noção é precisamente que não há espaço homogêneo pré-dado, mas que a produção da exclusão consiste em construir o espaço de modo que certas pessoas sejam de lá afastadas pela invisibilidade.

City University of New York Graduate Center. É autora de *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing* (Oxford University Press, 2007). (Nota da **IHU On-Line**)

³ “Habitant des régions” é o nome dado aos franceses que não são habitantes da Île-de-France e, sim, das demais regiões da França. (Nota da tradução)

⁴ “Francilien” é o nome dado ao habitante da região francesa Île-de-France. (Nota da tradução)

bilização, pelo *status* jurídico diferenciado ou pela reclusão. Dessas três modalidades de construção dos excluídos por afastamentos diferenciados, pode-se depreender três figuras principais (que funcionam apenas como figuras de análise e que, na realidade social, não somente compreendem ramificações, mas também se fundem): o mendigo, o estrangeiro, o louco. A primeira figura remete a um tipo de excluído definido pela ausência de domicílio. Entretanto, sabemos que no cotidiano daqueles que nomeamos na França de “SDF” (sem domicílio fixo) existem práticas de inserção e estratégias de adaptação, de integração a certas redes e circuitos, de solidariedade e de ajuda mútua - enfim, há um reaparecimento de uma forma da propriedade privada do território. A rua define a exclusão apenas se escolhemos ignorar suas leis de integração ou de inclusão diferenciada.

O estrangeiro como excluído

Segunda figura de excluídos: o estrangeiro, que está “aqui”, mas que não é “daqui”, para fazer referência à fórmula de Georg Simmel⁵. Seja legal ou ilegal, a figura do estrangeiro (nacional, étnico ou racial) corresponde às populações dotadas de um *status* especial que as permite coexistir na comunidade política, mas as priva de certos direitos civis ou de certas atividades sociais. A exclusão ocorre pela construção de um *status* de exceção que não é transitório. Mesmo que os estrangeiros sejam “integrados”, eles são o primeiro alvo de discriminação e perseguição

⁵ **George Simmel** (1858-1918): ocupou um lugar importante no debate alemão de 1890 até a sua morte em 1918, final da I Guerra Mundial. Soube sintetizar a tradição historicista de Dilthey e o kantismo de Rickert. Seu pensamento influenciou Weber, Heidegger, Jaspers, Lukacs, a Escola de Frankfurt, entre outros. Suas obras principais são: *Diferenciação social* (1890), *Filosofia do Dinheiro* (1900) e *Questões fundamentais de sociologia* (1917). Também publicou *Filosofia da moda*. O texto pode ser encontrado em “Filosofia da Moda”, In Simmel, G., *Cultura Feminina*, Lisboa: Galeria Panorama, 1969, pp107/151. (Nota da **IHU On-Line**)

quando a situação do país de acolhimento se degrada.

Isolamento

A terceira figura de excluídos corresponde àquela que é produzida pelo conjunto de práticas que consistem em construir ou em deixar construir os espaços fechados - tecnicamente situados no espaço da comunidade, mas separados dela: os asilos, os campos, as prisões, os guetos etc. Essa exclusão age sobre o princípio do isolamento. A exclusão é, então, reclusão: o excluído não é expulso ou exilado do lugar comum; ele é sobretudo proibido de sair da porção particular de território que lhe foi designada.

“

Os excluídos não estão fora da sociedade, mas exatamente nela: se eles não estivessem no interior do espaço social, eles não estariam excluídos, mas apenas em outros lugares

IHU On-Line - Como a exclusão confirma o ideal de inclusão? O que realmente está em jogo nesse processo? É possível pensar o processo de “inclusão” como uma “ilusão”? Por quê?

Magali Bessone - Os excluídos não estão fora da sociedade, mas exatamente nela: se eles não estivessem no interior do espaço social, eles não estariam excluídos,

mas apenas em outros lugares. Desse modo, a sua “exterioridade” é totalmente relativa e corresponde muito mais a uma situação de dominação na estruturação social e política. Os “excluídos” ocupam um lugar na comunidade, onde são os incluídos que lhes atribuem uma função econômica, política ou ideológica. Mas esse lugar é entendido a partir da garantia de que esses outros são incluídos no sentido de “dominantes”: os incluídos têm um acesso privilegiado aos recursos materiais e simbólicos e por isso são reconhecidos. Os processos de exclusão são o duplo malefício dos processos de inclusão, que tendem a assimilar todos em uma “comunidade imaginária”, corroborando para que aqueles que não estiveram presentes no momento da distribuição de normas e valores comuns estarão sempre “no entre-meu” ou à margem. Os processos de inclusão concebem imaginariamente o povo enquanto totalidade social e política: baseiam-se em um conceito de povo isolado de suas condições sociológicas reais, que negligencia as classes de vulnerabilidade diferentes que o atravessam; eles mobilizam um conceito de povo a-histórico, sem considerar a construção histórica arbitrária da comunidade política em si.

Assim, no ideal de inclusão, não ser excluído do povo não se refere a ser integrado no povo, mas a ser assimilado: assimilar significa “adotar”, e nessa incorporação, nessa relação de se apossar de algo, reside uma verdadeira violência. Nós perguntamos ao outro se ele quer de fato “entrar”, renunciar à diferença que o faz ser “outro”. Para não ser excluído, é necessário que o indivíduo renuncie a suas características identitárias idiossincráticas e se funda no corpo social: é preciso renunciar a sua língua, sua religião, sua cultura, seu sotaque, seus hábitos etc. Nada deverá o diferenciar de um “nativo” na fantasia dessa fusão indiferenciável de cada um dentro do todo. Ora, a representação do corpo no qual ele quer entrar, desse “todo”, é, na verdade, definida

pelos dominantes, ou seja, aqueles que já possuem a capacidade de definir e que estão em situação de interferir de maneira arbitrária na capacidade do outro de agir e de se autodefinir.

IHU On-Line - De qual ordem é o projeto ético a ser realizado a fim de superar a dialética que coloca os excluídos de um lado e os incluídos de outro?

Magali Bessone - O projeto a ser realizado não me parece ético, mas político. Na sua dimensão ética, ele poderia servir para sustentar a aceitação/ideia de que nós somos todos "outros", não somente para os outros (mesmo para os outros mais íntimos, namorados, crianças etc.), mas também para nós mesmos. Se eu aceito que eu mesma não me conheço; que minha subjetividade é atravessada por linhas de força; que eu não sou somente para um outro, mas também para mim, parcialmente excluído de um lugar, de uma relação, de uma aspiração; que mesmo o meu "eu" não constitui uma totalidade incorporada, eu posso então aceitar me abrir ao outro como a um outro eu mesmo, atravessado por contradições e interdições. Nessa acepção, o mais íntimo (a relação consigo) é também o mais universal (a relação com qualquer outra pessoa): em um encontro particular com o outro, qualquer outro, não importando os dados empíricos de nossas situações respectivas, realizam-se

sempre microrrelações de inclusão e exclusão.

Tal abordagem tem como interesse colocar em questão a desigualdade ou a assimetria das situações individuais, de revirar as certezas da inclusão como continuidade e estabilidade das condições de vida de alguns. Entretanto, essa posição ética não nos dá nenhuma chave ou indicação para agir em circunstâncias sociopolíticas que definem sempre os excluídos de maneira materialmente muito mais dramática. O projeto político difere segundo o tipo de exclusão colocado em prática. Ele serviria para colocar em prática as condições sociais para que a voz dos excluídos invisibilizados seja ouvida, ou seja, para lhes assegurar um *status* epistêmico igual ao de qualquer membro da comunidade política. Da mesma maneira, ele serviria para dar aos estrangeiros direitos iguais de participação nas decisões tomadas nas suas comunidades políticas em que residem. Finalmente, serviria também para abrir os espaços de reclusão de tal maneira que não fossem entendidos como lugares de não direito, de menos direito, de rejeição ou de abandono pelas políticas públicas.

IHU On-Line - Diante desse quadro, quais são os desafios a considerar em relação à hospitalidade?

Magali Bessone - A hospitalidade repousa sobre a convicção de que pertencimento é a condição

da cidadania - da participação legítima nas escolhas dos princípios de justiça que governam a sociedade. Podemos fazer um esforço e pensar ao contrário: a participação como critério prévio à cidadania. O tratamento da imigração pela *hospitalidade* traduz a tentativa de desassociar para os estrangeiros aquilo que é associado para os cidadãos: o político e a ética - o que resulta na exclusão dos estrangeiros da esfera legítima do político. A mobilização do discurso de hospitalidade tem como função incentivar *um excesso de ética* na prática das políticas de imigração. Contudo, se, na sua radicalidade, a exigência ética de hospitalidade tende a ir em direção à abertura incondicionada ao outro, a prática jurídico-política do tratamento de imigrações impõe a consideração de mediações.

Pensar a presença do estrangeiro através de um modelo de um acolhimento absoluto, incondicionado, do outro "em sua casa", tende a retirar da crítica toda a capacidade de isso se realizar na ação ou no engajamento político efetivo. É preciso muito mais "*deseticizar*" e repolitizar o status de cidadania independentemente da questão de pertencimento territorial original, desse espaço fantasiado como "nossa casa", propondo então uma abordagem da cidadania como engajamento político ativo, sem importar se somos "daqui" ou "de fora". ■

A esquerda no Brasil:
a necessidade do multitudinário e do discurso
de emergência

Prof. Dr. Rodrigo Nunes
- PUC-Rio

12 de abril de 2017 (quarta-feira) |
19h30min às 22h

Saiba mais: ihu.unisinos.br/eventos



A emergência de uma humanidade atravessada pela hospitalidade

Para Marco Dal Corso, tomada como princípio, a ideia de acolhimento ao hóspede ajuda a pensar outra comunidade global, que supera conflitos das relações econômicas, políticas e religiosas

Por João Vitor Santos | Tradução: Sandra Dall'Onder

O estado de crises em que o mundo parece mergulhado, de problemas humanitários a políticos e econômicos-sociais, pode ser resumido como “crise global de hospitalidade”. É nesse sentido que vai a perspectiva do professor e teólogo italiano Marco Dal Corso. “Trata-se de uma crise cultural e, talvez, espiritual, antes de uma crise social e política. Se isso é verdade, precisamos repensar nossas categorias fundantes, pelo menos aquelas sobre as quais construímos a chamada cultura ocidental”, explica. Desde a perspectiva teológica, acredita que “a hospitalidade como princípio pode ajudar a repensar também a própria comunidade: quando as relações econômicas não são medidas pela posse, aquelas políticas determinadas pelas fronteiras e pela pátria e as religiosas com a pretensão de deter a verdade”. Para ele, nesta lógica, a hospitalidade também “ajuda a recriar o ecumenismo cristão e, como aprendemos com a América Latina, o macroecumenismo com as outras religiões”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o professor usa o texto bíblico da tenda de Abraão para, a partir dele, refletir sobre a hospitalidade hoje. Assim, para Corso, a partir dessa narrativa de Gênesis, “podemos observar algumas características principais sobre a pessoa hospitaleira. Antes de tudo, manter a porta aberta. A tenda de Abraão não tem chaves para fechá-la, mas portas que

abrem”. Ele ainda vai à cultura de povos originais para observar outros princípios hospitaleiros que podem inspirar a mudança do paradigma contemporâneo. É o caso de algumas tribos africanas, em que a hospitalidade “acontece em um lugar vital para todo o vilarejo quase como se quisesse lembrar, viver e dar um conteúdo experiencial ao pensamento hospitaleiro que sustenta a prática da hospitalidade: eu sou porque nós somos”. O professor ainda reflete sobre a mudança de época em que vivemos. É verdade que essa mudança gera um tempo de crises, mas que podem incitar a pensar noutra lógica de humanidade. “A crise da nossa época, como dito, é uma crise espiritual antes de ser social. As igrejas e as comunidades religiosas em geral são chamadas a dar uma resposta”, reflete.

Marco Dal Corso é teólogo, professor de religião em uma escola secundária em Verona, Itália, e professor visitante do Instituto de Estudos Ecumênicos “San Bernardino” em Veneza. Também é membro da equipe editorial de Estudos Ecumênicos e EMC Mondialità; Pazzini Editore, onde dirige a série “Frontiere” (Fronteiras, em tradução livre). Ele é o autor de vários livros, entre eles, *L’ospitalità come principio ecumenico* (Verucchio, Itália: Pazzini, 2008) e *Per un cristianesimo altro. Le esperienze religiose amerindie* (Verucchio, Itália: Pazzini, 2007).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é o conceito de hospitalidade? E como entender este conceito em relação à realidade de hoje?

Marco Dal Corso - Há uma crise global de hospitalidade que solici-

ta, antes ainda de agir, que pensemos de forma diferente, mais além e ainda mais. Trata-se de uma crise cultural e, talvez, espiritual, antes de uma crise social e política. Se isso é verdade, precisamos

repensar nossas categorias fundantes, pelo menos aquelas sobre as quais construímos a chamada cultura ocidental. Na busca de um novo pensamento uma importante contribuição pode ser dada pelo

pensamento bíblico, se liberado da “gaiola” helenística, assim entendida por muito tempo. Assim, podemos nos confrontar, como nos advertem os intelectuais mais sensíveis (Levinas¹, Derrida²...) com o paradigma sobre a identidade e seu mito, que seria a base da crise de hospitalidade que hoje vemos os efeitos e consequências.

O pensamento bíblico deselenizado³ vai além da identidade racional do pensamento grego, está concentrado no ser e nos chama a “tornar-se o que és”. Mas vai ainda além da identidade moderna que centraliza o eu, promovendo a autocracia do sujeito, agora autônomo e projetual, senhor da história e do seu destino. O apelo bíblico identitário não para diante da subjetividade lúdica do pós-moderno, cujo “pensamento frágil” quer contestar a crise das grandes narrativas. O bíblico é de fato um apelo à responsabilidade onde a identidade se constrói no ser para o outro. Neste sentido, a narrativa bíblica aparece como real contestação em relação ao pensamento moderno

1 **Emmanuel Levinas** (1906-1995): filósofo e comentarista talmúdico lituano, de ascendência judaica e naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, confira a entrevista com Rafael Haddock-Lobo, publicada em 30-08-2007 no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, intitulada *Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida*, disponível em <http://bit.ly/1bZ77kk>, e a edição número 277 da IHU On-Line, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível em <http://bit.ly/1gsnUOI>. (Nota da **IHU On-Line**).

2 **Jacques Derrida** (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria *Memória da IHU On-Line* nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 No sentido de retirar a perspectiva helenística. (Nota da **IHU On-Line**)

ocidental: o humano, para a bíblia, não termina na lógica do ser, mas na sua superação. Aparece como uma real contestação em relação ao pensamento moderno. Vem a ser o ser para o outro⁴.

Hospitalidade

Enfim, a hospitalidade não é, segundo a lógica bíblica, uma exortação moral, mas uma característica fundante da crença. A hospitalidade é, em qualquer caso, um imperativo ético, não jurídico, é o que distingue a dinâmica religiosa que tende a transformar em lei o amor ao próximo daquele da fé, que coloca o amor ao próximo como critério para julgar a lei. É por isso que o mandamento bíblico para a hospitalidade é um convite e não uma obrigação. Nenhuma lei, nenhuma cultura, nenhuma teologia a satisfaz completamente; continua a ser um convite para ouvir e satisfazer e com o qual se, ao menos, confrontar. A obrigação da hospitalidade não é baseada no estatuto do crente, mas no direito do pobre. Por isto, acreditar é diferente de pertencer, e a justiça, conforme a sensibilidade judaica, tem a primazia sobre a liturgia como a ética sobre a religião.

IHU On-Line - De que forma a perspectiva da hospitalidade pode contribuir para o debate sobre o diálogo inter-religioso?

Marco Dal Corso - Enquanto a urgência do diálogo aparece de forma evidente (não somente sócio-político, em tempos de fundamentalismo globalizado, mas também e até mais na questão cultural e religiosa), ao mesmo tempo cada tradição espiritual defronte ao pluralismo cultural e religioso é chamada a reconsiderar de forma crítica os seus escritos, as suas tradições doutrinárias e morais, e gozar da biodiversidade religiosa, da presença difusa do Espírito... Se as antigas verdades das religiões não mudam, o que deve mudar são as

4Para estas categorias ver, entre outros, Carmine Di Sante, *L'io ospitale*, Edizioni Lavoro, Roma 2001. (Nota do entrevistado)

práticas sociais e culturais. Na história as religiões já modificaram, por exemplo, as suas posições sobre a escravidão, discriminação racial, a situação da mulher, a relação com a ciência, a centralização do rito e as suas formas históricas...

A urgência histórica e humanitária não pode nos deixar esquecer que estamos diante de uma mudança de paradigma. Por isto a hospitalidade não se propõe simplesmente como uma postura, mas antes de tudo como um pensamento, um paradigma diferente. Os que foram utilizados até aqui ou insistem sobre a dimensão identitária ou sobre a alteridade e a diferença, como emerge do estudo da teologia das religiões elaboradas até aqui. Trata-se de unir de outra forma identidade e alteridade.

Temos certeza de que o paradigma da hospitalidade pode responder a esta chamada do pluralismo: como uma identidade fruto da hospitalidade (“fui imaginado então existo”) é possível pensar em uma relação com o outro de tipo hospitaleira (segundo a qual o hipotético *hostis*-inimigo se torna *hospes*-hóspede). A teologia da hospitalidade (a ser quase toda escrita), não é outro capítulo da teologia das religiões onde o pluralismo é “*de facto*”, mas não “*de iure*”; se propõe então como uma reflexão que interroga o pluralismo, interpretando-o dentro da economia da salvação divina. O diálogo inter-religioso que virá deve ser “informado” a partir da teologia do pluralismo religioso cuja marca da hospitalidade se propõe como categoria fundante.

IHU On-Line - A hospitalidade pode ser entendida como um princípio ecumênico? Por quê?

Marco Dal Corso - Pensar e não somente praticar a hospitalidade comporta a adoção de uma série de “primazias”. A primeira é a eteronomia sobre a autonomia. Não significa renunciar a conquista moderna da autonomia, mas repensá-la de forma crítica. A “primazia” que auxilia na passagem do paradigma identitário (sobre o qual se constro-

em as políticas sociais) ao paradigma da hospitalidade, do paradigma da exclusão (como tema ideológico e cultural) ao da co-hospitalidade.

Segunda primazia é a do princípio da hospitalidade como responsabilidade (em relação ao outro) sobre a liberdade (do eu). Significa que a resposta às necessidades do outro é o caminho para encontrar a busca de sentido. A bíblia aqui diria: escolhe o bem e serás livre. Isto libera as relações de interesse e faz com que sejam possíveis como doação.

A hospitalidade entendida como princípio, indica uma terceira primazia: o da justiça sobre o amor. Mais uma vez, não porque o amor deixa de ser uma medida da vida da fé, ou somente a coerência com aquilo em que se acredita, mas porque o princípio da hospitalidade ajuda a passar de uma justiça radical interpretada como "do ut des" a uma justiça como gratuidade, assimetria, relações, como resposta radical aos problemas da injustiça estrutural e pessoal. Se levado a sério, o princípio da hospitalidade ajuda a repensar o divino: antes de ser invocado, Ele é advogado. Ao invés de distante, o divino é descoberto próximo a nós e antes de ser onipotente, Ele é descoberto como condescendente.

Repensando o humano

Mas o princípio da hospitalidade serve para repensar o humano: não mônade, nem absorvido pela totalidade, mas relação. E enfim, a hospitalidade como princípio pode ajudar a repensar também a própria comunidade: quando as relações econômicas não são medidas pela posse, aquelas políticas determinadas pelas fronteiras e pela pátria e as religiosas com a pretensão de deter a verdade. Nesta perspectiva a hospitalidade ajuda a recriar o ecumenismo cristão e, como aprendemos com a América Latina, o macroecumenismo com as outras religiões.

IHU On-Line - Quais as reflexões sobre a hospitalidade que nos podem ser indicadas pelo

texto sobre a tenda de Abraão (Gênesis 18)?

Marco Dal Corso - A passagem de Gen, 18 foi interpretada como uma narrativa paradigmática da hospitalidade e não poderia ser diferente. Uma narrativa muito comentada, onde, todavia, podemos observar algumas características principais sobre a pessoa hospitaleira. Antes de tudo, manter a porta aberta. A tenda de Abraão não tem chaves para fechá-la, mas portas que abrem.

Depois, a pessoa hospitaleira, conforme o exemplo de Abraão, é a que dá as boas-vindas: consciente, isto é, que a pessoa que chega, como diz a palavra, traz o "bem" para a casa. Além disso, a pessoa hospitaleira se dá conta daquilo que o outro necessita. Ou seja, tem uma capacidade empática, que vai além da tolerância ou da indiferença: o outro "é importante para ele".

Enfim, a pessoa hospitaleira aprende com Abraão e com a sua esposa a dar espaço para o outro e doar aquilo que tem, ensinando a despojar-se dos bens. Como Abraão, a pessoa hospitaleira sabe que estar mais próximo de Deus é salvar os homens, por isto, acolher e servir o hóspede é mais importante que acolher e servir a Deus. Em outras palavras: a justiça goza de uma primazia sobre a liturgia. Por isto, como diz o Papa Francisco, afirmar que a "Igreja é um hospital de campo" (para todos os feridos, também os estrangeiros) não é uma metáfora edificante, mas uma afirmação teológica coerente.

IHU On-Line - Podemos associar a destruição de Sodoma e Gomorra (Gênesis 18-20) à ideia de hostilidade ou não hospitalidade plena? E quais associações podemos fazer com o tempo atual de conflitos e não acolhimento aos estrangeiros?

Marco Dal Corso - A Bíblia, como outros códigos culturais antigos, narra em várias ocasiões a prática da hospitalidade. A história de

Lot⁵, após a de Abraão, que recebe em sua tenda dois personagens desconhecidos, é uma dessas ocasiões. A narrativa tem sido muitas vezes interpretada com o registro ético-sexual: quando a culpa dos habitantes de Sodoma seria a sua tentativa de abuso sexual em relação aos estrangeiros. Tal interpretação, no entanto, aprisiona o texto em relação a sua mensagem real, como observado pelos estudiosos bíblicos há tempos. A culpa dos sodomitas está na violação da hospitalidade e na destruição da cidade e dos seus habitantes, mais que um sinal da vontade punitiva e vingativa dos hóspedes ofendidos, propõe-se uma metáfora da morte da pessoa que não é acolhedora.

Hospedar, mais uma vez, não é um simples ato generoso, mas uma experiência geradora, tanto para quem hospeda como para quem é recebido. Negar-se a acolher, conduz à própria morte, ao fechamento, a não realização de si, conforme a Bíblia. Que, ao contrário de outras literaturas, quando narra, como neste episódio, que no centro do pedido de hospitalidade está o estrangeiro (estes são os dois personagens de que falamos) indica o estrangeiro não simplesmente como um lugar social, mas como um lugar teológico: Deus se revela no estrangeiro. Porque hospedar é sair de si mesmo, é escolher amar de forma assimétrica como se ama a Deus.

Se esta hermenêutica bíblica se sustenta, a sua mensagem chega até aos nossos dias. A não hospitalidade destes "dias ruins" antes de ser um problema dos outros, é um problema para mim: todas as comunidades que se fecham estão destinadas a "morte". E a crise da nossa época, como dito, é uma crise espiritual antes de ser social. As igrejas e as comunidades religiosas em geral são chamadas a dar uma resposta.

IHU On-Line - Na cultura dos povos indígenas, como é o conceito de hospitalidade? Quais relações

⁵ Gn, 19. (Nota da IHU On-Line).

são estabelecidas a partir desse contato com o outro?

Marco Dal Corso - Porque, como disse Eliade⁶, a experiência do sagrado está diretamente ligada ao esforço do ser humano em construir um mundo que faça sentido, podemos nos dirigir aos mundos tradicionais e aos povos originários não como uma comparação exótica (quase como uma viagem no tempo e em um mundo que não existe mais), mas como uma comparação com uma outra lógica, capaz de ficar à frente dos problemas de hoje e indicar perspectivas para o futuro. Podemos aprender com eles e descobrir, por exemplo, que a hospitalidade africana não é somente um comportamento, mas é, sobretudo, um tema: que a prática da hospitalidade seja como um dote, isto é, um pensamento hospitaleiro.

Uma tradução exemplar disto poderia ser a experiência dos povos Bapunu entre Gabon e Congo Brazzaville. Estes, assim como outros povos africanos, dispõem de uma verdadeira estrutura para a hospitalidade no vilarejo. Nos

6 **Mircea Eliade** (1907- 1986): escritor e filósofo romeno, uma das maiores autoridades no estudo das religiões. Estudou a linguagem dos símbolos, usada em todas as religiões, para chegar às origens, que se situariam sempre no sagrado. Em 1928, obteve seu mestrado em Filosofia na Universidade de Bucareste. Estudou sânscrito e filosofia hindu na Universidade de Calcutá (1928-1931) e morou em um ashram em Rishikesh, ao pé do Himalaia, na Índia. Em 1933, voltou à Universidade de Bucareste e obteve o doutorado com o tema *Yoga: Essai sur les Origines de l'q Mystique Indienne*. Em 1945, lecionou na École de Hautes Études, na Sorbonne, e, em 1956, foi professor de História das Religiões na Universidade de Chicago, Estados Unidos. Foi também honoris causa em numerosas universidades de todo o mundo, além de premiado em 1977 pela Academia Francesa com a Legião de Honra. Sua interpretação essencial para as culturas religiosas e a análise de experiência mítica caracterizavam suas obras. Em Eliade, o conceito de hierofania corresponde às manifestações do sagrado, desde aquelas mais elementares, como, por exemplo, sua manifestação num objeto qualquer, em uma pedra ou uma árvore, até a sua forma suprema, que, para um cristão, seria a manifestação de Deus no homem Jesus Cristo, residindo aí um ato misterioso: a manifestação de algo divino em objetos que fazem parte de nosso mundo material, "profano". (Nota do **IHU On-Line**).

referimos ao caso do Mulebi⁷. Uma das máximas dos Bapunu, é: "Quando estás prestes a te sentar à mesa, deves olhar para a entrada do vilarejo. Talvez esteja chegando um forasteiro." (U ji wi ji dissu o kodu dimbu). "Enquanto comes, pense no estrangeiro, que pode aparecer de um momento para o outro".

Repensando a metafísica do humano

Enfim, a hospitalidade na África tem uma estrutura, acontece em um lugar vital para todo o vilarejo quase como se quisesse lembrar, viver e dar um conteúdo experiencial ao pensamento hospitaleiro que sustenta a prática da hospitalidade: eu sou porque nós somos. E talvez, retomando e transpondo o famoso axioma de memória cartesiana: não o "penso, logo existo", mas "fui pensado, então existo". A contribuição do pensamento "outro" africano aparece desde o início: repensar a metafísica ou a base do ser humano. Se isto se aplica às religiões tradicionais africanas, mesmo os povos nativos e os mundos tradicionais da América Latina podem contribuir para repensar a relação com o outro. Em pelo menos dois aspectos.

O primeiro é, por exemplo, repensar a pessoa dentro de tramas relacionais também com o meio ambiente. A visão política filosófica ocidental não tem incidido sobre a relação do ser humano com a natureza, exceto pela recente "preocupação ecológica"⁸.

7 As informações aqui constante foram dadas pelo aluno Berri Hilare que defendeu a sua tese em Teologia Ecumênica junto ao *Istituto di Studi Ecumenici* "San Bernardino" em Veneza intitulada: "La morfologia dell'ospitalità del Mulebi" como contribuição africana aos diálogos ecumênico e inter-religioso. (Nota do entrevistado)

8 A recente encíclica do Papa Francisco propõe uma nova abordagem sobre o tema quando chama a atenção sobre a ecologia como o "cuidado da casa comum". Temos ainda uma confirmação da tese acima citada se for verdade que a "Laudato Si" faz referência frequente ao "magistério" das igrejas do sul do mundo. Para posterior estudo inter-religioso da encíclica e uma avaliação da sua linguagem ver o recente *Quaderni di Studi Ecumenici* n. 33: Dal Corso M.- Salvarani B. (a cura

A democracia ocidental, em suma, parece fazer pouco caso do ambiente onde vivem os homens. Os habitantes dos Andes, por outro lado, sabem que Pacha Mama é a noiva mística do Céu e que o Céu é fecundado pelo sol e pela chuva. É a manifestação da energia cósmica "feminina", a manifestação da função "materna" da divindade. Todos os seres vivos - plantas, animais, homens - são gerados pela Mãe Terra e por ela alimentados. Por isso, a terra pode ser utilizada somente como usufruto. O eu hospedado deve saber que é o guardião, e não o proprietário da criação, diria a Bíblia.

A segunda contribuição, olhando para o mundo tradicional na terra de Abya-Yala, é ajudar a repensar o destino comum dos bens. A sociedade globalizada atual corre o risco de "perder o mundo", porque, entre outras coisas, perdeu o sentido do bem comum. Nas festas indígenas, a instituição do mordomo, ou seja, do festeiro, refere-se ao princípio da redistribuição dos bens. Na verdade, ele tem à sua disposição um ano inteiro, onde toda a sua energia e a força de trabalho da família servem para acumular o necessário para preparar grandes quantidades de comida e bebida para ser consumida durante o dia, ou nos dias da festa. Durante o ano qualquer necessidade pessoal, mesmo que legítima, está subordinada à tarefa que a comunidade destinou ao mordomo. Este, no final do ano, terá acumulado (às vezes contraindo dívidas) tal quantidade de gêneros alimentícios (milho, farinha, carne, cocaína, álcool), tornando-se a pessoa mais "rica" do vilarejo, mas esta riqueza é passageira. Durante a festa, o mordomo gasta todas as suas provisões, e assim, o mais rico se torna o mais pobre da comunidade. Terminada a festa, outro candidato tomará seu lugar e começará a trabalhar, economizar, acumular para que a festa do próximo ano seja boa para todos. O santo patrono, por sua vez, aceita

di), *Le religioni e la cura della casa comune*, Pazzini, Villa Verucchio (RN), 2016. (Nota do entrevistado)

este ano de tantos sacrifícios destinados ao bem da comunidade como uma prova de amor em relação a ele e recompensa aqueles que se submetem, abençoando os seus campos e os seus animais.

Antes de ser um costume cultural interessante para os turistas, a tradição do “festeiro” lembra a sociedade ocidental sobre o significado de mundo, que está no compartilhamento e não no amearhar bens. A Bíblia diria que o eu hospitaleiro pode ser recebido e também acolher. Pode, conforme o misticismo bíblico, “ter tudo sem ter nada”. Os bens são para todos. Enfim, para um pensamento ocidental centrado no hoje e desprovido de responsabilidade em relação ao futuro, quase incapaz de pensar na “dívida intergeracional”, existe outro pensamento, falado anteriormente, ligado ao seu “papel” hospitaleiro, que tem responsabilidades em relação ao futuro. Somente desta forma creio que exista um sentido em pensar nos povos originários, suas culturas e cosmovisões.

IHU On-Line - Quais são os desafios para praticar a hospitalidade no ambiente cotidiano?

Marco Dal Corso - Mais do que desafios, eu falaria, seguindo a escola de Panikkar, em interpeleções. A referência aos místicos e intelectuais como Raimon Panikkar⁹ pode nos ser útil na identificação. A experiência da hospitalidade que viveram, por exemplo, nos faz entender - como disse Mas-

9 Raimon Pannikar (1918-2010): padre e teólogo espanhol. Durante sua carreira acadêmica, teve a oportunidade de abordar diferentes tradições culturais. Publicou mais de 40 livros e 300 artigos de filosofia, ciência, metafísica, religião e hinduísmo. Foi membro do Instituto Internacional de Filologia (Paris, França) e presidente do Vivarium - Centro de Estudos Interculturais da Catalunha. Há um amplo material no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU dos quais destacamos: Superar a cristologia tribal, o desafio proposto por Raimon Panikkar, disponível em <http://bit.ly/1lMqMEem>; Raimon Panikkar: diálogo e interculturalidade, disponível em <http://bit.ly/1lMqTjp>; Raimon Panikkar, teólogo da dissidência, disponível em <http://bit.ly/1rQV2DS>. (Nota da **IHU On-Line**)

signon¹⁰, definido como um “mulçumano católico” por Paulo VI¹¹ - que para compreender o outro não é necessário integrá-lo, é necessário ser seu hóspede. A verdade é encontrada somente através da hospitalidade.

Da experiência do diálogo hospitaleiro somos chamados à nossa liminaridade, a habitar a terra do meio, como lembra a fascinante e dramática parábola de Henri le Saux, monge beneditino que habitou o coração da espiritualidade hindu. Aprendemos também que participar do diálogo é o mesmo que frequentar um lugar inquietante, porque somos chamados a mudar a nossa própria autocompreensão, se quisermos entender seriamente a posição do outro, como diz Panikkar.

Outra máxima hospitaleira é o testemunho de Simone Weil¹², capaz de atingir o mundo todo: nada está descartado, nenhuma dúvida e, sobretudo, nenhuma pessoa. Na escola de Teilhard de Chardin¹³,

10 Louis Massignol (1883-1962): escritor e católico francês perito no islã. (Nota do **IHU On-Line**)

11 Paulo VI (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da **IHU On-Line**)

12 Simone Weil (1909-1943): filósofa cristã francesa, centrou seus pensamentos sobre um aspecto que preocupa a sociedade até os dias de hoje: o tormento da injustiça. Vítima da tuberculose, Weil recusou-se a se alimentar, para compartilhar o sofrimento de seus irmãos franceses que haviam permanecido na França e viviam os dissabores da Segunda Guerra Mundial. Sobre Weil, confira as edições 84 da Revista IHU On-Line, de 17-11-2003, e 168, de 12-12-2005, sob o título Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX. Confira, também, a edição 17 dos Cadernos IHU Em Formação, intitulada Hannah Arendt e Simone Weil. Duas mulheres que marcaram a Filosofia e a Política do século XX. (Nota da **IHU On-Line**)

13 Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, promovido pelo IHU em 2005. Sobre ele, leia a edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, Teilhard de Chardin: cientista e místico, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. Veja também a edição 304, de 17-08-2009, O futuro que advém. A evolução

no entanto, podemos aprender e tentar traduzir no nosso ambiente cotidiano e na nossa vida comum que só uma verdadeira paixão pela vida, pela matéria e pelo mundo, pode ajudar a compreender a presença de Deus em tudo. Desesperar-se no presente, então, é uma traição da mística da hospitalidade, lição admirável dada pelo grande monge que foi Thomas Merton¹⁴.

Mística da hospitalidade

E, finalmente, neste esboço de interpelações que resultam da “mística da hospitalidade”, onde estamos conscientes de que a vida contemplativa politiza a fé. Uma mística de olhos abertos como no diálogo e no encontro com o outro, que não pode ser neutro conforme

e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin, em <http://bit.ly/ihuon304>. Confira, ainda, as entrevistas Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria, na edição 135, de 05-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon135> e Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon142>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista Teilhard e a teoria da evolução, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon143>, e a edição 45 edição do Caderno IHU Ideias A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica, disponível em <http://bit.ly/161WAC>; a edição 78 do Cadernos de Teologia Pública, As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã, disponível em <http://bit.ly/1pvlEG2>; e a edição 22 do Cadernos de Teologia Pública, Terra Habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs, disponível em <http://bit.ly/1pvlJLL>. (Nota da **IHU On-Line**)

14 Thomas Merton (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, pioneiro no ecumenismo no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários (Rio de Janeiro: Físus, 2001), é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como A Montanha dos Sete Patamares (São Paulo: Itatiaia, 1998) e Novas sementes de contemplação (Rio de Janeiro: Físus, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e colaborador de Merton. Na matéria de capa da edição 133 da IHU On-Line, de 21-03-2005, publicamos um artigo de Ernesto Cardenal, discípulo de Merton, que fala sobre sua relação com o monge. A edição 460 da revista IHU On-Line, sob o título A mística nupcial. Teresa de Ávila e Thomas Merton, dois centenários analisa a legado de Merton. Confira em <http://bit.ly/1hbCXyo> (Nota da **IHU On-Line**)

as poesias de outro místico contemporâneo, Ernesto Cardenal¹⁵. Seu compromisso político é o resultado de uma introspecção espiritual profunda. Nós seremos capazes de praticar a hospitalidade em nossas vidas diárias, se entendermos e vivermos a mística.

IHU On-Line - Como a perspectiva teológica da hospitalidade pode contribuir para reflexões sobre a crise dos migrantes?

Marco Dal Corso - Para responder a esta pergunta, gostaria de indicar o projeto de pesquisa sobre a "teologia da hospitalidade" que um grupo de pesquisadores, teólogos, pastores e leigos estão fazendo a algum tempo, coordenados por alguns professores do Instituto de Estudos Ecumênicos - ISE "San Bernardino" em Veneza. Aproveito para dizer que o projeto está aberto para todas as colaborações, também em solo brasileiro. O porquê de analisar a hospitalidade tem a ver com a pergunta anterior. Nós nos perguntamos: por que precisamos de um novo paradigma? E as nossas respostas iniciais foram:

Porque vivemos em um mundo novo

Este mundo de hoje é globalizado, interligado não somente de forma cultural, mas também religiosa, onde os conflitos não são mais determinados (somente) pelas ideologias econômicas e políticas, mas também pelas identidades reativas onde as religiões tiveram e (têm) uma colaboração significativa. É necessária uma nova autocompre-

ensão das religiões para ajudar e favorecer a convivência entre as pessoas (a atual autocompreensão das religiões ainda é um obstáculo à convivência). Uma crença hospitaleira ajuda na convivência entre as nações.

Porque vivemos uma época de mudanças

É necessário superar as formas históricas do passado se quisermos acompanhar os novos tempos de pluralismo religioso. Na história as religiões já modificaram, mudaram, repensaram diversos temas/problemas (por exemplo, escravidão, igualdade de gênero, relação com a ciência...). Nesta "mudança de época" (muito mais que época de mudanças), deve-se ter um novo pensamento, além do que foi herdado (também teologicamente). Uma crença hospitaleira é o futuro do diálogo inter-religioso.

Porque se não mudarmos o pensamento teremos prejuízos

Mesmo tendo ultrapassado o pensamento exclusivista ("em nome de Deus" e "pela sua glória"), não superamos ainda a mania de superioridade, da pouca valorização das outras religiões, do fechamento no seu próprio modo de pensar, da incapacidade de dialogar inter-religiosamente (modalidade operacional derivada de um pensamento inclusivo). Uma crença hospitaleira, ao contrário, não quer ser privada da força espiritual das diversas tradições religiosas e culturais: as riquezas espirituais são para todos.

Porque existe uma urgência civil, política e humanitária

Um novo princípio para o diálogo inter-religioso não pode ser somente uma preocupação intraeclesial ou um tema interno, das religiões. A busca por um novo modo de pensar (e de viver) o diálogo inter-religioso é um tema de tipo civil, político e humanitário. A contribuição da teologia pública para a cidade a serviço do crescimento espiritual (e cultural) da humanidade. A crença hospitaleira é uma modalidade pública e política das tradições religiosas e culturais.

Estes porquês querem responder à crise não somente dos migrantes, mas a crise da sociedade em geral.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algo?

Marco Dal Corso - Para concluir, me permito indicar alguns textos, cuja edição está em língua italiana, que passam pelos temas tratados aqui e que, sobretudo, testemunham a pesquisa sobre a categoria da hospitalidade, que há algum tempo envolve os meus interesses e pesquisas. O primeiro é assinado juntamente pelo amigo e teólogo Placido Sgroi¹⁶, *L'ospitalità come principio ecumenico* (Pazzini, 2008), onde o "pensamento hospitaleiro" é interpretado como pensamento recriador também para o ecumenismo.

Em relação à hospitalidade e, sobretudo sobre a sua negação, temos dois textos: *Per un cristianesimo altro: le esperienze religiose amerindie* (Pazzini, 2007), onde, partindo do sul do mundo, tenta-se contar uma outra forma de vida e interpretar o cristianismo; apresento, ainda, uma outra lógica cultural e religiosa dos povos originários em *Religioni Tradizionali* (EMI, 2013). Sobre a pedagogia inter-religiosa temos ainda o caderno monográfico de estudos ecumênicos intitulado *Per una pedagogia del dialogo interreligioso* (ISE San Bernardino, 2014); e a reflexão teológica em relação às religiões, onde podemos pensar em uma verdadeira teologia da hospitalidade está no volume de Brunetto Salvarani *Molte volte e in diversi modi: manuale di dialogo inter-religioso* (Cittadella, 2016). Por fim, gostaria de citar que a próxima edição do texto do amigo Faustino Teixeira¹⁷ intitulado *Per una mistica dell'ospitalità*, está prevista para o início de 2017, na coletânea "Frontiere" dirigida por mim. ■

¹⁶ O autor também é um dos entrevistados dessa edição da IHU On-Line. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁷ O autor assina um artigo sobre o tema, também presente nessa edição da IHU On-Line. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁵ **Ernesto Cardenal**: monge trapista nicaraguense, escritor e discípulo de Thomas Merton. Ernesto Cardenal foi ministro da Cultura da Nicarágua no governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Hoje, está rompido com a entidade. Citamos, entre as publicações de Cardenal, *Evangelio de Solentiname* (Salamanca: Sígueme, 1975); *La Revolución Perdida* (Madrid: Editorial Trotta, 2003); *Im Herzen der Revolution* (Wuppertal: Peter Hammer Verlag, 2004); *Antología poética* (Rosario: HomoSapiens Ediciones, 2004); *Catulo y Marcial* (Santiago de Chile: Ediciones Tácitas Ltda, 2004). Cardenal nos enviou um texto sobre sua direção espiritual com Thomas Merton, publicada na edição 133^a de IHU On-Line, de 21/03/2005. Acesse pelo link <http://bit.ly/ihuon133> (Nota do **IHU On-Line**)

Um símbolo radical da condição humana

Precariedade e provisoriedade são características da hospitalidade que tensionam a relação com o Outro. Para a Europa, o maior desafio é colocar em prática esses preceitos, sobretudo com povos do Sul, com quem o continente possui um débito, destaca Placido Sgroi

Por João Vitor Santos | Edição: Márcia Junges | Tradução: Luisa Rabolini

A hospitalidade pressupõe um tensionamento entre a possibilidade de um Outro, pois como a própria etimologia da palavra ensina, o termo em latim *hospes* (hóspede) provém de *hostis* (inimigo), pressupondo, em termos genéricos, o estrangeiro, o forasteiro e um potencial perigo. Para os europeus, hoje, a temática da hospitalidade os coloca diante de sua incapacidade cultural e política de serem hospitaleiros, reconhece Placido Sgroi na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

O desafio para a Europa é justamente praticar a hospitalidade: “isso significa reconhecer o débito que temos em relação aos povos do Sul do mundo que batem à nossa porta e para os quais, acolhendo-os, nada mais fazemos do que restituir aquilo que a nossa civilização euro-norte-ocidental lhes tomou, em tempos e formas diversas. Lastimavelmente, a crise de hospitali-

dade mostra o lado frágil da nossa civilização e corre o risco de ser um sinal de perigosa esterilidade antropológica e cultural, antes mesmo que ética.”

Placido Sgroi faz parte de um grupo na Itália que trabalha especificamente o tema da hospitalidade, junto de Marco dal Corso e Brunetto Salvarani. Leciona Filosofia e História na Universidade de Verona e Teologia Ecumênica em Veneza. cursou bacharelado em Teologia e licenciatura em Teologia Ecumênica no Studio Teologico “San Bernardino”, em Verona. É mestre em Antropologia e Bíblia pela Università Degli Studi di Verona e doutor pela Pontifícia Universidade Antonianum em Teologia Ecumênica. É autor de *Ospitalità*. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2015. Com Marco Dal Corso escreveu *L’ospitalità come principio ecumenico*. Pazzini, 2008.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - A prática da hospitalidade é essencialmente um exercício de reconhecimento do Outro? Por quê?

Placido Sgroi - Porque sem o Outro simplesmente não existe hospitalidade. Como nos ensina a etimologia, o termo latim *hospes* (hóspede), deriva de *hostis*, inimigo, portanto genericamente, estrangeiro. Apenas aquele que não pertence ao meu círculo pode ser hospedado. Logo, para ser tal,

o hóspede deve ser reconhecido como outro, externo, forasteiro, potencialmente perigoso, de alguma forma transcendente ao que já é meu.

IHU On-Line - Em que sentido a hospitalidade remete ao divino?

Placido Sgroi - Nas tradições mais antigas o hóspede é divino, pois pode estar escondendo em si mesmo um deus disfarçado. Contudo, deixando de lado esses as-

pectos mitológicos, é justamente a sua transcendência que o transforma num sinal do divino. Toda alteridade anuncia a possibilidade de um Outro, totalmente Outro. A hospitalidade faz isso de forma específica, pois, no mundo cristão, isso remete à encarnação do Verbo que se faz hospedar na carne e no mundo.

IHU On-Line - Que ideia de hospitalidade podemos apreender a



Porque a própria hospitalidade é precária, destinada a durar apenas um tempo, tenho dificuldade de ver seu limite na sua dimensão inter-religiosa

partir dos relatos bíblicos? Como esse conceito vai se transformando até a atualidade?

Placido Sgroi - A narrativa bíblica estende a categoria de hospitalidade, transformando-a num sinal da condição humana. O próprio Israel é peregrino e hóspede sobre a terra, mesmo na sua terra. A hospitalidade, portanto, não anuncia apenas o divino, que se esconde no humano, mas a própria humanidade do ser humano, como precariedade, de um lado, mas também como possibilidade de sermos acolhidos, pelo outro. Para nós europeus, isso nos coloca frente à nossa atual incapacidade cultural, além de política, de sermos hospitaleiros.

IHU On-Line - O que a hospitalidade (ou a hostilidade) revela acerca da história humana?

Placido Sgroi - A hospitalidade é um símbolo da condição humana, símbolo radical, pois todos e todas somos porque fomos hospedados num ventre materno. Condição de precariedade radical que se torna condição de existência enquanto seres humanos. Dessa hospitalidade originária geram-se todas as outras que constituem a condição humana (por exemplo, somos hospedados pela linguagem que aprendemos). A história humana representa, portanto, a possibilidade de realizar essa condição originária no curso de toda uma existência, individual ou coletiva, ou, ao contrário, o seu fracasso.

IHU On-Line - Como surge e qual o papel da hospitalidade no diálogo ecumênico?

Placido Sgroi - No diálogo ecumênico a hospitalidade tem um papel ambíguo: "hospitalidade ecumênica" é um slogan eficaz para significar o desejo de acolher o outro cristão na sua identidade confessional e eclesial, sem assimilá-lo, mas ao mesmo tempo ela é ainda uma prática que encontra limites e obstáculos, basta pensar a hospitalidade eucarística; por outro lado, se a hospitalidade é para o estrangeiro, então na comunidade, na Igreja de Cristo, na qual fomos incorporados pelo batismo, não há espaço para a hospitalidade, pois cada cristão já está na sua própria casa. Claro que ainda resta a hospitalidade radical, aquela que Deus oferece na igreja, na qual todos somos hóspedes.

IHU On-Line - No que a experiência da hospitalidade pode transformar a narrativa de fé e a religiosidade daquele que acolhe e daquele que é acolhido pelo outro, aquele que professa religião distinta da minha?

Placido Sgroi - É importante fazer a ligação entre hospitalidade e narrativa, lembrando que inclusive na literatura antiga o hóspede é sempre um narrador, aquele que leva como presente a própria história. Dessa forma, por intermédio da hospitalidade dada e recebida, as narrativas entrecruzam-se, misturam-se, e geram-se novas histórias que acabam incluindo partes de outras narrativas. A hospitalidade nos ensina a perder, inclusive sob o ponto de vista religioso, a autorreferencialidade.

IHU On-Line - Ainda sobre o diálogo inter-religioso, quais os limites na relação ente hóspede e hospedeiro?

Placido Sgroi - Justamente porque a própria hospitalidade é precária, destinada a durar apenas um tempo, tenho dificuldade de ver seu limite na sua dimensão inter-religiosa. Aqui a hospitalidade parece como um provisório ter casa em uma tradição outra, que me contamina, mas não me absorve. As grandes testemunhas do diálogo religioso, como Henry Le Saux¹, ou Charles de Foucauld², fizeram essa experiência de precariedade, transformando a sua identidade numa identidade aberta, um apresentar-se frente ao outro, mas também, por intermédio do outro.

IHU On-Line - Quais reflexões emergem acerca da hospitalidade a partir da narrativa bíblica da Natividade, partindo da busca de José e Maria por abrigo para

1 Swami Abhishiktananda (1910-1973): nome indiano de Dom Henri Le Saux, monge beneditino. Em 1950, foi cofundador, junto com Father Jules Monchanin, do Satchidananda Ashram, uma instituição monástica dedicada à integração dos valores da tradição beneditina com os valores da tradição monástica hindu. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Charles Eugène de Foucauld (1858-1916): ordenado sacerdote em 1901, tinha a intenção de criar uma nova ordem religiosa, o que sucedeu apenas depois da sua morte: os Irmãosinhos de Jesus. Foi assassinado por assaltantes, em 1916. Foi beatificado pelo Papa Bento XVI em novembro de 2005. Contribuições da espiritualidade de Charles de Foucauld em contexto de pluralismo cultural e religioso, entrevista com Edson Damian publicada na Edição 269 da Revista IHU On-Line, de 18-08-2008, disponível em <http://bit.ly/IPFX7U>; Na plena luz de Charles de Foucauld, artigo de Bruno Forte publicado nas Notícias do Dia, de 08-06-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1hdG5oT>. Em 2016, completou-se 100 anos de sua morte. Em alusão a data, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, publicou uma série de textos. Entre eles *Charles de Foucauld, um ser humano em busca de Deus. 1º centenário de sua morte*, publicado nas Notícias do Dia de 30-11-2016, disponível em <http://bit.ly/2hQMUU4>; *Charles de Foucauld, irmão universal*, publicado nas Notícias do Dia de 01-12-2016, disponível em <http://bit.ly/2hLJMvu>; e *O marabuto Charles de Foucauld*, publicado nas Notícias do Dia de 01-12-2016, disponível em <http://bit.ly/2hibA6V>. (Nota da **IHU On-Line**)

o nascimento do Cristo até, mais tarde, a fuga para o Egito?

Placido Sgroi - O próprio Deus se faz hospedar pela humanidade e experimenta esta hospitalidade da forma mais radical e precária possível. Na realidade é um hóspede recusado, na Natividade, e um emigrado que encontra salvação longe de seu país, com a fuga para o Egito. Um símbolo fácil até demais de relacionar com nossos tempos tão inquietos.

IHU On-Line - Em que medida a ideia de hospitalidade pode inspirar reflexões teológicas sobre gênero?

Placido Sgroi - Com muito esforço estamos elaborando uma antropologia do gênero, ainda mais uma teologia aberta ao "gênero", que aqui na Europa, ao menos em alguns círculos, é vista como a causa de uma dissolução ainda maior dos horizontes morais da nossa sociedade. Do ponto de vista teológico, porém, continua emblemática a dupla narrativa do Gênesis que nos fala da reciprocidade da relação homem-mulher, sem a qual o próprio ser humano não poder ser representado. A reciprocidade,

sob certo ponto de vista, é a forma mais exitosa de hospitalidade, pois exige que ambos sejam, ao mesmo tempo, hospedados e hospedeiros. Certamente esse é ainda e sempre um ideal, não a condição originária da humanidade, muito mais o sonho de Deus para os seres humanos.

Aliás, Gênesis 3 nos ensina como a determinação de gênero, a divisão dos papéis, a submissão da mulher ao homem, pertencem concretamente à história da humanidade, mas não constituem nem um destino marcado, nem o projeto de Deus para o ser humano. Num certo sentido o paraíso terrestre é aquilo pelo qual vale a pena lutar, muito mais que uma condição a ser vista com saudosismo.

IHU On-Line - Quais os desafios para se praticar a hospitalidade hoje no mundo?

Placido Sgroi - Para nós europeus, simplesmente, praticá-la; isso significa reconhecer o débito que temos em relação aos povos do Sul do mundo que batem à nossa porta e para os quais, acolhendo-os, nada mais fazemos do que restituir aquilo que a nossa civilização euro-

-norte-ocidental lhes tomou, em tempos e formas diversas. Lastimavelmente, a crise de hospitalidade mostra o lado frágil da nossa civilização e corre o risco de ser um sinal de perigosa esterilidade antropológica e cultural, antes mesmo que ética.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Placido Sgroi - Gostaria de apostar, esperando não incorrer em algum tipo de mitificação, em uma esperança na sociedade brasileira, que conheço apenas superficialmente. Evidentemente o Brasil é uma realidade repleta de contradições, mas também é um grande experimento de hospitalidade; algumas vezes, como para os africanos trasladados à força para o outro lado do oceano, tratou-se de uma hospitalidade forçada, que coincidiu com uma pesada exploração. Mas o mundo brasileiro, como o vejo do Ocidente, continua a manifestar a capacidade de incluir e de se deixar contaminar por toda inclusão. Uma lição para nós europeus que temos tanta dificuldade apenas para nos incluir reciprocamente. ■

Saúde e igualdade.
A relevância do Sistema Único de Saúde
Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel

➔ Confira a programação completa do **IHU ideias** de abril

06 de abril de 2017 (quinta-feira)
 Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Hóspede, aquele que acolhe e é acolhido

Acolher é humanizar as relações entre as comunidades, pontua Claudio Monge. “Lógica do terror” se converteu em estratégia política que não percebe a singularidade irrepetível das pessoas, reduzidas a um estereótipo

Por João Vitor dos Santos | Edição: Márcia Junges | Tradução: Ramiro Mincato

Sem reconhecer a alteridade não há diálogo, nem a própria singularidade. Esse é um motivo a mais para que se pratique a acolhida, “lá onde o mercado ainda não se apropriou da hospitalidade, arrancando-a da gratuidade e forçando-a a entrar na lógica comercial”, menciona o frade dominicano Claudio Monge na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. “Nós existimos e a humanidade existe porque originalmente cada um de nós foi, primeiramente, hospedado, acolhido. ‘Mãe’ é o nome da hospitalidade ativa, da hospitalidade primordial”, afirma o italiano radicado na Turquia. Vivendo no Oriente, “descobri uma hospitalidade que é ARTE: uma atitude de atenção que não faz exceção com ninguém, mas que é também capacidade de tomar e dar o tempo”, frisa o teólogo.

Claudio Monge é teólogo italiano. Frade da Ordem dos Pregadores, desde 1997 vive sua experiência teológica e pastoral em Istambul, Turquia, como Superior da

comunidade e responsável pelo Centro Dominicano para o Diálogo Inter-religioso e Cultural - DOST-I no diálogo-encontro com a tradição muçulmana.

O encontro com um turco hospitaleiro o levou a aprofundar a experiência existencial e teológica da hospitalidade, desde contextos culturais e religiosos mais diversos. O foco central é a experiência abraâmica, que na acolhida dos seus hóspedes misteriosos extrapola a “memória cultural” da *theoxenia* e adentra o espaço de uma autêntica teofania no serviço ao outro. Entre seus livros publicados, destacamos *Taizé. L’espérance indivise* (Paris: Les Éditions du Cerf, 2015). Outras obras importantes são *Stranierità, nomadismo dell’anima* (Milano: Sacra Doctrina, 2015), *Stranieri con Dio. L’ospitalità nelle tradizioni dei tre monoteismi abramitici* (Milano: Terra Santa, 2013) e *Dieu hôte. Recherche historique et théologique sur les rituels de l’hospitalité* (Bucharrest: Zetabooks, 2008).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - De que forma a perspectiva teológica da hospitalidade pode contribuir para a compreensão das dimensões humanas nas relações entre países?

Claudio Monge - A Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II¹

¹ **Concílio Vaticano II:** convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava cen-

trada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O Instituto Humanitas Unisinos – IHU produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <http://bit.ly/02e8cX>, bem como a edição 401, de 3-9-

2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. Em 2015, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promoveu o colóquio **O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade**. As repercussões do evento podem ser conferidas na **IHU On-Line**, edição 466, de 01-06-2015, disponível em <http://bit.ly/1fYpJ2> e também em **Notícias do Dia** no sítio IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

*Gaudium et Spes*², talvez mais do que qualquer outro documento do Concílio, foi capaz de expressar programaticamente uma intuição simples e revolucionária ao mesmo tempo, que pode ser resumida assim: a Igreja está a serviço do Reino, quando aprende a “estar no mundo”. Ela define-se no serviço ao ser humano, afirma que não há nada verdadeiramente humano que não encontre eco em seu coração. Isto representa o nascimento de um novo humanismo, em que o homem, em primeiro lugar, define-se por sua responsabilidade perante seus irmãos e perante a história (GS, 55). Lá onde o mercado ainda não se apropriou da hospitalidade, arrancando-a da gratuidade e forçando-a a entrar na lógica comercial (transformando, conseqüentemente, o necessitado em cliente dos serviços humanitários e ajudas, onde ele será acolhido simplesmente de acordo com sua disponibilidade econômica), acolher significa humanizar a humanidade mesma e, portanto, também as relações entre as comunidades.

Na verdade, o modo de conceber e viver a hospitalidade revela o grau de civilização de um povo, no que diz respeito à dignidade de cada ser

2 **Gaudium et Spes:** Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica “de dentro” (debruçada sobre si mesma), “para fora” (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso “esquema 13”, assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o n° 124 da **IHU On-Line**, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em <http://bit.ly/9lFZTk>, intitulada *A igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. Leia também: *A Gaudium et Spes 50 anos depois e o Papa Francisco como o parceiro de uma igreja global*. Conferência de Massimo Faggioli publicada nas **Notícias do Dia**, de 21-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1JerEBX>. (Nota da **IHU On-Line**)

humano, evitando reduzi-lo a “refém”... O dever de hospitalidade é um dever não só individual, mas também político. Numa época em que o multiculturalismo e o processo de hibridação das civilizações são vistos como um dos fenômenos sociais mais rápidos e mais extensos, a mensagem de certas políticas nacionalistas emergentes significa uma recusa da contaminação, vida não apenas como enfraquecimento cultural, mas também como atentado aos interesses legítimos. Neste âmbito, as religiões são muitas vezes usadas - a serviço da ideologia - para semear contrastes e espalhar terror. E isto corresponde à derrota da política mesma que, ou é inclusiva e, portanto, “programaticamente hospitaleira”, ou trai sua própria essência, bem expressa na semântica grega filosoficamente declinada por Aristóteles³: expressão da polis (πολις) como comunidade que se constitui em vista de um bem.

IHU On-Line - Em que sentido o fato de assumir a própria identidade é importante para o processo de reconhecimento da identidade do outro?

Claudio Monge - Não há diálogo sem reconhecimento da alteridade, mas também da própria singularidade. Esta é uma razão a mais para apreciar a importância da prática da acolhida, que reorganiza de maneira nova a própria compreensão da identidade individual. Tudo pode realmente começar quando somos acolhidos, bem como quando somos capazes de acolher. As declarações, por vezes xenófobas, de políticos, como das pessoas comuns, são sinal da fraqueza identitária. É o medo que faz falar dessa maneira, e não a

3 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

consciência de quem somos realmente. Saber quem somos e de onde viemos (numa palavra: cultivar nossa identidade originária) são condições essenciais da hospitalidade. Mas não são suficientes: é preciso aprender a “conhecer” o outro, para dialogar (eliminando os preconceitos oriundos de boatos e compreensões estereotipadas) e, num segundo momento, a “re-conhecê-lo”. Mas isso só é possível quando se começa a levar a sério a existência do outro na sua “diferença irreduzível” (no sentido objetivo de uma diferença que deve ser aceita como tal, na sua consistência própria, e não simplesmente em referência ao que tem ou não relação a nós): a existência dos seus sonhos e aspirações para uma vida digna, a realidade da sua vida religiosa, a sinceridade de sua sensibilidade espiritual, a legitimidade da sua pretensão à verdade. É um longo caminho, e Edmond Jabès⁴ lembrava que a distância que nos separa do estrangeiro é a mesma que nos separa de nós mesmos.

IHU On-Line - Em que medida a experiência do encontro com o outro pode ser transformadora? E de que ordem é esta transformação?

Claudio Monge - Tendo em vista as diferenças acima, um encontro que respeite as diferenças significa um encontro onde se aprende a caminhar com eles, pois só assim se acede ao átrio hospitalidade divina que, ao contrário de hospitalidade humana, não se satisfaz em aceitar o outro no seu próprio espaço, mas se convida a entrar no espaço do outro, para ser acolhido por ele (Ap 3,20)! Uma primeira constatação, a partir destas premissas: a experiência do encontro não implica a necessidade imperativa de um acordo. Sua função é, ao invés, de conduzir a uma maior clareza e abertura no debate, permitindo igualmente a to-

4 **Edmond Jabès** (1912-1991): escritor e poeta judeu, e uma das figuras literárias mais conhecidas a escrever em francês depois da Segunda Guerra Mundial. Destacou-se sobretudo pelos seus livros de poesia, normalmente publicados em ciclos de vários volumes. A sua poesia apresenta, variadas vezes, referências ao misticismo judaico e à cabala. (Nota da **IHU On-Line**)

dos os interlocutores de superar-se, de não se fossilizar nas próprias certezas, mesmo sem com isso renunciar à própria identidade. Aqui repousa o caráter transformador da hospitalidade, porque só experimentando-a se realiza aquela humanidade que exatamente na “relação” possui um elemento característico. E esta relação se explicita não só no acolher, mas também no saber-se acolhido, porque o hóspede é ao mesmo tempo aquele que acolhe e aquele que é acolhido. Nós existimos, e a humanidade existe, porque na origem, cada um de nós foi, em primeiro lugar, hospedado, acolhido. “Mãe” é o nome da hospitalidade ativa, da hospitalidade primordial.

IHU On-Line - Quais as diferenças e semelhanças na prática da hospitalidade nas culturas ocidentais e orientais?

Claudio Monge - Sem dúvida, desde minha chegada ao Oriente Médio, tenho experimentado uma constante prática de hospitalidade, que perturba os cânones clássicos do gesto, muitas vezes, reduzido, por nós, num ato bom de caridade. Descobri ali uma hospitalidade que é ARTE: uma atitude de benevolência que não faz exceção para ninguém, mas que também é capacidade de tomar e de dar tempo. Na verdade, é exatamente a relação radicalmente diferente, com relação ao tempo e ao espaço, que distingue a prática da hospitalidade nas culturas orientais, em relação aos encontros formais e frequentemente funcionais com necessidades específicas que se vivem no Ocidente. A hospitalidade oriental inclui uma rede muito complexa de pequenos gestos, às vezes quase rituais (como a pequena taça de chá oferecida cinco, dez vezes por dia, mesmo em contextos que nada têm a ver com um bar, ou o fato de servir refeições pródigas ao hóspede, mas não comer com ele), o legado de uma generosidade quase instintiva, mas também uma confiança inata que se repõe no “desconhecido de passagem”: atitudes das quais, muitas vezes, perderam-se os vestígios no Ocidente, em pri-

meiro lugar, porque a vida agitada impede ver o rosto das pessoas...

IHU On-Line - No que a ideia de hospitalidade pode inspirar a pensar na relação com o mundo islâmico e na chamada “guerra contra o terrorismo”?

Claudio Monge - A “lógica do terror”, que tornou-se uma verdadeira e própria estratégia política, está baseada num olhar estereotipado, onde o outro não é percebido em sua singularidade irrepitível, mas sempre e comumente reduzido ao mundo do qual nós pensamos que ele deva provir. Por exemplo, não há nenhuma menção de terroristas concretos, de bandidos identificáveis e identificados, mas apenas e sempre de terrorismo islâmico, transformando a diversidade de crenças do Islã num único bloco, numa real ou potencial ameaça. Em outras palavras, de acordo com essa lógica, se você é muçulmano, você será sempre um potencial terrorista, mais do que um crente. As tentações particularistas que vemos um pouco por todos os lados, mais cedo ou mais tarde, geram tendências xenófobas e racistas, tendem à exclusão dos outros, transformam-se num autismo sociocultural, onde se vive um ideal regressivo de autoisolamento e onde se assumem linguagens e formas expressivas rudes para não dizer vulgares. A proximidade de Deus é, no entanto, o verdadeiro modelo de hospitalidade, não atestada e realizada na forma de uma imposição identitária, nem de um juízo genericamente coletivo, mas no estilo de um relacionamento interpessoal, que implica o encontro de rostos e histórias concretas, num cruzamento de olhares, numa escuta que é a maiêutica da verdade.

IHU On-Line - Vivemos num tempo de retomada radical do nacionalismo, como se vê nos exemplos do Brexit⁵ na Inglaterra

5 Brexit: a saída do Reino Unido da União Europeia é apelidada de Brexit, palavra-valise originada na língua inglesa resultante da fusão das palavras Britain (Grã-Bretanha) e exit (saída). A saída do Reino Unido da União Europeia tem sido um objetivo político perseguido por vários indivíduos, grupos de inte-

e na eleição - e na defesa das teses - de Donald Trump⁶ nos Estados Unidos. O que este momento de nacionalismo extremo revela acerca dos conceitos de hostilidade e hospitalidade?

Claudio Monge - Parece-me que o dado mais alarmante dos dois exemplos trazidos, que exibem semelhanças, mas não podem ser sobrepostos, é precisamente a dimensão do “contra” que conseguem interceptar. Isso não significa que sejam simples fenômenos de “estômago”, inspirados por um instintivo sentimento destrutivo! Penso que são expressão de uma grande solidão, são o epifenômeno da explosão total do vínculo social. O povo não é seduzido pelos populistas somente quando tem perto de si alguém que está do seu lado, e a política não está, atualmente, em condições de demonstrar essa proximidade. Não é por acaso que homens fortes emergem, um pouco

resse e partidos políticos, desde 1973, quando o Reino Unido ingressou na Comunidade Econômica Europeia, a precursora da UE. A saída da União é um direito dos estados-membros segundo o Tratado da União Europeia. Em 2106, a saída foi aprovada por referendo realizado em junho 2016, no qual 52% dos votos foram a favor de deixar a UE. O Instituto Humanitas Unisinos – IHU, na seção **Notícias do Dia** de seu site, vem publicando uma série de análises sobre o tema. Entre elas, *A alma da Europa depois do Brexit*, artigo de Roberto Esposito, publicado no jornal *La Repubblica* e reproduzido nas **Notícias do Dia** de 1-7-2016, disponível em <http://bit.ly/2gazMuF>; e *O Brexit e a globalização*, artigo de Luiz Gonzaga Belluzzo, publicado por CartaCapital e reproduzido nas **Notícias do Dia** de 12-07-2016, disponível em <http://bit.ly/2eY4F68>. Confira mais textos em ihu.unisinos.br. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Donald John Trump (1946): ex-empresário, ex-apresentador de reality show e presidente eleito dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Trump tomará posse em 20 de janeiro de 2017 e, aos 70 anos de idade, será a pessoa mais velha a assumir a presidência. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da **IHU On-Line**)

por todos os lados, expressando a antipolítica. Esta nutre-se de ódio e de hostilidade, enquanto a hospitalidade é a capacidade de pôr-se ativamente na posição de acolher e servir as necessidades do outro, antes de qualquer juízo dele/dela.

Enquanto pensar numa ética como hospitalidade significa entrar profundamente na identidade do outro a fim de compreender e explorar todas as suas características mais profundas, a lógica populista usa o ódio como um motor, incitando, se necessário, até mesmo os sentimentos mais sinistros do povo, para servir-se disso como eficaz cobertura de interesses particulares, apresentados como projeto universal. E pensar que um novo presidente dos Estados Unidos possa cercar-se de um time de sócios de negócios para fazer sua equipe de governo é sujo, assim como a desavergonhada tentativa da Inglaterra, de derrogar suas obrigações comunitárias com o *Brexit*, procurando, contudo, manter mais ou menos inalterados seus direitos de antigo membro da União.

IHU On-Line - O senhor vive a experiência de ser estrangeiro num país imerso em conflitos, a Turquia. O que esta experiência lhe revela acerca da hospitalidade e do encontro com o outro?

Claudio Monge - Creio que a situação, frequentemente desconfortável, de viver como estrangeiro num país que parece, aliás, esquecer sua história multicultural e religiosa, orientando-se para um nacionalismo fortemente identitário e, às vezes, xenófobo, seja, em alguns aspectos, a nova edição do desafio permanente, compartilhado por milhões de homens e mulheres, de criar um pensamento

a partir da condição do “estrangeiro”. Esta última não é simplesmente referência à dimensão escatológica da vida, mas um convite claro para viver de modo diferente neste mundo. Como crentes, sabemos que devemos nos desapegar progressivamente deste mundo, expressão da tensão em direção a um Reino que não é daqui. Há, porém, uma opção, não menos profunda, representada pela escolha de viver neste mundo, seguindo uma lógica, não de apropriação, mas de “desapropriação”, isto é, de gratuidade.

Em outras palavras, a pessoa precisa ser capaz de compreender-se como estrangeira e peregrina, para poder encontrar o diferente de nós, na inteireza e complexidade da outra pessoa, sem reduzi-la aos problemas que sua presença traz. Mas também, estrangeiros e peregrinos para deixar-se acolher, entrando, na ponta dos pés, no espaço que o outro gostaria de nos abrir e oferecer. Mas o que significa, para nós hoje, recusar o conceito de “estrangeiridade” no coração da aventura humana? A possibilidade de uma sociedade sem estrangeiros, sem “estranhos” foi sonhada no horizonte da religião e da moral, e se apresenta novamente hoje num contexto de integração econômica e política planetária. Devemos nos perguntar se hoje podemos sonhar de viver com os outros sem ostracismos, mas também sem anular todas as diferenças! Trata-se de entender se a identidade cultural pode aceitar a parte da alteridade que faz da diversidade uma riqueza, e não uma ameaça.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algo?

Claudio Monge - Vamos celebrar o 800º aniversário da aprovação da

Regra dos Frades Pregadores⁷ (dominicanos), ordem a que eu pertenço. Meus irmãos chegaram à Turquia, na então Constantinopla, desde o início do século XIII. Muitas e variadas são as nuances de uma abordagem missionária, que desafia os séculos e que se encarna em realidades totalmente diferentes como o Império Bizantino, em vez do Otomano. Hoje, completamente libertos dos “protetorados” políticos e econômicos que há séculos nos permitiam agir e penetrar, em vastos territórios, com relativa facilidade, podemos finalmente dizer que começamos a *via kenótica*, que não foi somente a lei da encarnação, mas deve continuar a ser também aquela da “inculturação” (como deveriam ser as políticas sociais num mundo em movimento). Isto significa, entre outras coisas, que a missão real não é a restauração de uma ordem perdida! Ser missionários da radicalidade do anúncio cristão não significa ser os paladinos de uma ordem moral intangível, ou nostálgicos restauradores de uma hegemonia política e econômica, coberta com uma pátina cultural, mas significa testemunhar um absoluto que não é de ordem humana, mas divina. Absoluto que ainda hoje pode expressar-se na abundância, de fato incompreensível, do gesto hospitaleiro que atravessa as culturas e os séculos. ■

⁷ **Ordem dos Pregadores** (latim: *Ordo Prædicatorum*, O. P.), também conhecida por **Ordem dos Dominicanos ou Ordem Dominicana**: ordem religiosa católica que tem como objetivo a pregação da palavra e mensagem de Jesus Cristo e a conversão ao cristianismo. Foi criada em Toulouse, França, em 22-12-1216 por São Domingos de Gusmão, sacerdote castelhano (atual Espanha), o qual era originário de Caleruega, e confirmada pelo Papa Honório III. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS

- *Um Ocidente anestesiado na sua capacidade de hospitalidade*. Entrevista especial com Claudio Monge publicada nas **Notícias do Dia** de 7-2-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2hZORCA>.
- *Papa Francisco na Turquia, o abraço com Bartolomeu e a sombra da Erdogan*. Entrevista com Claudio Monge publicada nas **Notícias do Dia** de 28-11-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2hQxq29>.

O sagrado dever da hospitalidade

Por Faustino Teixeira

“**A** hospitalidade não traduz apenas a maravilha do encontro com o outro, mas também a agonia de estar diante de um ‘estranho’ que bate à nossa porta”, escreve Faustino Teixeira em artigo exclusivo à **IHU On-Line**. Em seu ponto de vista, “abraçar a hospitalidade ganha um significado muito especial nos tempos atuais, envolvendo também o desafio de habitar a Terra com sentido, acolhendo a “textura do mundo da vida”.

Faustino Teixeira é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora - PPCIR-UFJF, pesquisador do CNPq e consultor do ISER-Assessoria. É pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Entre suas publicações, encontram-se *Teologia e pluralismo religioso* (São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012); *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas* (Petrópolis: Vozes, 2009); *Ecumenismo e diálogo inter-religioso* (Aparecida do Norte: Santuário, 2008); *Nas teias da delicadeza: Itinerários místicos* (São Paulo: Paulinas, 2006); *No limiar do mistério. Mística e religião* (São Paulo: Paulinas, 2004); e *Os caminhos da mística* (São Paulo: Paulinas, 2012). Publicou, em coautoria com Renata Menezes, *Religiões em Movimento. O Censo de 2010* (Petrópolis: Vozes, 2013).

Confira o artigo.

A hospitalidade envolve uma “dádiva de si”, tendo uma grande familiaridade com a abertura ao outro e ao diálogo. No campo das religiões, a hospitalidade ganha um significado essencial. A acolhida ocorre no “solo sagrado” do outro, implicando um gesto magnífico, que coloca o sujeito diante de um risco preciso, que revolve toda a sua autocompreensão. A hospitalidade não traduz apenas a maravilha do encontro com o outro, mas também a agonia de estar diante de um “estranho” que bate à nossa porta. Há uma dimensão de tensão ou mesmo alteração na relação que se estabelece. O desafio já começa na soleira da porta, “naquela porta à qual se bate e que vai abrir um rosto desconhecido, estranho. Limite entre dois mundos, entre o exterior e o interior, o dentro e o fora, a soleira é a etapa decisiva semelhante a uma iniciação”¹.

O caminho que se abre pode ser o diálogo, que começa a ocorrer quando a recepção se dá de forma sutil, delicada, cuidadosa e amorosa. Há que bater “devagar” na porta do outro, sem muito ruído, de forma a favorecer um intercâmbio vital. Entrar no novo circuito envolve “renunciar a se impor”, mantendo delicadamente o direito à diferença, a preservação de

certa distância. O caminho é tortuoso, e exige escuta e paciência. Há que buscar por todos os meios quebrar as amarras da violência que estão implícitas em toda dinâmica da hospitalidade. É um mundo novo que se anuncia, exigindo delicadeza e cuidado. Daí ser o diálogo uma frágil “zona de passagem”, de “aventura, espanto e inquietação”².

O diálogo é uma “cartografia inacabada”, que vai se tecendo com as linhas da humildade e generosidade. Os interlocutores são convidados a alçarem o olhar, vislumbrarem novos patamares de significado, refletirem sob nova luz. Aí pode então ocorrer o milagre de um encontro, que preserva simultaneamente o autorrespeito genuíno e a autoexposição ao outro. No cerne do diálogo está uma acolhida, está a presença de um rosto que convida, de um olhar que indaga e provoca o mover dos lábios.

São inúmeros e exemplares os casos de exercício dialogal, de realização de uma hospitalidade sagrada, como a de buscadores que se inserem nas inúmeras tradições espirituais. Nos diversos itinerários,

o diálogo encarna a virtude maior entre as culturas: a hospitalidade. Pois é pre-

¹ Alain Montandon. Espelhos da hospitalidade (prefácio). In: _____. Ed. *O livro da hospitalidade*. São Paulo: Senac, 2011, p. 32.

² Marco Lucchesi. Guerras de religião? *O Globo*. 03/12/2014. (Nota do autor)

*ciso abrir as portas da casa, oferecer ao hóspede o quarto mais arejado e luminoso. O diálogo nasce entre dois rostos, entre duas casas, entre duas tradições. E contribui para uma cultura da paz (...)*³.

O diálogo comporta algo mais que uma interlocução humana, vai além, e traduz um “ato religioso”, na medida em que evoca um Mistério maior. Indica o traço contingente que habita em qualquer experiência religiosa particular. Suscita indagação, abertura permanente, ou como mostra Gadamer⁴, expansão da individualidade. O que se busca, intensivamente, é a verdade que habita na dinâmica mesma da sinfonia do encontro. Disse a respeito Montaigne⁵: “Eu festejo e acaricio a verdade em qualquer lugar que a encontrar, e para lá me dirijo alegremente, e lhe estendo minhas armas vencidas, de longe, assim que a vejo se aproximar (...)”⁶.

São ricos os exemplos de buscadores que viveram intensamente a prática da hospitalidade⁷. No âmbito do cristianismo, e em particular no diálogo com o islã, aparecem figuras notáveis como Louis Massignon⁸ (1883-1962), que abraçou com vigor esse tema, fazendo dele a ária de sua vida. Para ele, a hospitalidade envolvia uma saída de si mesmo, uma “expatriação interior” para poder assumir o outro com alegria e gratuidade. Entendia que o verdadeiro encontro com o outro não acontece mediante o caminho de sua anexação, mas no deixar-se hospedar por ele. O caminho indicado é o do coração, que é o lugar privilegiado de acesso ao “segredo divino”. Hospitalidade, Misericórdia e Compaixão são palavras que se irmanam. Assumir a hospitalidade é deixar-se tomar pelo apelo solene dos *Abdâl*, ou seja, daqueles que foram escolhidos por Deus para sanar as feridas do mundo mediante o dom de si. Foi desta palavra, *Abdâl* - plural de *badal* -, que Massignon tirou a inspiração para a sua experiência espiritual mais forte, a *Badaliya*, um mosteiro espiritual, uma comunidade de pessoas dedicadas ao caminho da oferta ao islã.

3 Ibidem. (Nota do autor)

4 **Hans-Georg Gadamer**: filósofo alemão, autor de *Verdade e método* (Petrópolis: Vozes, 1997), faleceu no dia 13-03-2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da **IHU On-Line** número 9, de 18-3-2002, *Nosso adeus a Hans-Georg Gadamer*, disponível em <http://migre.me/DtiK>. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Michel Eyquem de Montaigne** (1533-1592): escritor e ensaísta francês, considerado por muitos o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente nos seus “Ensaio”, analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Apud Magali Bessone. Do eu ao nós. In. Alain Montandon (Ed.). *O livro da hospitalidade*, p. 1270. (Nota do autor)

7 Ver: Faustino Teixeira. *Buscadores cristãos no diálogo com o islã*. São Paulo: Paulus, 2014. (Nota do autor)

8 **Louis Massignon** (1883-1962): escritor e católico francês perito no Islã. (Nota da **IHU On-Line**)

Experiência comunitária

Há também o exemplo precioso de Christian de Chergé⁹ (1937-1996), o monge-mártir de Tibhirine (Argélia). No compromisso assumido pela comunidade trapista com os irmãos muçulmanos da região algo de maravilhoso aconteceu, como passo de gratuidade e hospitalidade. Os laços comunitários que se estabeleceram naquela difícil região foram tratados de forma singela no filme de Xavier Beauvois¹⁰, *Homens e deuses*¹¹ (2010), num envolvimento amoroso, de compromisso e entrega excepcionais. Para Chergé, a dinâmica de hospitalidade era o horizonte da experiência comunitária, algo central para ele. Dizia não haver fronteiras de tempo ou espaço para o exercício do amor e da misericórdia. Uma acolhida marcada pela pura gratuidade, como um dom que não implica reciprocidade. Ele dizia que essa acolhida brota límpida do coração do evangelho, daí o desafio de “aprender a exercê-la sem exigir reciprocidade, em nome Daquele que veio a nós gratuitamente”¹².

Os exemplos de dedicação à hospitalidade falam muito mais forte que as teorias a respeito, não há dúvida sobre isso. Nesse percurso de dedicação à alteridade pode ainda ser lembrado o nome de Serge de Beaurecueil¹³ (1917-2005). Foi um frade dominicano que dedicou sua vida a essa aventura de amor aos amigos muçulmanos. Na trilha de outros buscadores, pôde perceber que há sempre a

9 **Charles-Marie Christian de Chergé** (1937-1996): monge cisterciense francês. Prior da Abadia de Nossa Senhora do Atlas, em Tibhirine, na Argélia, foi raptado, juntamente com mais seis monges, na noite de 26 para 27 de Março de 1996, por um grupo de 20 homens do Grupo Islâmico Armado Levaram sete monges prisioneiros, incluindo o Irmão Bruno, um visitante de Fès, em Marrocos. Dois monges não foram localizados pelos captores. Uma mensagem do GIA anunciou que os sete monges tinham sido decapitados em 21 de Maio de 1996. No sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, na seção Notícias do Dia, há diversos textos sobre o monge. Entre entre *Cartas a um amigo fraterno*, de *Christian de Chergé*, publicado nas Notícias do Dia de 26-1-2015, disponível em <http://bit.ly/2gSazS7>; *As meditações sobre o Cântico dos Cânticos de Christian de Chergé*, publicado nas Notícias do Dia de 22-4-2016, disponível em <http://bit.ly/2hzN4RK>; e *“Christian de Chergé habitava o mistério do Islã a partir de dentro”*, publicado nas Notícias do Dia de 17-1-2015, disponível em <http://bit.ly/2i6pxVS> (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Xavier Beauvois** (1967): ator, diretor e escritor francês. Uma de suas produções é *Homens e deuses*, exibida como parte da programação do evento **Fé no cinema**, na Páscoa de 2012 no Instituto Humanitas Unisinos – IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Homens e deuses**: *Des hommes et des dieux*, filme francês de 2010, de gênero dramático, dirigido pelo cineasta Xavier Beauvois, exibido como parte da programação do evento **Fé no cinema**, na Páscoa de 2012. Sobre esse filme, confira a entrevista concedida pelo monge trapista Xavier Beauvois à edição 387 da **IHU On-Line**, de 26-03-2012, intitulada *A Igreja feita de homens e de deuses*, disponível em <http://bit.ly/1A3oRlK>. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, também vem publicando uma série de textos e análises sobre o filme. Entre eles *Homens e Deuses. Um testemunho cristão. Artigo de Gabriel Vecchi, monge trapista*, publicado nas Notícias do Dia de 24-10-2012, disponível em <http://bit.ly/2gS7GAR>; e *“Homens e Deuses” narra massacre de monges na Argélia*, publicado nas Notícias do Dia de 22-5-2011, disponível em <http://bit.ly/2h1MFac>. (Nota da **IHU On-Line**)

12 Christian de Chergé. *L’invencible esperance*. Paris: Bayard, 2010, p. 206. (Nota do autor)

13 **Serge de Beaurecueil** (1917-2005): um dos membros fundadores do Instituto Dominicano de Estudos Orientais (IDEO), no Cairo. Começou suas pesquisas em mística muçulmana. Em 1963 assumiu uma cátedra de história da mística muçulmana na Universidade de Cabul. (Nota da **IHU On-Line**)

presença de um outro a desvelar facetas inéditas do Mistério sempre maior. Foi assim que, partindo de uma grande devoção à mística sufi, encontrou o caminho do serviço junto aos meninos de Cabul, no Afeganistão. Dizia que no momento derradeiro, a pergunta essencial vai incidir não sobre a religião abraçada, mas sobre o movimento de “partilha do pão e do sal”. Um passo essencial para a sua conversão espiritual ocorreu numa situação cotidiana, de convivência com um dos meninos da região, Ghaffâr, que favoreceu sua ampliação olhar. Num certo dia, o garoto disse: “Você aceitaria que eu fizesse uma refeição em sua casa e depois viesse lanchar na minha? Poderíamos assim partilhar o pão e o sal, o que sela entre nós a amizade, a união dos destinos”. Esse menino morreria pouco tempo depois, num acidente automobilístico. O gesto acenado pelo garoto ganhou um significado sacramental para o dominicano, com notáveis irradiações. Num de seus livros, dirá:

Ghaffâr, sem dúvida alguma, favoreceu-me a chave de compreensão. Estava aqui para partilhar a vida dos afegãos na banalidade de seus acontecimentos cotidianos, e simplesmente partilhar o alimento... Uma tal partilha ligou meu destino ao deles, selando o direito de intercessão - tão caro a Louis Massignon - consagrando um traço de união entre Cristo e eles, instrumento silencioso da graça¹⁴.

A hospitalidade firma-se, assim, como algo precioso, com valor sagrado, que estabelece laços entre aqueles que buscam crescer na experiência do Mistério e da busca do sentido. Hoje, porém, surge um desafio novo, que é entender as teias largas da hospitalidade, que não se reduz à acolhida dos outros humanos, mas que rasga o conceito tradicional de “nós”, de forma a abrigar todos os seres da criação, no respeito essencial aos seus direitos característicos. Abraçar a hospitalidade ganha um significado muito especial nos tempos atuais, envolvendo também o desafio de habitar a Terra com sentido, acolhendo a “textura do

¹⁴ Serge de Beaurecueil. *Me enfants de Kaboul*. Paris: Cerf, 2004, p. 65. (Nota do autor)

mundo da vida”. Não há mais dois mundos antagônicos, em que sociedade e natureza estão divididos, mas uma única malha tecida por trilhas diferenciadas, mas sempre relacionadas. Supera-se a dicotomia entre o organismo (aqui) e o ambiente (lá), e o ser humano se dá conta, finalmente, que é parte do vivente e não mais o umbigo do mundo. O habitar a Terra ganha assim um significado novo e alvissareiro, e o ser humano vem inserido “no interior da continuidade do mundo da vida”¹⁵.

Espiritualidade ecológica

O Papa Francisco se deu conta desse desafio inaugural em sua carta encíclica *Laudato si'*, sobre o cuidado da casa comum¹⁶. Parte da ideia essencial de que todos os seres humanos são terra, e que os elementos de seu corpo são constituídos pelos “elementos do planeta” (LS 2). Na pauta de sua reflexão, o desafio de uma “nova solidariedade universal”, que parte da consciência de que tudo na Terra está interligado, e que todos os seres criados precisam uns dos outros. Novos laços são tecidos, unindo a humanidade com a animalidade, com a vegetalidade e a mineralidade, numa consciência comum da dignidade de cada criatura. Indica a urgência de uma “espiritualidade ecológica”, uma “conversão ecológica” (LS 216 e 217) voltadas para o exercício comum de recuperação de uma harmonia serena com a criação. O Universo inteiro está animado pela dinâmica espiritual: “Há um mistério a contemplar em uma folha, em uma vereda, no orvalho, no rosto do pobre” (LS 233).

A hospitalidade ganha assim uma tessitura nova e exigente, que sem desconsiderar os passos da acolhida ao outro humano, distinto, vem agora enriquecida com uma dimensão novidadeira, que delinea os passos essenciais do significado mais profundo do habitar espiritualmente a Terra. ■

¹⁵ Tim Ingold. *Estar vivo*. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 26. (Nota do autor)

¹⁶ Papa Francisco. *Laudato si'*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015. (Nota do autor)

LEIA MAIS

- *Encontro de Assis: uma “viagem fraterna” rumo a um horizonte maior*. Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas **Notícias do Dia** de 27-11-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2gVNfE4>.
- *Deus não tem religião*. Artigo de Faustino Teixeira. Publicado nas **Notícias do Dia** de 4-4-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/29OJxLN>.
- *Fora da Misericórdia não há salvação*. Entrevista especial com Faustino Teixeira. Publicado nas **Notícias do Dia** de 26-6-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2gVD6ax>.
- *Assis, um acontecimento do Espírito*. Entrevista especial com Faustino Teixeira. Publicada nas **Notícias do Dia** de 19-9-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2hoFAL4>.

O inimigo e o ladrão na figura do estrangeiro

Gustavo de Lima Pereira acredita que hoje se está vivendo “um momento mundial de emparedamento à extrema direita”. A consequência é que o outro passa a ser visto como ameaça e agente desestabilizador

Por Ricardo Machado | Edição: João Vitor Santos

Hospedar o outro consiste, de certa forma, em acolher o diferente a mim. Entretanto, como destaca o professor da PUCRS Gustavo de Lima Pereira, o tempo que se vive faz com que tomemos esse outro, o estrangeiro a mim, como um agente desestabilizador. E isso se dá, muito especialmente, com aquele que migra de lugares em condições mais precárias. Assim, constituo sobre ele a figura de um inimigo e ladrão que visa tomar posse do meu espaço, esgueirando-se de forma que eu não consiga vê-lo. “Não há nada mais potente na luta contra o inimigo do que torná-lo invisível. Uma invisibilidade sem limites. Para se atingir esse patamar de invisibilidade, é preciso elastecer a categoria de inimigo”, completa.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Pereira identifica dois fatores como problemas de acolhimento aos migrantes, essencialmente a partir da experiência da Europa e dos Estados Unidos. “O primeiro deles é a crise econômica. Em momento de crise econômica, o estrangeiro é tido como um ‘ladrão de empregos’. Em um cenário de crise, legitimam-se maiores apropriações de discursos de ódio”, explica. O professor ainda lembra que isso já pode ser mensurado também no Brasil, com haitianos e senegaleses.

“Outro fator de visível vinculação para a demonização do estrangeiro em sede internacional concentra-se na ‘caça ao terrorismo’”, aponta. Pereira explica que “o discurso estadunidense posterior ao 11 de setembro fora sempre um discurso de que esse tipo de acontecimento ‘não deveria acontecer aqui’, quando a postura, quem sabe mais justa, talvez fosse a de que tal episódio ‘não deveria acontecer em lugar nenhum’”, analisa.

Gustavo de Lima Pereira é doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, graduado em Direito e especialista em Ciências Penais também pela PUCRS. É, ainda, mestre em Direito Público pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Atualmente, é professor de Direito Internacional e Filosofia do Direito na PUCRS e advogado do Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados - Gaire, vinculado ao Serviço de Assessoria Jurídica Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Entre suas publicações, destacamos *Direitos humanos & hospitalidade: a proteção internacional para apátridas e refugiados* (São Paulo: Atlas, 2014) e *A pátria dos sem pátria: direitos humanos & alteridade* (Porto Alegre: Editora Uniritter, 2011).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - No que consiste a hospitalidade incondicional de Derrida¹

¹ **Jacques Derrida** (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São

Gustavo de Lima Pereira - A hospitalidade regrada, ou condicional,

Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da **IHU On-Line** nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da **IHU On-Line**)

estaria relegada ao campo do Direito. Foi a hospitalidade pensada por Kant², em sua clássica obra *A*

² **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos



A hospitalidade incondicional, ou justa, chega de surpresa para romper com a hospitalidade condicional do Direito

*paz perpétua*³. Em Derrida, a hospitalidade transcende para além do Direito. Ela nos remete à figura do “estrangeiro”. A hospitalidade incondicional, ou justa, chega de surpresa para romper com a hospitalidade condicional do Direito, por, como aqui pretendo sustentar, saber lidar com a aporia de não poder ser destinada somente ao estrangeiro, no sentido da soberania jurídica entre territórios, mas sim ao totalmente outro, que não detém documentos ou até mesmo é impedido de comunicar-se devido à dificuldade idiomática. Enfim, destinada a um novo sentido que podemos atribuir à ideia de estrangeiro - *ao totalmente estrangeiro* e não somente o estrangeiro do direito ou da soberania.

IHU On-Line - Quais as semelhanças e diferenças entre a hospitalidade justa e a hospitalidade de direito?

Gustavo de Lima Pereira - Poderíamos fazer uma analogia entre

e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** nº 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)
3 São Paulo: L&PM, 2008. (Nota da **IHU On-Line**)

a hospitalidade “de convite” e a hospitalidade “de visitação” para estabelecermos mais detidamente a diferença entre a hospitalidade incondicional (ou justa) e a hospitalidade condicional (ou condicionada ao direito), proposta pelo pensamento de Derrida.

Com respeito a esse acolhimento ou hospitalidade incondicional, Derrida estabelece justamente a distinção entre o convite (*invitation*) e a visitação (*visitation*). Enquanto convite é o dirigido a quem, de algum modo, já preenche o rumo da cadeia prévia de expectativas, segundo normas sócio-político-morais, a visitação rompe com conjunto natural da organicidade temporal e surpreende o tempo, sem notificá-lo antecipadamente.

A distinção entre ambos não é do tipo quantitativo, pois não se inscrevem gradualmente em uma mesma dimensão processual - *como se fossem dois momentos distintos da hospitalidade inseridos no campo do possível*. Convite e visitação são duas dimensões que se compatibilizam por sua incompatibilidade. Exatamente demarcam a estrutura aporética da própria compreensão da hospitalidade.

Para compreendermos essa problematização aporética, devemos ter em mente que a relação de hospitalidade com o *convidado* é do tipo *horizontal*, ou seja, é, por um lado, uma relação que implica um código comum e uma demarcada reciprocidade (ele entra no espaço do próprio vindo de um outro espaço próprio), e que, por outro, implica uma pré-visão - exatamente o olhar prévio, inserido num horizonte antecipativo, que amortece o impacto da surpresa: o convidado

é visto quando se espera por ele, porque a hora da sua vinda está prevista e pode até aguardá-lo à janela para vê-lo vir.

Já a relação sem relação com o *visitante* é do tipo *vertical*: o visitante “cai sobre o hospedeiro”, meteoricamente, interrompendo e estilhaçando o curso do esperado no cotidiano e do conjunto prévio de possibilidades pré-imaginárias. Na impossibilidade de antecipação de sua vinda, o outro fende o horizonte enxertando-lhe com uma verticalidade dissimétrica e irreduzível a qualquer configuração espacial concebida pela racionalidade de quem acolhe.

O tempo do convidado e o tempo do visitante

O tempo como *convidado* é o tempo cronológico pensado a partir do presente: ele aparece à hora marcada (mesmo que chegue adiantado ou atrasado, mantém ordenado o conjunto prévio de expectativas). Em contrapartida, o tempo do *visitante* é o *tempo espectral do fantasma*: a vinda do visitante deu-se sempre já em um tempo imemorial e irreduzível a qualquer presente-passado e um porvir absolutamente aberto e eternamente diferido porque igualmente irreduzível a qualquer presente-futuro.

Por isso, o visitante está sempre já ao mesmo tempo radicalmente adiantado e radicalmente atrasado. Adiantado porque a sua chegada é inatencível e atrasado porque, ainda que sua vinda seja breve e inoportuna, ela nunca chega propriamente. Quando sua chegada inesperada se concilia com a acomodação ao tempo do hóspede, ele já partiu. Esse é o traço aterrorizante da hospitalidade. A hospitalidade, portanto, é sempre catastrófica. Não há festividade no pensamento da hospitalidade (como alguns a assim entendem). A hospitalidade é sempre o trabalho do luto de ter que lidar com a fantasmagoria do outro⁴.

4 O trabalho de luto, podemos observar, mesmo que tratando-se de um luto político, como

O *convidado* é recebido, como se diz popularmente, “na medida do possível”, isto é, o hospedeiro despenderá de todos os artifícios para saber recebê-lo bem. Já o *visitante* exige o impossível porque exige acolher um excesso absolutamente fora do programa - irreduzível às múltiplas possibilidades do acolher. Acolher o visitante seria, portanto, acolher para além da capacidade do acolhimento, logo, é acolher o impossível. O acolhimento possível preenche os requisitos do acolhimento do convite.

IHU On-Line - A postura dos países do bloco europeu em relação aos migrantes é de *hospes* (hospitalidade) ou *hostes* (hostilidade)?

Gustavo de Lima Pereira - Esse binômio hospitalidade/hostilidade é também muito bem debatido por Derrida. Para ele, não seria um a moeda reversa do outro. O caráter etimológico da hospitalidade contém a hostilidade. Por isso Derrida se vale do neologismo “*hostipitalidade*”. A essa incalculável e formalizável; perfeita e insuficiente; plena e pueril; desejante e que deixa a desejar relação entre a *hospitalidade incondicional* e a hospitalidade condicionada ao direito, Derrida chamou de “*hostipitalidade*”. Esse sintagma derridiano diz justamente que toda a hospitalidade implica de antemão a hostilidade, isto é, o hiato entre a capacidade finita de acolher no mundo e a injunção infinita ao acolhimento incondicional do absolutamente outro e que exige o acolhimento efetivo e, por conseguinte, o espaço público da inscrição do significado pela linguagem. O acolhimento sempre é feito com reservas porque o hóspede pode ser também um inimigo. Lembremos que o radical *hostis* marca tanto o poder de acolher quanto a indistinção entre hóspede e inimigo.

Derrida faz em *Spectres de Marx*, trata-se de um trabalho que termina mas nunca se completa. Sua prisão ao tempo determina sua relação de possibilidade/impossibilidade. Eis o prudente paralelo com a questão da hospitalidade aqui tratada e a chegada do outro. (Nota do entrevistado)

A hospitalidade incondicional como exposição absoluta ao que vem é também a exposição imperiosa ao risco absoluto, já que este recém-chegado pode ser qualquer outro, anunciado única e singularmente. Se fosse possível antecipadamente determos segurança de que a chegada deste que se aproxima não nos causa ameaça, então não se trataria de hospitalidade, uma vez que a incalculabilidade e a imprevisibilidade, de anunciam e constituem o acontecimento, estaria esvanecida. Essa exposição ao inaudito - a vulnerável ameaça de que o pior aconteça como um risco que é preciso estar pronto a correr - evita qualquer conotação moralista, uma vez que na cena da hospitalidade o *bem* chega já desde sempre contaminado pelo *mal*. A possibilidade do parasitismo é essencial à cena da hospitalidade. Toda a hospitalidade é um convite ou uma expectativa à experiência do parasitismo.

“**Convite e visita-
ção são duas
dimensões que
se compatibili-
zam por sua in-
compatibilidade**”

A chegada do outro como ameaça

A reação natural do encontro com o recém-chegado é a do distanciamento da subjetividade e do recrudescimento das fronteiras, ambas situações articuladas pela dinâmica da soberania da razão e da soberania dos Estados. Esse duplo movimento é resultado da gênese de todo colonialismo, que apaga a diferença ao relacioná-la violentamente com o mesmo, sendo também toda a gênese do ego constituinte e de toda a instância soberana.

Nesse sentido, a soberania do eu e a soberania dos Estados observam a chegada do outro como uma ameaça. A crise das migrações forçadas ao redor do mundo nos rememoram a cada instante dessa dificuldade de acolhimento. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - Acnur, uma a cada 113 pessoas é refugiada. Mais de metade dos refugiados do mundo (com número que ultrapassa 65 milhões, tornando-se agora a maior crise migratória da história, em números absolutos) são mulheres e crianças. É evidente que a Europa, principalmente seus países mais prósperos, não sabe lidar com o fenômeno atual dos refugiados. Vale lembrar também que os países que mais acolhem refugiados não são países ricos, nem é a Europa o local onde mais se concentram refugiados no mundo.

IHU On-Line - Como podemos compreender a atual experiência europeia com os milhares de migrantes a partir das lógicas da hospitalidade?

Gustavo de Lima Pereira - Vivemos atualmente um momento mundial de emparedamento à extrema direita. Esse emparedamento reflete de forma decisiva no acolhimento ao estrangeiro. Identifico dois fatores fundamentais para identificarmos o problema do acolhimento aos migrantes em geral, principalmente os em situação de maior vulnerabilidade, na Europa e nos Estados Unidos.

O primeiro deles é a crise econômica. Em momento de crise econômica, o estrangeiro é tido como um “ladrão de empregos”. Em um cenário de crise, legitimam-se maiores apropriações de discursos de ódio. No Brasil isso já é bem visível com haitianos e senegaleses. Na Europa, em países onde o desemprego entre jovens chega a 25% em muitas cidades, o rancor ao estrangeiro torna-se “legitimado”. A União Europeia conta ainda com uma legislação, chamada de “Diretiva de retorno”, que estabelece a retirada compulsória de estrangeiros inclusive em situação regular,

de acordo com a discricionariedade dos Estados membros⁵.

Outro fator de visível vinculação para a demonização do estrangeiro em sede internacional concentra-se na “caça ao terrorismo”. O discurso estadunidense posterior ao *11 de setembro*⁶ fora sempre um discurso de que esse tipo de acontecimento “não deveria acontecer aqui”, quando a postura, quem sabe mais justa, talvez fosse a de que tal episódio “não deveria acontecer em lugar nenhum”, como asseverou Slavoj Žižek⁷ na obra *Ben-vindo ao deserto do real*⁸. A postura internacional comum, impulsionada pela própria ONU, deveria ser no sentido de que um atentado deste quilate não deveria acontecer em qualquer lugar. Barack Obama⁹, nos primeiros instantes após o episódio das bombas instaladas na maratona de Boston, em abril de 2013, em

5 Discuto esse tema, dentre outros, em minha obra *Direitos humanos e hospitalidade: a proteção internacional para apátridas e refugiados*, que ganhará segunda edição atualizada em 2017. (Nota do entrevistado)

6 **11 de setembro de 2001**: membros do grupo islâmico Al-Qaeda sequestraram quatro aeronaves, fazendo duas colidirem contra as duas torres do World Trade Center, em Manhattan, Nova Iorque, e uma terceira contra o quartel general do departamento de defesa dos Estados Unidos, o Pentágono, na Virgínia, próximo à capital dos Estados Unidos, Washington. O quarto avião sequestrado foi intencionalmente derrubado em um campo próximo a Shanksville, Pensilvânia, após os passageiros enfrentarem os terroristas. Esse foi o primeiro ataque letal de uma força estrangeira em território americano desde a Guerra de 1812. O saldo de mortos aproximou-se de 3 mil pessoas. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Slavoj Žižek** (Slavoj Žižek, 1949): filósofo e teórico crítico esloveno. É professor da *European Graduate School* e pesquisador senior no Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana. É também professor visitante em várias universidades estadunidenses, entre as quais estão a Universidade de Columbia, Princeton, a *New School for Social Research*, de Nova York, e a Universidade de Michigan. Publicou recentemente *Menos que nada. Hegel e a sombra do materialismo dialético* (São Paulo: Boitempo, 2013) (Nota da **IHU On-Line**)

8 São Paulo: Boitempo, 2003. (Nota do entrevistado)

9 **Barack Obama [Barack Hussein Obama II]** (1961): advogado e político estadunidense. É o 44º presidente dos Estados Unidos, desde 2009. Sua candidatura foi formalizada pela Convenção do Partido Democrata, em 2008. Em 20016, ele deixa a Casa Branca para ser sucedido pelo republicano Donald Trump. (Nota da **IHU On-Line**)

pronunciamento oficial, não relacionou o ocorrido, que deixou três mortos e 176 feridos, a algo ligado à figura do terrorismo. Após, voltou atrás e reativou a retórica de caça ao terror, prometendo que os culpados enfrentariam a justiça estadunidense. Não cumpriu: um dos suspeitos, poucos dias após o acontecimento, foi morto sem qualquer julgamento, sob o questionável argumento de uma suposta “resistência à prisão”, alegado pelas autoridades para legitimar a morte do suspeito.

“

O convidado é recebido, como se diz popularmente, “na medida do possível”

Como temos visto desde então, a resposta estadunidense ao *11 de setembro* focou na produção de novos inimigos, sugerindo que estes detêm o poderio destrutivo tão latentemente robusto que é capaz de produzir, a qualquer instante, atentados que desafiariam novamente a democracia. A possibilidade de chegada do inimigo *a qualquer momento* legitima a violência ao terrorista *em todo o momento*.

Inimigo invisível

Não há nada mais potente na luta contra o inimigo do que torná-lo invisível. Uma invisibilidade sem limites. Para se atingir esse patamar de invisibilidade é preciso elastecer a categoria de inimigo, tendo sido ela já modificada inúmeras vezes: o primeiro discurso desenvolvido pela retórica de produção de responsabilização identificou os inimigos da democracia pela emblemática ideia de “redes terroristas”. Em um segundo momento, a terminologia empregada passou a ser o “eixo do mal”, protagonizado por Iraque, Irã e Coreia do Norte e, posteriormente, evoluiu para ideia

dos “Estados produtores de armas de destruição em massa”, categoria que engloba a maioria dos países que apoiam os Estados Unidos nesta meta de “democratização” do Oriente Médio e da Ásia menor.

Um acontecimento sem nome

Essa talvez seja a grande mensagem do *11 de setembro*. Um acontecimento que não tem nome. Tentamos dar nome ao seu significado por uma data, como atribuiu Derrida em seu diálogo com Habermas¹⁰ na obra *Filosofia em tempo de terror*¹¹. A mensagem subliminar que esculpe a ideia é a de que experimentaremos por um longo tempo a legitimação da violência em nome da reprodução da soberania e da segurança nacional, cujo âlibi é o inimigo invisível, que jamais cessará sua chegada, sempre iminente.

O discurso estratégico da segurança nacional tenta difundir a ideia de que a luta contra o “terrorismo internacional” representa a luta em favor da democracia e da liberdade. Mas esse discurso não expressa o conteúdo do conceito de “terrorismo internacional”. Quanto mais abstrato e confuso o conceito, mais ele está sujeito a uma apropriação oportunista. Por este motivo que a ONU, sem desenvolver um debate filosófico de maior profundidade sobre o tema, autorizou os Estados Unidos a adotarem qualquer estratégia necessária, segundo seus próprios critérios, para eliminar a possibilidade de acontecimentos similares futuros.

IHU On-Line - Se pensarmos no contexto nacional, como a desi-

10 **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito, o qual encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o *logos* deve construir-se pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos, estabelecendo-se o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da **IHU On-Line**)

11 Rio de Janeiro: Zahar, 2004. (Nota da **IHU On-Line**)

gualdade manifesta uma não hospitalidade endógena?

Gustavo de Lima Pereira - O cenário político atual das relações internacionais aponta-nos um tempo de crise. A crise, por certo, perpassa pelo horizonte do tecnocapitalismo e de toda a discussão sobre a democracia e sobre sua capacidade de aperfeiçoamento, em uma época onde mais vemos a evocação da democracia como uma nova religião mundial ou como um *slogan* em um discurso adocicado de paz e conciliação que ao fundo neutraliza as tentativas radicais de transformação. Frente a isso, vivemos um momento onde poucos se irrompem contra esse sistema, e quando percebem-se manifestações sociais que detêm a incumbência de trazer à pauta comum uma discussão em torno do funcionamento do poder, estas sofrem na carne a violência da retórica do poder e do poder inclusive policial.

Por assombrarem esse modelo de política que a nós é imposto pelo efeito acomodador da democracia-liberal-parlamentar, as pautas gerais dos movimentos são rapidamente desmerecidas e enquadradas à figura do bando, do vândalo e do vadio. A violência hegemônica no Brasil (bem representada principalmente pelo abuso do poder de polícia) é censurada pelos meios de comunicação mais influentes.

A discussão se sobrepõe, ou se sobrepôs, às averiguações de hoje em torno da democracia, desmistificando seu *status* de esfera neutra da mão invisível do Estado a serviço do bem comum. Não devemos acreditar, como as experiências recentes nos mostram claramente, que o mercado é um mecanismo benigno que funciona melhor quando é deixado por conta própria, pois há uma violência intrínseca, externa a ele, que mantém as condições de seu funcionamento.

Incapacidade de regular o tecnocapitalismo

A democracia-liberal-parlamentar-tolerante já nos deu provas

suficientes de sua incapacidade em impor limites aos interesses do tecnocapitalismo, sobretudo sobre o sistema financeiro-especulativo, um dos principais responsáveis pela produção das periódicas crises econômicas no mundo. À primeira vista, uma solução poderia ser pensada na esteira da democratização da economia, mas é ilusório acreditarmos que seja realmente possível o controle popular dos bancos e das instituições financeiras.

“

O visitante exige o impossível porque exige acolher um excesso absolutamente fora do programa

A conclusão mais realista que podemos antever é no sentido de que a democratização desta democracia, se ainda pensada nos mesmos moldes, não ocorrerá. Esta afirmação não significa apenas o cinismo descrente em relação aos parâmetros da política de hoje. Significa algo maior. Acreditar na democratização da economia significa acreditar que é possível uma vez mais remendar o velho e desgastado casaco, utilizando o seu próprio tecido *corroído pelo tempo*, sem perceber que ele já não aquece mais.

Com efeito, é possível percebermos que a pergunta desconstrucionista deve apontar sua mira não apenas em direção ao capitalismo, mas também à democracia - “*a ilusão da democracia*” -, cuja principal perversidade está no fato de somente admitir soluções às suas crises a partir de sua própria dinâmica estruturante, sem permitir uma transformação radical na sua carcaça interna. Esta democracia só admite respostas à sua crise de

sentido a partir da aplicação dos já velhos e empoeirados mecanismos democráticos. Evoca sempre o recorrente procedimentalismo-constitucionalista, apostando todas as fichas na formalização da vida. Não perceber o rol de violências e injustiças oriundas do paradigma liberal seria como cair no ridículo, segundo Jacques Derrida¹². Pois “quem pensa que as democracias atuais são verdadeiras democracias, mente aos outros e a si”¹³.

IHU On-Line - Como o humanismo de Derrida encontra eco em Levinas¹⁴?

Gustavo de Lima Pereira - Em primeiro lugar, é preciso deixar claro que Derrida foi um grande crítico do “humanismo” e isso é, inclusive, um ponto de distinção entre ele e Levinas, que foi um autor declaradamente humanista. Derrida abre a discussão para uma ontologia sem “vontade de origem”, como as ontologias clássicas, e uma latente abertura para a “animalidade” como em obras como *O animal que logo sou*.

Em Levinas, a preocupação é com a ética do humano, como filosofia primeira, tema que ocupou também claramente Derrida, mas sem ocupar o centro vital do palco, como em Levinas. Mas a aproxima-

12 DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx. O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Rio de Janeiro: Relume, 1994, p. 91. (Nota do entrevistado)

13 DERRIDA, Jacques. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva. SILVA, Juremir Machado da. *Visões de uma certa Europa*. Porto Alegre: Edipucers, 1998. (Nota do entrevistado)

14 **Emmanuel Levinas** (1906-1995): filósofo e comentarista talmúdico lituano, de ascendência judaica e naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, confira a entrevista com Rafael Haddock-Lobo, publicada em 30-08-2007 no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, intitulada *Levinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida*, disponível em <http://bit.ly/1bZ77kk>, e a edição número 277 da IHU On-Line, de 14-10-2008, intitulada *Levinas e a majestade do Outro*, disponível em <http://bit.ly/1gsnUOL>. (Nota da IHU On-Line)

ção entre Derrida e Levinas, além de filosófica e evidente, remete também ao campo da amizade. Merecem por aqui serem discurridas algumas linhas.

Derrida, com pouco mais de 30 anos de idade, tomou conhecimento da obra *Totalidade e infinito*¹⁵, uma das mais significativas construções deixadas pelo pensamento levinasiano, através de Paul Ricoeur¹⁶. Derrida, que até então conhecia apenas os trabalhos relacionados a Husserl¹⁷ e Heidegger¹⁸

15 Lisboa: Edições 70, 2000. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Paul Ricoeur** (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir o artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na edição 49 da **IHU On-Line**, de 24-02-2003, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon49> e uma entrevista na edição 50 que pode ser acessada em <http://bit.ly/ihuon50>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória sobre Ricoeur*, em função de seu falecimento. Confira o material em <http://bit.ly/ihuon142>. A formação de Ricoeur se dá em contato com as ideias do existencialismo, do personalismo e da fenomenologia. Suas obras importantes são: *A filosofia da vontade* (primeira parte: *O voluntário e o involuntário*, 1950; segunda parte: *Finitude e culpa*, 1960, em dois volumes: *O homem fável e A simbólica do mal*). De 1969 é *O conflito das interpretações*. Em 1975 apareceu *A metáfora viva*. O sentido do trabalho filosófico de Ricoeur deve ser visto em uma teoria da pessoa humana; conceito – o de pessoa – reconquistado no termo de longa peregrinação dentro das produções simbólicas do homem e depois das destruições provocadas pelos mestres da “escola da suspeita”. (Nota da **IHU On-Line**)

PEETERS, Benoît. *Derrida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 178. (Nota do entrevistado)

17 **Edmund Husserl** (Edmund Gustav Albrecht Husserl, 1859-1938): matemático e filósofo alemão, conhecido como o fundador da fenomenologia, nascido em uma família judaica numa pequena localidade da Morávia (região da atual República Tcheca). Husserl apresenta como ideia fundamental de seu *antipsicologismo* a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como os da *intuição eidética* e *epoché*. Influenciou, entre outros, os alemães Edith Stein, Eugen Fink e Martin Heidegger e os franceses Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Michel Henry e Jacques Derrida. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*,

escritos por Levinas, deixou claro inúmeras vezes, em cartas e escritos, a tamanha singularidade deste filósofo em meio aos demais intelectuais franceses de sua época, além de apontar jamais tê-lo abandonado como referência filosófica¹⁹. Em 1964, Derrida assistiu o curso lecionado por Levinas, aproximando-se cada vez mais de seu pensamento e de sua figura pessoal, iniciando um laço afetivo que iria perdurar até o final de suas vidas²⁰.

“

O acolhimento sempre é feito com reservas porque o hóspede pode ser também um inimigo

Alinhamento entre Levinas e Derrida

Essa presença/distante, repleta de amizade e admiração recíproca, marcou a relação entre ambos, onde cartas e telefonemas corriqueiros alimentaram essa relação singular. Em inúmeros textos que tocam de forma mais acurada o

disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)

19 Em carta endereçada a Levinas, Derrida faz questão de demarcar a decisiva influência daquele em relação ao seu trabalho: “De minha parte, em tudo que faço seu pensamento está de certa forma presente.” (PEETERS, op. cit, p. 221). (Nota do entrevistado)

20 PEETERS, Benoît. *Derrida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 180-181. (Nota do entrevistado)

tema da justiça, Derrida posiciona-se ao lado Levinas no que tange ao tema do acolhimento e da exterioridade, fazendo-se clara a influência do autor. Após a morte de Levinas, Derrida pronuncia-se com dois textos de primoroso rigor, afetuosidade e tristeza pela perda de um daqueles que mais próximos lhe esteve, apesar da distância. Um deles lido na forma de discurso ao passo do enterro do mestre:

Há muito tempo, há tanto tempo, eu temia dizer Adeus a Emmanuel Levinas. Sabia que minha voz tremeria no momento de fazê-lo, e sobretudo de fazê-lo em voz alta, aqui, diante dele, tão perto dele, pronunciando esta palavra de adeus, esta palavra “a Deus” que de certa maneira, recebi dele, esta palavra que ele me ensinou a pensar ou pronunciar de outra forma²¹.

Levinas, por sua vez, também deixou estridente o apreço pela figura pessoal e intelectual de Derrida, dedicando-lhe, em 1973, o artigo *Jacques Derrida. Tout Autrement*, texto que integraria posteriormente a obra *Nomes Próprios*. Nesse texto, o filósofo confessou o seu “encontro filosófico” com Jacques Derrida como sendo e tendo sido o registro do “prazer de um contacto no coração de um quiasma”²², enunciado que talvez expresse por si só a relação entre os pensadores.

Como muito bem claro mostrou Fernanda Bernardo²³, o pronunciamento afetuoso de Levinas deixou marcas no coração de Derrida e pegadas visíveis por seus escritos, respondendo-lhe que este quiasma era mesmo “muito estreito”. Esta talvez seja a efetiva marca

21 DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Levinas*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 15. (Nota do entrevistado)

22 LEVINAS, Emmanuel. *Jacques Derrida. Tout Autrement*. In: *Noms Propres*. Fata Morgana: Montpellier, 1976, p. 72. (Nota do entrevistado)

23 BERNARDO, Fernanda. *Levinas e Derrida: “Um contacto no coração de um quiasma”*. Revista Filosófica de Coimbra, n.33, 2008, (p. 39-78), p. 57-58. (Nota do entrevistado)

da lealdade infiel que demarcou a relação filosófica entre ambos, que nada mais é do que a própria marca do acolhimento de duas singularidades absolutas - ou secretas - ou *absolutamente secretas*; como a marca de um idioma: ao mesmo tempo intocável, inapropriável e intraduzível.

Acolhimento e o outro

Um debate incessante sobre o tema, nos diria Derrida, passa pela resposta à questão - ou as que dela decorrem: Quem é o "outro", o "absolutamente outro" ("*tout autre*") na "ética" de Levinas? Uma questão a que, sabemos, Levinas responderá na enseada de "o outro homem". Derrida, por sua vez, responderá - contra-assinará - desconstrutivamente à própria resposta de Levinas, afirmando que o "*Tout autre est tout autre*". "O absolutamente outro é absolutamente (qualquer) outro". Essa marca do "qualquer outro" sobressalta sobre a discussão a respeito do humanismo. Em Derrida, devemos anotar, como referi no início da resposta a essa pergunta, que o tema da *animalidade* deva ser visto *mais outramente* do que o próprio outro.

Ao olhar o olhar do outro, diz Levinas, deve-se esquecer a cor dos seus olhos, dito de outra maneira, olhar o olhar, o rosto que vê antes dos olhos visíveis do outro. Mas quando ele lembra que "a melhor maneira de encontrar o outro é nem mesmo notar a cor dos seus olhos...", ele fala então do homem, do próximo enquanto homem, do semelhante e do irmão, ele pensa no outro homem, e isso constituirá para nós, mais tarde, o lugar de uma grave inquietação²⁴.

Poderia aqui tecer páginas e páginas tentando desmembrar as inúmeras implicações em relação a esta *aproximação que se distancia* entre Derrida e Levinas, porém tal tarefa não guardaria espaço nesta

24 DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. São Paulo: UNESP, 2002, p. 30. (Nota do entrevistado)

entrevista. Em minha tese de doutorado, que trata da hospitalidade em Derrida e que será publicada no ano de 2017, estão presentes maiores detalhes pelos quais remeto o leitor.

IHU On-Line - Qual o grande desafio na contemporaneidade para construir caminhos de convivialidade com o Outro, a Alteridade?

Gustavo de Lima Pereira - O tema da alteridade está visivelmente próximo da hospitalidade incondicional pensada por Derrida. A "lei da hospitalidade" se resguarda no acolhimento da alteridade do totalmente qualquer outro "sem ao menos olhar a cor de seus olhos", como diria Levinas. Para além das "leis da hospitalidade", demarcadas e condicionadas pelo direito de cada Estado e pelos limites do direito internacional.

“
Vivemos atualmente um momento mundial de emparedamento à extrema direita

A lei da hospitalidade reivindica e representa a renúncia ao horizonte calculável e preestabelecido pelas regras jurídicas internacionais, que delimitam a relação com a alteridade que a mim se dirige. Para Derrida, a *lei* da hospitalidade atua como uma *lei* incondicional e ilimitada, como o oferecimento do lar a quem chega de fora, ao estrangeiro da subjetividade, nessa nova percepção de como podemos pensar a estrangeiridade. Mais que isso: a lei da hospitalidade oferece a si própria o seu próprio si, "sem pedir a ele nem seu nome, nem contrapartida, nem preencher a mínima condição", como diria Derrida. A *lei* da hospitalidade está em contraponto às *leis* da hospitali-

dade, que se dirigem a direitos e deveres sempre condicionados e condicionais, como os tratados e convenções que tratam as relações entre as nações.

Acolher incondicionalmente o outro

A hospitalidade, vista de modo condicional, remonta a toda a tradição da cultura ocidental, desde seus primórdios greco-romanos, de todo judaísmo e cristianismo, de todo o direito e de toda a filosofia do direito até Hegel²⁵, como apontou seguidamente Derrida ao longo de suas obras. Em contrapartida, a lei da hospitalidade incondicional, herdada de um passado imemorial e ao mesmo tempo sempre por vir, obriga a acolher incondicionalmente o absolutamente outro.

Tal obrigação, sem obrigar, constitui-se no âmbito pré-volitivo e até mesmo pré-moral, como estrutura prévia que antecede toda e qualquer ideia de intencionalidade, como vimos anteriormente. Concentra em pensar o político para além do político, a partir de uma nova internacionalidade; a partir de um cosmopolitismo reinventado. Um cosmopolitismo para além do cosmopolitismo político pensado pelo ideário kantiano-iluminista, pois esse cosmopolitismo está ainda condicionando pelos limites jurídico-políticos que sustentam a estrutura artificial da soberania tradicional dos Estados. E esse cosmopolitismo jurídico,

25 **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261>; *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430> e *Hegel. Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em <http://bit.ly/2959irT>. (Nota da **IHU On-Line**)

guiado pelas leis da hospitalidade condicional, revelou-se e revela-se incapaz de responder aos inúmeros conflitos internacionais envolvendo seres humanos incluídos no sistema pela sua exclusão, valendo-me eu aqui de uma terminologia empregada por Giorgio Agamben²⁶.

²⁶ **Giorgio Agamben** (1942): filósofo italiano. É professor da *Facoltà di Design e arti della IUAV* (Veneza), onde ensina Estética, e do *College International de Philosophie* de Paris. Formado em Direito, foi professor da *Università di Macerata*, *Università di Verona* e da *New York University*, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo estadunidense. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jassono40907>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <http://bit.ly/ihuon236>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. Em 30-06-16 o Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz proferiu a conferência *Foucault e Agamben. Implicações Ético Políticas do Cristianismo*, que pode ser assistida em <http://bit.ly/29j12pl>. De 16-03-2016 a 22-06-2016 Ruiz ministrou a disciplina de Pós-Graduação em Filosofia e também validada como curso de extensão através do IHU intitulada *Implicações ético-políticas do cristianismo na filosofia de M. Foucault e G. Agamben. Governamentalidade, economia política, messianismo e democracia de massas*, que resultou na publicação da edição 241^a dos Cadernos IHU ideias, intitulada *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno*, que pode ser acessada em <http://bit.ly/1Yy07S7>. Para 23 e 24-05-2017 o IHU realizará o *VI Colóquio Internacional IHU – Política, Economia, Teologia. Contribuições da obra de Giorgio Agamben*, com base sobretudo na obra *O reino e a glória. Uma genealogia teológica da economia e do governo* (São Paulo: Boitempo, 2011. Tradução de: *Il regno e la gloria. Per una genealogia teologica dell'economia e del governo*. Publicado originalmente por Neri Pozza, 2007). Saiba mais em <http://bit.ly/2hCAore> (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Afinal, o que é a hospitalidade?

Gustavo de Lima Pereira - Eu definiria, por fim, que a hospitalidade é, na esteira de pensamento de Jacques Derrida e Kierkegaard²⁷ e que ganham guarida em Ricardo Timm²⁸ de Souza, “o reconhecimento da loucura pela justiça perante o mistério do rosto de outrem”. A loucura pela justiça é um tema que ocupou Derrida principalmente na clássica obra “Força

²⁷ **Soren Kierkegaard** (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Víctor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus e Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e o que viria a ser posteriormente o existencialismo. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O Conceito de Ironia* (1841), *Temor e Tremor* (1843) e *O Desespero Humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista *Paulo e Kierkegaard*, realizada com Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-04-2006, da IHU On-Line, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>. A edição 314 da IHU On-Line, de 09-11-2009, tem como tema de capa *A atualidade de Soren Kierkegaard*, disponível em <http://bit.ly/ihuon314>. Leia, também, uma entrevista da edição 339 da IHU On-Line, de 16-08-2010, intitulada *Kierkegaard e Dogville: a desumanização do humano*, concedida pelo filósofo Fransmar Barreira Costa Lima, disponível em <http://bit.ly/ihuon339>. (Nota da IHU On-Line)

²⁸ **Ricardo Timm de Souza**: graduado em Instrumentos, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, e em Estudos Sociais e Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Também cursou o mestrado em Filosofia, pela mesma universidade, e doutorado em Filosofia, pela Universität Freiburg (Albert-Ludwigs) com a tese *Wenn das Unendliche in die Welt des Subjekts und der Geschichte einfällt – Ein metaphänomenologischer Versuch über das ethische Unendliche bei Emmanuel Lévinas*. Escreveu inúmeros livros, entre eles, *Sujeito, Ética e História – Lévinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999), *A condição humana no pensamento filosófico contemporâneo* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004) e *Em torno à diferença – Aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea* (Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007). É também um dos organizadores de *Alteridade e Ética – Obra comemorativa dos 100 anos do nascimento de Emmanuel Lévinas* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008). Confira a entrevista mais recente que concedeu à IHU On-Line: *Rosenzweig e uma nova compreensão da ideia de sujeito*, disponível em <http://bit.ly/GCaglu>. (Nota da IHU On-Line)

de lei”. Como diria Derrida, estar aberto à experiência da loucura seria como estar aberto à experiência do impossível.

É preciso dar chance a essa experiência impossível - de uma nova compreensão do horizonte possível-impossível - para termos a dimensão do que a justiça como desconstrução pode nos auxiliar a pensar o direito. Como aponta Derrida²⁹: “é preciso falar aqui do acontecimento im-possível. Um im-possível que não é somente impossível, que não é somente o contrário do possível, que é também a condição ou a chance do possível. Um im-possível que é a própria experiência do possível”. Pensar o instante de decisão como uma loucura indecível pela justiça é uma experiência do impossível (aliás, *enlouquecer não seria nada senão salvar a honra da razão*³⁰, muito embora seja a desconstrução um racionalismo incondicional, porém aberto ao por vir?), e essa experiência do impossível transfigura-se, digamos uma vez mais, como uma experiência radical do talvez, pois só há decisão, se há, se ela atravessar o absoluto deserto.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Gustavo de Lima Pereira - A hospitalidade pode ser interpretada como o outro nome da “desconstrução”, conceito mais identificável com o pensamento de Derrida e que deu a ele notoriedade internacional. Derrida afirmou não conhecer nada mais justo do que a sua desconstrução. Logo, evidentemente o tema da justiça, da hospitalidade e da desconstrução são temas indissociáveis no pensamento do autor. ■

²⁹ DERRIDA, Jacques. *Força de lei. O fundamento místico da autoridade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.243. (Notado entrevistado)

³⁰ DERRIDA, Jacques. *Vadios*. Coimbra: Palimage, 2003, p. 220. “Aí onde a razão corre o risco de perder ou de se perder, que se perca a razão, por exemplo, na loucura”. (Nota do entrevistado)

Ciclo de Estudos EAD

OS BIOMAS BRASILEIROS E A TEIA DA VIDA



mosvabe

24 de abril a 09 de junho de 2017

Ministrante: Prof. MS. Gilberto Faggion – UNISINOS

Duração: sete semanas | carga horária: 28h

Local: EAD, via plataforma Moodle

Informações e inscrições ihu.unisinos.br/eventos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

15
ANOS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em
Revista**

Biombras brasileiros, debate político nacional e os pensamentos de Agamben e Suárez na programação do IHU em 2017

No calendário de eventos, além das conferências, serão oferecidos ciclos de estudos na modalidade de Ensino a Distância

Por João Vitor Santos

Vivemos um estado de transição, uma mudança de ciclo. Pensar sobre esse estado tem sido a grande provocação do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Esse desafio - e convite - para pensar o hoje, tendo em perspectiva o passado e tentando prospectar o futuro é mais uma vez tônica da programação de eventos do IHU em 2017.

O primeiro deles, com atividades já a partir de 9 de março, é a 14ª Páscoa IHU, que terá como pano de fundo os biomas do Brasil. Em maio, o VI Colóquio Internacional IHU tratará de política, economia e teologia a partir do estudo transdisciplinar do livro *O reino e a glória. Uma genealogia teológica da economia e do governo*, de Giorgio Agamben (São Paulo: Boitempo, 2011). Em setembro, o VII Colóquio Internacional IHU retomará o pensamento de Francisco Suárez em perspectiva com a metafísica e a filosofia prática. E em outubro, em mais um Colóquio Internacional, o tema será O Teorema Biopolítico da Bioética.

Páscoa IHU

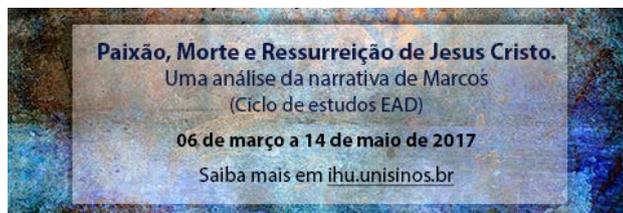
As primeiras atividades do evento da 14ª Páscoa IHU - Biombras Brasileiros: A Teia da Vida abordarão o pampa. As palestras relacionadas à Páscoa IHU, que se estenderá ao longo do semestre, encerram em 14 de junho, com a conferência *Bioma Araucária: riquezas e fragilidades de um bioma ameaçado*, com Prof. Dr. Flávio Zanette - Universidade Federal do Paraná - UFPR. Saiba detalhes da programação em <http://bit.ly/2fThkm9>.



A temática dos biomas brasileiros não se esgota aí. Além de uma série de publicações que estão sendo preparadas para o site do IHU e para a revista IHU On-Line, também será realizado o Ciclo de Estudos: os Biombras Brasileiros e a Teia da Vida, na modalidade de Ensino a Distância - EAD. "Através de um debate transdisciplinar e sistêmico, buscamos fomentar o conhecimento e o compromisso com o cuidado e a proteção dos biomas do Brasil (Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal)", explica o professor Gilberto Faggion, dos programas do IHU (Re)Pensando a Economia e Sociedade Sustentável. "Nesse sentido, o Ciclo também faz relações com a encíclica Laudato Si', que trata justamente do cuidado da 'casa comum'", completa. A programação ocorre de 28 de abril a 9 de junho de 2017.

O período da Páscoa é dado à reflexão sobre a Paixão de Cristo. Dentro desse âmbito e com o intuito de relacionar Teologia com as questões cotidianas, o IHU promove mais uma vez o curso, na modalidade

EAD, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Uma análise da narrativa de Marcos. As atividades começam em 6 de março. “Uma experiência muito significativa é a diversidade de pessoas que participam”, destaca Ana Casarotti, coordenadora do curso. Para ela, não só através do conteúdo programado, mas também da interação entre os participantes, é possível “aprofundar o conhecimento deste grande mistério da nossa fé desde a narrativa oferecida por Marcos a todos e todas aqueles que o desejam”.



A política no Brasil contemporâneo em debate



Na edição passada da revista IHU On-Line, Pedro Meira Monteiro, professor na Princeton University, Estados Unidos, e um dos organizadores da última edição de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (São Paulo: Companhia das Letras, 2016), retoma a reflexão de que se vive hoje um “vazio da política representativa”¹. A perspectiva esteve presente em todo ano de 2016 no debate sobre o momento político nacional. Assim, pensando em aprofundar o debate sobre esse momento do Brasil, o IHU promove a série de conferências intitulada **A reinvenção da política no Brasil contemporâneo. Limites e perspectivas**.

O professor Lucas Henrique da Luz, que coordena diversos eventos do programa IHU Fronteiras, entende que é importante perceber “o momento de esgotamento que vivenciamos atualmente no país, no qual projetos políticos e de desenvolvimento” parecem não dar mais conta da realidade. “Nesse contexto, torna-se relevante compreender as possibilidades e os limites da reinvenção política do Brasil contemporâneo, enfocando principalmente o ser e fazer da esquerda no país”, pontua ao destacar a atualidade do ciclo. As conferências ocorrerão entre março e maio de 2017.

1 1936 reeditado em 2016: a volta do vazio da política representativa. Entrevista com Pedro Meira Monteiro, publicada na revista **IHU On-Line** nº 498, de 28-11-2016, disponível em <http://bit.ly/2gOyLZJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

Periferias brasileiras é pauta do Metrôpoles



O Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo entra na sua quinta edição. As conferências serão realizadas entre os meses de março e maio. Nesse primeiro semestre de 2017, o tema será **A centralidade das periferias brasileiras**. “Buscamos olhares específicos sobre a periferia de diferentes partes do país, ou seja, o olhar específico para a periferia de SP, RJ, MG, RS, PE, seus sistemas sociais, políticos, econômicos, culturais, de maneira a compreender melhor cada uma delas e seus protagonismos, numa perspectiva mais de micronarrativas, bem como abordar temas que perpassam as periferias de maneira geral”, argumenta Lucas.

Política, Economia e Teologia na perspectiva de Agamben



Uma visão global sobre as crises políticas, econômicas, de representatividade, entre outras, é o tema do **VI Colóquio Internacional IHU**, a ser realizado no Brasil entre os dias 23 e 24 de maio. O evento se propõe a trazer reflexões sobre os temas acima citados desde a abordagem dada pelo filósofo italiano **Giorgio Agamben**. Os debates são propostos a partir do livro *O reino e a glória. Uma genealogia teológica da economia e do governo*.

A Estrutura da Desigualdade

Nos últimos anos, o IHU tem tentado olhar com mais vagar para as questões da desigualdade. As reflexões sobre o assunto perpassam diversos eventos e publicações do Instituto. Entretanto, para fomentar o debate e tocar as questões de fundo acerca do tema, o Instituto promove a segunda edição do **EAD Ciclo de Estudos do Livro “O Capital no Século XXI” - A Estrutura da Desigualdade**. “Vive-se em um momento em que os níveis globais de desigualdade só têm aumentado.

O que coloca em xeque a tese de que o liberalismo econômico poderia resultar em uma sociedade mais igualitária. Ao estudar o livro de Piketty, questiona-se isso, uma vez que o argumento central é o de que numa economia em que a taxa de rendimento sobre o capital supera a taxa de crescimento, a riqueza herdada sempre crescerá mais rapidamente do que a riqueza conquistada”, ressalta Faggion.

2017/2

A ousadia do pensamento desobediente de Thoreau

Para agosto, está sendo preparado o VII Colóquio Internacional IHU. O evento ocorrerá entre os dias 29 e 30 de agosto de 2017. O tema será o pensamento de Henry David Thoreau (1817-1862). O autor estadunidense, também poeta e naturalista, é um ativista anti-impostos, crítico da ideia de desenvolvimento. Ainda foi renomado pesquisador, historiador, filósofo e transcendentalista. Ele é mais conhecido por seu ensaio *Desobediência Civil* (São Paulo: Penguin Companhia, 2012), uma defesa da desobediência civil individual como forma de oposição legítima frente a um estado injusto. Outra obra célebre é o livro *Walden* (Porto Alegre: L&PM Editores, 2010), uma reflexão sobre a vida simples cercada pela natureza.

Pensamento de Francisco Suárez e reflexões sobre bioética

Entre os dias 25 e 28 de setembro, o IHU sediará o VIII Colóquio Internacional IHU. *Metafísica e Filosofia Prática. A atualidade do pensamento de Francisco Suárez 400 anos depois*. A proposta do evento é recuperar o debate feito em junho de 2016, desta vez com mais profundidade sobre a herança do pensamento de Francisco Suárez, retomando suas reflexões acerca da 'Escola Ibérica da Paz', ou Escolástica Latino-Americana, ainda conhecida como Segunda Escolástica. Neste ano, a revista *IHU On-Line* publicou uma série de entrevistas sobre o tema, dentre elas com os professores doutores **Alfredo Culleton**, vice-presidente da Société Internationale Pour L'Étude de La Philosophie Médiévale - SIEPM; **João Vila-Chã**, professor na Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma; **Pedro Calafate**, doutor em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O dossiê foi publicado na revista *IHU On-Line* número 487, de 13-06-2016².

Biopolítica e bioética

Já em outubro, o destaque na programação são os debates em torno da bioética. Nos dias 17 e 18, será

² O material está disponível em <http://bit.ly/2gsPVsh>. (Nota da *IHU On-Line*)

realizado o IX Colóquio Internacional IHU. **O Teorema Biopolítico da Bioética**. A programação ainda está sendo fechada, mas, como preparação para esse IX Colóquio, o IHU promoverá quatro conferências como pré-evento. A primeira ocorre em 18 de maio com a Profa. Dra. Aline Albuquerque, da Universidade de Brasília - UNB. O tema da palestra é **Interfaces do contexto biopolítico e os Direitos Humanos**.

Oficinas são destaques no primeiro semestre da programação do ObservaSinós

“O ObservaSinós aponta para o próximo ano um conjunto de oficinas que instrumentalizam o acesso e análise das realidades e das políticas públicas”, pontua a professora Marilene Maia, que coordena o Observatório da Realidade e das Políticas Públicas do Vale do Rio dos Sinos - ObservaSinós. “Estas oficinas são oferecidas às lideranças das comunidades, gestores e trabalhadores das políticas públicas, pesquisadores e estudantes e pretendem subsidiar o planejamento, monitoramento, avaliação e, especialmente, o controle social das políticas públicas dos municípios e região do Vale do Sinós”, completa.

A primeira atividade começa em 21 de março, com a abertura da 3ª Edição do Ciclo de Estudos: Saúde e segurança no trabalho na região do Vale do Rio dos Sinos. Além de conferências, o Ciclo é composto por oficinas que ocorrem ao longo do ano. Todas as atividades são realizadas em parceria com sindicato, Federação e Confederação dos Metalúrgicos. “No primeiro semestre a temática de aprofundamento será Saúde e Segurança no trabalho. No segundo semestre a temática versará sobre os desafios e possibilidades do Trabalho na contemporaneidade”, detalha Marilene.

A partir de março o ObservaSinós retoma as oficinas em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. O objetivo é dar dicas sobre as entradas possíveis nos dados disponibilizados pelo IBGE. E a programação segue em abril com mais oficinas.

A professora Marilene ainda lembra que para os primeiros meses de 2017 já está sendo fechada a programação da Ecofeira Unisinos. Além da comercialização de produtos orgânicos dentro do Campus São Leopoldo, haverá diversas atividades culturais e oficinas educativas sobre o tema.

IHU Ideias

Em 2017, o IHU segue com seu espaço para conferências, debates e reflexões sempre às quintas-feiras, às 17h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU do Campus São Leopoldo da Unisinos. Confira a programação das primeiras palestras do ano em ihu.unisinos.br/eventos. ■

Quer saber mais sobre os eventos do IHU em 2017?

Acesse ihu.unisinos.br/eventos

A difícil reinvenção da democracia frente ao fascismo social

Boaventura de Sousa Santos debate as encruzilhadas da democracia e a necessidade de se construir novamente as esquerdas

Por Ricardo Machado

A democracia tornou-se uma daquelas palavras vazias de sentido. Como é usada para descrever tudo aquilo que não é um regime político autoritário, tendemos a não ver os tons de cinza entre o branco e negro. “Para uns, a democracia realmente existente está de tal modo descaracterizada que só por inércia ou distração se pode considerar como tal. Vivemos em regimes autoritários que se disfarçam com um verniz democrático”, aponta Boaventura de Sousa Santos, em entrevista por e-mail à IHU On-Line. “Vivemos em democracias de baixa ou muito baixa intensidade que convivem com regimes sociais fascistas. Daí o meu diagnóstico de que vivemos em sociedades que são politicamente democráticas mas socialmente fascistas”, pontua.

O debate de Boaventura se insere na recente publicação de seu livro *A difícil democracia. Reinventar as esquerdas* (São Paulo: Boitempo, 2016). Para o sociólogo, as esquerdas precisam fazer uma profunda autocrítica e superar um modelo político baseado em conciliações com o grande capital. “Enquanto a esquerda não voltar a ter no horizonte uma alternativa pós-capitalista, chamemos-lhe socialismo ou outra coisa, o seu declínio continuará, dado que a direita é quem sabe gerir este capitalismo”, critica. Contudo, Boaventura aposta na radicalização da democracia como alternativa para as crises contemporâneas. “Para o Estado, ou algo

que o substitua politicamente, poder agir contra o neoliberalismo, terá de passar por uma profunda transformação democrática”. E pondera, “a esquerda não deve aceitar ser poder na condição de esquecer ou renunciar ao que é.”

Boaventura de Sousa Santos é doutor em Sociologia do Direito pela Universidade de Yale (1973), além de professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e distinguished legal scholar da Universidade de Wisconsin-Madison. Foi também global legal scholar da Universidade de Warwick e professor visitante do Birkbeck College da Universidade de Londres. É diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e coordenador científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa. De sua vasta obra, destacamos *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos* (São Paulo: Cortez Editora, 2013), *A cor do tempo quando foge: uma história do presente - crônicas 1986-2013* (São Paulo: Cortez Editora, 2014), *O direito dos oprimidos* (2014) e *A justiça popular em Cabo Verde* (São Paulo: Cortez Editora, 2015).

A entrevista foi originalmente publicada na Notícias do Dia de 8-12-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2h1Q6xq>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Parafraseando a pergunta que abre o prefácio do seu livro *A difícil democracia. Reinventar as esquerdas* (2016), para onde vai a democracia?

Boaventura de Sousa Santos - O ideal democrático continua a captar a imaginação dos que aspiram a uma sociedade que combine a liberdade com a justiça social, mas

na prática a democracia está cada vez mais longe deste ideal. Entre as opiniões que abordam este problema a partir da esquerda, há duas posições principais. Para uns,

a democracia realmente existente está de tal modo descaracterizada que só por inércia ou distração se pode considerar como tal. Vivemos em regimes autoritários que se disfarçam com um verniz democrático. É, por exemplo, a posição de Alain Badiou.¹ Para outros, entre os quais me incluo, vivemos em democracias de baixa ou muito baixa intensidade que convivem com regimes sociais fascistas. Daí o meu diagnóstico de que vivemos em sociedades que são politicamente democráticas mas socialmente fascistas.

Ambas as posições partem da mesma ideia de que a democracia liberal, que sempre conviveu com alguma tensão produtiva com o capitalismo, sobretudo desde a segunda guerra mundial, está a deixar desaparecer essa tensão e a acomodar-se cada vez mais às exigências do capitalismo. Estas, como se sabe, pressupõem que a acumulação de capital e a sua rentabilidade devem prevalecer sobre qualquer outro objetivo. A diferença entre as duas posições não resulta apenas de diagnósticos diferentes. Reside também no impacto das biografias dos autores que as propõem. Eu, por exemplo, vivi parte da minha idade adulta em Portugal numa ditadura, o Estado Novo de Oliveira Salazar,² e tenho vivido intensamente o perí-

1 **Alain Badiou** (1937): filósofo, dramaturgo e romancista, leciona filosofia na Universidade de Paris-VII Vincennes e no Collège International de Philosophie. É autor, entre muitos outros, do livro *Saint Paul. La fondation de l'universalisme* (Paris: PUF, 1997), várias vezes reeditado na França e traduzido em diferentes línguas como o inglês e o italiano. (Nota da **IHU On-Line**)

2 António de Oliveira Salazar, Oliveira Salazar ou simplesmente Salazar (1889–1970): foi um ditador nacionalista português que, além de chefiar diversos ministérios, foi presidente do Conselho de Ministros e professor catedrático de Economia Política, Ciência das Finanças e Economia Social da Universidade de Coimbra. Doutor Honoris causa, em 1940, pela Universidade de Oxford. Figura de destaque e promotor do Estado Novo (1933–1974) e da sua organização política, a União Nacional, Salazar dirigiu os destinos de Portugal como presidente do Ministério de forma ditatorial entre 1932 e 1933 e, como Presidente do Conselho de Ministros entre 1933 e 1968. Os autoritarismos e nacionalismos que surgiam na Europa foram uma fonte de inspiração para Salazar em duas frentes

odo posterior à Revolução dos Cravos em 1974. Os brasileiros e as brasileiras de mais idade viveram uma situação semelhante marcada pelo regresso da democracia em 1985.

Para mim, há diferenças significativas entre uma ditadura e uma democracia de baixa intensidade. Mesmo assim penso que a democracia liberal, para sobreviver à agressividade do capital global dos dias de hoje e ao modo como ele arrasta consigo novas formas de colonialismo e de patriarcado, terá de ser refundada a curto prazo, para o que se necessita de uma Assembleia Constituinte originária. Esta necessidade é hoje cada vez mais evidente quando vemos o que está a suceder no país que sempre se autodesignou como a democracia mais antiga e mais consolidada da nossa época, os EUA. É cada vez mais evidente que a fraude eleitoral é constitutiva desse país, tal como o é a influência do dinheiro no processo político, algo que está para além da corrupção porque está totalmente legalizado. O fenómeno Donald Trump³ é apenas um sintoma de algo muito mais profundo e mais perigoso.

Sem uma profunda refundação da democracia, poderemos chegar à conclusão a curto prazo de que não é possível corrigir por via democrática as distorções cada vez mais grotescas dos processos de-

complementares: a da propaganda e a da repressão. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Donald John Trump** (1946): é um empresário, ex-apresentador de reality show e presidente eleito dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Repu-blicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Trump tomará posse em 20 de janeiro de 2017 e, aos 70 anos de idade, será a pessoa mais velha a assumir a presidência. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões económicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da **IHU On-Line**)

mocráticos reais, como, por exemplo, o golpe parlamentar-mediático-judicial no Brasil que fez descer a qualidade da democracia brasileira de maneira dramática. Se era antes de baixa intensidade, é agora de baixíssima intensidade.

Quando se chegar à conclusão de que por via pacífica e democrática não é possível corrigir tais distorções, teremos chegado ao grau zero da democracia. Espero vivamente que tal nunca aconteça, mas isto tem mais a ver com o meu otimismo da vontade do que com o meu pessimismo da razão.

IHU On-Line - Como a União Europeia entende o conceito de democracia?

Boaventura de Sousa Santos - A União Europeia - UE enquanto sistema político e institucional é uma democracia de baixíssima intensidade. Primeiro, há um déficit democrático constitutivo na medida em que os órgãos com mais poder (Comissão, Eurogrupo, Banco Central Europeu) não foram eleitos pelos cidadãos europeus, nem estão sob qualquer controle democrático. O Parlamento Europeu, com os seus limitados poderes, é a outra face desta moeda. Só muito restritivamente se pode falar de cidadania europeia. Segundo, a UE é hoje um antro de neoliberalismo (que o digam os países latino-americanos que têm estado em negociações para tratados de livre comércio com a Europa) frontalmente hostil ao que foi a democracia de mais alta intensidade (mais equilíbrio entre liberdade e igualdade social) da Europa no pós-guerra e até o ano 2000. Se tivéssemos algumas dúvidas, elas seriam dissipadas ao vermos como o presidente da Comissão que conduziu a viragem neoliberal da Europa, o português Durão Barroso,⁴ foi nomeado para presidente da Goldman Sachs quando terminou o seu mandato.

4 **José Manuel Durão Barroso** (1956): é um político, professor e gestor português, atual Presidente do Banco Goldman Sachs International. Foi Primeiro-Ministro de Portugal de 2002 a 2004 e 11º Presidente da Comissão Europeia de 2004 a 2014. (Nota da **IHU On-Line**)

Como sabemos, a Goldman Sachs é o padrão mundial do neoliberalismo a que ingenuamente chamamos “mercados”. Terceiro, a crise financeira de 2008, ao repercutir na Europa, fez com que se gerasse uma pulsão antidemocrática nas relações entre os países mais ricos da UE e os mais pobres. As exigências do capitalismo neoliberal vieram dar azo ao colonialismo interno na Europa, o que, não sendo novo, assumiu agora uma forma mais chocante por ter lugar no seio de uma comunidade política que se diz assentar na igualdade política dos parceiros.

Não devemos confundir a democracia da instituição UE com as democracias existentes a nível nacional nos países que a compõem. Aqui as diferenças são enormes e a vigência do neoliberalismo é mais matizada. A nível nacional vigora ainda em muitos países o modelo da social-democracia, ainda que muito descaracterizado. Entendo por social-democracia o modelo que vigorou na Europa, sobretudo depois de 1945, assente numa combinação entre altos níveis de produtividade e altos níveis de proteção social, com base numa regulação forte do capitalismo, uma tributação progressiva, nacionalização de setores estratégicos, direitos econômicos e sociais universais que permitiram às famílias trabalhadoras, pela primeira vez na história do capitalismo, planejarem a sua vida (mandar os filhos à universidade, comprar casa, pensar numa aposentadoria digna). Este modelo continua a vigorar com alguma intensidade nos países nórdicos; assume a forma de economia social de mercado na Alemanha; tem pouca vigência nos países do Leste Europeu; é uma total ruína na Inglaterra e na Grécia; está em sérias dificuldades na França e na Itália; nunca teve um pleno desenvolvimento na Espanha e em Portugal; e tem estado sob ataque por parte das instituições da UE.

IHU On-Line- De que forma os países europeus periféricos, como Portugal, Espanha e Grécia, se tornaram ameaças àquilo que

a União Europeia entende como democracia?

Boaventura de Sousa Santos - É fácil de ver pelo que disse acima. O entendimento autoritário da democracia vigente na UE é de que não há qualquer solidariedade entre os países que a compõem e que só os países ricos da Europa se podem dar ao luxo de se beneficiar da proteção possibilitada pela social-democracia. A crise financeira da Grécia ter-se-ia resolvido muito facilmente se a coesão da UE fosse um valor mais importante que os créditos dos bancos alemães e franceses. Bastava mutualizar a dívida soberana da Grécia, que era coisa pouca comparada com o que veio depois. Portugal e Espanha sofreram o impacto por arrasto da Grécia (especulação financeira abutre do tipo da que se abateu no início do milênio na Argentina).

Como os fatos estão a mostrar, esses países, longe de serem uma ameaça para a democracia europeia, são sua garantia. Se tivesse tido êxito o que a Grécia pretendeu fazer e a UE proibiu, não teríamos o Brexit⁵ e o crescimento da extrema direita por toda Europa, uma vertigem política, oxigenada pela eleição de Trump, que põe em causa todos os princípios políticos

⁵ **Brexit:** a saída do Reino Unido da União Europeia é apelidada de Brexit, palavra-valise originada na língua inglesa resultante da fusão das palavras Britain (Grã-Bretanha) e exit (saída). A saída do Reino Unido da União Europeia tem sido um objetivo político perseguido por vários indivíduos, grupos de interesse e partidos políticos, desde 1973, quando o Reino Unido ingressou na Comunidade Econômica Europeia, a precursora da UE. A saída da União é um direito dos estados-membros segundo o Tratado da União Europeia. Em 2106, a saída foi aprovada por referendo realizado em junho 2016, no qual 52% dos votos foram a favor de deixar a UE. O Instituto Humanitas Unisinos – IHU, na seção Notícias do Dia de seu site, vem publicando uma série de análises sobre o tema. Entre elas, A alma da Europa depois do Brexit, artigo de Roberto Esposito, publicado no jornal La Repubblica e reproduzido nas Notícias do Dia de 01-07-2016, disponível em <http://bit.ly/2gazMuF>; e O Brexit e a globalização, artigo de Luiz Gonzaga Belluzzo, publicado por CartaCapital e reproduzido nas Notícias do Dia de 12-07-2016, disponível em <http://bit.ly/2eY4F68>. Confira mais textos em ihu.unisinos.br. (Nota da IHU On-Line)

que orientaram as democracias na Europa no pós-guerra.

Portugal é hoje a experiência política democrática mais brilhante da Europa dos últimos vinte anos. Um governo moderado de esquerda está a tentar mostrar que a vertigem neoliberal é destrutiva para o projeto europeu e para a democracia em geral e que há ainda na UE alguma virtualidade para travar o movimento suicida em que a Europa se deixou enredar. Este governo foi possível devido a uma união das forças de esquerda sem precedentes na história recente do país. Perante o descalabro reacionário que o país viveu entre 2011 e 2015, com um governo revanchista apostado em destruir tudo o que o país tinha conquistado depois de 1974, o Partido Comunista e o Bloco de Esquerda, que sempre consideraram o Partido Socialista um partido de direita, resolveram dar-lhe apoio parlamentar para tornar possível uma inversão, mesmo que limitada, nas políticas de austeridade. Esta experiência política inédita de unidade das forças políticas de esquerda pode ser um exemplo a ponderar no Brasil neste período difícil que atravessa. O governo português tem estado sempre sob ataque da UE, mas, em face do Brexit, começa a ser reconhecido como uma via possível para salvar o projeto europeu.

IHU On-Line - Como a lógica colonialista se mantém na perspectiva política da União Europeia?

Boaventura de Sousa Santos - O colonialismo interno na Europa tem uma longa duração histórica, como analisei no meu livro *Portugal: Ensaio contra a Autoflagelação* (São Paulo: Cortez, 2011). Em tempos mais recentes, a Grécia, Portugal e a Espanha foram autênticos protetorados alemães na medida em que o governo alemão interveio diretamente na política destes países com o objetivo de influenciar os eleitores. Quando a intervenção não foi direta, exerceu-se através da Comissão ou do Banco Central Europeu, liderado por um ex-CEO

da Goldman Sachs. Mais do que imposição antidemocrática de disciplina financeira, trata-se de ver estes países com lentes colonialistas, como sejam os estereótipos - inferiores, descuidados, preguiçosos, pouco produtivos - os mesmos que os portugueses e espanhóis usaram para estigmatizar as populações sob o seu domínio colonial. Esta divisão entre um centro europeu e as suas periferias vem desde o século XIV e dura até hoje. A única periferia que conseguiu juntar-se ao centro foi a periferia nórdica. Todas as outras (leste, sul, sudoeste) continuam tão periféricas quanto antes.

IHU On-Line - Do que se trata o "projeto europeu como ruína"?

Boaventura de Sousa Santos - Desde o seu início, o projeto europeu teve dois impulsos e duas concepções: a do economista von Hayek,⁶ para quem a UE era apenas um mercado comum, e a de De Gaulle,⁷ para quem a UE era um projeto político destinado a criar uma paz duradoura e manter a Alemanha sob controle. Durante muito tempo parecia tratar-se de duas dimensões do mesmo projeto. Com o tempo a primeira concepção foi-se impondo ainda que a retórica fosse a do projeto político. Isto tornou-se evidente quando, com os novos países candidatos a entrar na UE, pôs-se a questão se se devia dar prioridade ao aprofundamento ou à extensão da UE. A opção foi sempre pela expansão, o que foi um sinal de que a prioridade era afinal o mercado interno e não a criação de

6 **Friedrich August von Hayek** (1899-1992): foi um economista da escola austríaca. Hayek fez contribuições importantes para a psicologia, a teoria do direito, a economia e a política. Recebeu o prêmio Nobel de Economia em 1974. Em psicologia, Hayek propôs uma teoria da mente humana segundo a qual a mente é um sistema adaptativo. Em economia, Hayek defendeu os méritos da ordem espontânea. Segundo Hayek, uma economia é um sistema demasiado complexo para ser planejado e deve evoluir espontaneamente. Hayek estudou na Universidade de Viena, onde recebeu o grau de doutor em Direito e em Ciências Políticas. (Nota da IHU On-Line)

7 **Charles de Gaulle** (1890-1970): general e presidente da França de 1958 a 1969. (Nota da IHU On-Line)

uma comunidade política coesa. Os tratados que consolidaram esse mercado, sobretudo o que estabeleceu o euro, têm um recorte neoliberal muito claro, ainda que tal fato tivesse passado despercebido à maioria dos partidos políticos.

A criação da moeda única foi paralela à liberalização dos mercados, o que abria uma porta para os produtos da China, os quais não concorriam com os produtos alemães, mas certamente concorriam com os têxteis portugueses. A partir daí (cerca de 2000) estavam criadas as condições para a estagnação econômica dos países periféricos, o que veio a suceder. Quando a crise da Grécia eclodiu, passou a ser evidente que a coesão política era um verniz que estalava facilmente ante a lógica do mercado e do neoliberalismo. O modo como foi "resolvida" a crise grega (uma diminuição do PIB da ordem dos 25%) mostrou que a partir daí o projeto europeu era uma inércia mantida viva apenas pelo temor do caos do fim do euro.

Bruxelas, sede da UE, passou a ser o centro de uma disciplina financeira cega e autoritária, guiada pela Alemanha e pelos milhares de lobistas neoliberais que pululam como uma praga em redor das instituições (só a Google tem ao seu serviço 600 lobistas). Nenhum europeu comum se identifica com esta ditadura financeira que vai destruindo o que resta das classes médias europeias para alimentar os lucros dos bancos. O Brexit veio mostrar a fragilidade dessa inércia. E já se fala do Frexit, se a extrema direita ganhar as eleições na França, do Austrexit pelas mesmas razões na Áustria. Podem não ocorrer agora, mas se nada for feito para criar uma flexibilidade financeira interna que tome em conta o fato de estarmos perante economias nacionais muito diferentes com a mesma moeda, o euro colapsará e com ele a UE. Isto não quer dizer que outro projeto europeu não possa surgir, mas eu tenho certas dúvidas pelo menos enquanto os ventos continuarem a soprar a favor das bandeiras nacionalistas.

IHU On-Line - De que maneira sociedades politicamente democráticas se transformam, ao mesmo tempo, em sociedades socialmente fascistas?

Boaventura de Sousa Santos - As situações de fascismo social ocorrem sempre que pessoas ou grupos sociais estão à mercê das decisões unilaterais daqueles que têm poder sobre eles sem se poderem defender em termos práticos invocando direitos que efetivamente os defendem. Exemplos de fascismo social: quando uma família tem comida para dar aos filhos hoje mas não sabe se a terá amanhã; quando um trabalhador desempregado se vê na contingência de ter de aceitar as condições ilegais que o patrão lhe impõe para poder matar a fome da família; quando uma mulher é violada a caminho de casa ou é assassinada em casa pelo companheiro; quando os povos indígenas são expulsos das suas terras ou assassinados impunemente por capangas ao serviço dos agronegociantes e latifundiários; quando os jovens negros são vítimas de racismo e de brutalidade policial nas periferias das cidades. Em todos estes casos estou a referir situações em que as vítimas são formalmente cidadãos, mas não têm realisticamente qualquer possibilidade de invocar eficazmente direitos de cidadania a seu favor. A situação agrava-se quando se trata de imigrantes, refugiados etc. Por exemplo, a situação de trabalho escravo de milhares de imigrantes bolivianos nas fábricas de São Paulo. As vítimas de fascismo social não são consideradas plenamente humanas por quem impunemente as pode agredir ou explorar.

Mas o fascismo não tem apenas a face violenta. Tem também a face benevolente da filantropia. Na filantropia quem dá não tem dever de dar e quem recebe não tem direito de receber. Em tempos recentes, a classe alta e média alta do Brasil se ressentiu muito porque as empregadas domésticas ou os motoristas já não precisavam dos favores dos patrões para comprar

um computador para os filhos ou fazer um curso. Ressentiam-se com o fato de os seus subordinados se terem libertado do fascismo social. Quanto mais vasto é o número dos que vivem em fascismo social, menor é a intensidade da democracia.

IHU On-Line - O que pode explicar o declínio das esquerdas na Europa e na América do Sul?

Boaventura de Sousa Santos - O fato de terem aceitado que o capitalismo era eterno, que o neoliberalismo era uma fatalidade e que não havia qualquer alternativa pós-capitalista. A queda do Muro de Berlim significou tanto a queda do socialismo de Estado como da social-democracia, que se julgou, na altura, triunfante. Pelo contrário, a partir daí o capitalismo deixou de ter medo da concorrência, e o ataque aos direitos sociais e econômicos acentuou-se e tem vindo a acentuar-se, na Europa e em todo o mundo.

Enquanto a esquerda não voltar a ter no horizonte uma alternativa pós-capitalista, chamemos-lhe socialismo ou outra coisa, o seu declínio continuará, dado que a direita é quem sabe gerir este capitalismo. Na América Latina, o avanço da esquerda na primeira década do milênio pareceu desmentir esta tendência histórica. Foi possível devido a uma conjuntura excepcional que não se repetirá nos anos mais próximos: a subida dos preços dos produtos primários, agrícolas e minérios, devido à explosão da China. Este fato, ao mesmo tempo que remetia estes países para a continuidade com o colonialismo (fornecedores de matérias-primas, e que agora chegou a provocar a desindustrialização do Brasil), permitiu aos governos de esquerda efetuar uma impressionante redistribuição de riqueza sem alterar o modelo de desenvolvimento ou o sistema político. No momento em que tal deixou de ser possível, o capitalismo quis manter a sua rentabilidade a todo o custo e conseguiu o seu objetivo facilmente precisamente porque não tinha havido mudança no sistema político (e na prática

política), nem reforma tributária, bancária ou dos *media*.

IHU On-Line - Como o senhor vê o caso brasileiro, em que as esquerdas sofreram um profundo revés nas eleições para as principais prefeituras do país?

Boaventura de Sousa Santos - Revés nas eleições municipais foi uma consequência direta do processo político iniciado com o impedimento da presidente Dilma Rousseff.⁸ Foi um processo bem orquestrado de demonização do PT que aproveitou ao máximo os erros de governo do partido, apoiado por uma impressionante manipulação das grandes mídias e a atuação cúmplice do sistema judicial que incluiu violações flagrantes da legalidade. As forças do grande capital não tiveram paciência para esperar mais quatro anos e contaram com um apoio muito mais importante do que se pensa do imperialismo norte-americano. Um dia se saberá até que ponto essa intervenção foi decisiva. O Brasil era uma peça importante nos BRICS e esta aliança era importante para projetar a posição da China, o grande inimigo e grande credor dos EUA. Era preciso neutralizar o Brasil como se tem feito com a Rússia. Só assim se poderá isolar a China que em 2030 pode ser já a primeira potência econômica mundial.

Numa sociedade racista e oligárquica como é a brasileira o precon-

8 Dilma Rousseff (1947): economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores-PT, presidente do Brasil de 2011 (primeiro mandato) até 31 de agosto de 2016 (segundo ano de seu segundo mandato). Em 12 de maio de 2016, foi afastada de seu cargo durante o processo de impeachment movido contra ela. No dia 31 de agosto, o Senado Federal, por votação de 61 votos favoráveis ao impeachment contra 20, afastou Dilma definitivamente do cargo. O episódio do impeachment foi amplamente debatido nas Notícias do Dia no sítio do IHU, como, por exemplo, a Entrevista do Dia com Rudá Ricci intitulada Os pacotes do Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder, disponível em <http://bit.ly/2bLPiHK>. Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil. Em 2010, foi escolhida pelo PT para concorrer à eleição presidencial. (Nota da **IHU On-Line**)

ceito classista é sempre misturado com o preconceito racista e sexista. O governo Temer⁹ mostrou isso à sociedade e as políticas que têm vindo a ser propostas confirmam as mais pessimistas previsões. Mas o racismo e o sexismo não são infelizmente um monopólio da direita. O modo como no governo Dilma foram tratados os povos indígenas sempre que se atravessaram no caminho do agronegócio foi chocante.

Perante esta demonização, o PT pouco podia fazer a curto prazo a menos que tivesse decidido fazer uma profunda refundação política. Isso implicava rupturas e não era possível dada a decisão de o ex-presidente Lula¹⁰ se manter como garante da política de esquerda. Uma decisão totalmente compreensível, sobretudo por todos acreditarmos demasiado nas armadilhas das sondagens que fazem dele o político mais popular do Brasil precisamente para o manter no ativo e assim impedir uma renovação profunda das forças de esquerda. Tal

9 Michel Miguel Elias Temer Lulia [Michel Temer] (1940): político e advogado brasileiro, ex-presidente do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). É o atual presidente do Brasil, após a deposição por impeachment da presidenta Dilma Rousseff naquilo que inúmeros setores nacionais e internacionais denunciam como golpe parlamentar. Foi deputado federal por seis legislaturas e presidente da Câmara dos Deputados por duas vezes. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Luiz Inácio Lula da Silva [Lula] (1945): Trigésimo quinto presidente da República Federativa do Brasil, cargo que exerceu de 2003 a 1º de janeiro de 2011. É co-fundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1990, foi um dos fundadores e organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe. Foi candidato a presidente cinco vezes: em 1989 (perdeu para Fernando Collor de Mello), em 1994 (perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e em 1998 (novamente perdeu para Fernando Henrique Cardoso), e ganhou as eleições de 2002 (derrotando José Serra) e de 2006 (derrotando Geraldo Alckmin). Lula bateu um recorde histórico de popularidade durante seu mandato, conforme medido pelo Datafolha. Programas sociais como o Bolsa Família e Fome Zero são marcas de seu governo, programa este que teve seu reconhecimento por parte da Organização das Nações Unidas como um país que saiu do mapa da fome. Lula teve um papel de destaque na evolução recente das relações internacionais, incluindo o programa nuclear do Irã e do aquecimento global. (Nota da **IHU On-Line**)

como estão as coisas parece que as forças de direita poderão liquidar politicamente Lula como quiserem e quando quiserem. É este o estado a que chegou grande parte da esquerda brasileira.

IHU On-Line - Não é um paradoxo, pelo menos na experiência brasileira, a esquerda conquistar o poder e adotar práticas típicas de forças políticas mais conservadoras e alinhadas ao pensamento de direita?

Boaventura de Sousa Santos - É, mas explica-se pelas razões acima. Enquanto não houver uma reforma do sistema político e o poder do dinheiro e dos grandes *media* for retirado do processo eleitoral, a esquerda só pode governar em aliança com a direita e enquanto isso lhe convier.

IHU On-Line - O que sobrou dos ideais de esquerda do século XX? A igualdade continua sendo o grande ideal de esquerda?

Boaventura de Sousa Santos - Os ideais da esquerda do século XX continuam vivos porque afinal vêm do final do século XVIII e não são mais que os grandes objetivos da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. O problema está na vigência dos pressupostos e na eficácia dos processos que presidiram as lutas para que esses valores tivessem alguma realização, o que para uns só era possível numa sociedade socialista e para outros numa profunda regulação do capitalismo. Tais pressupostos e processos assentaram na centralidade do Estado e na organização nacional do capitalismo. Foi assim possível fazer do Estado um agente de intervenções não mercantis (nacionalizações, e políticas sociais no domínio da saúde, educação e previdência). Ora, hoje o capitalismo é global e está a pôr o Estado na sua estrita dependência. O Estado é agora um agente de intervenções mercantis (privatizações, parcerias público-privadas, terceirização). Tendo sido "proibido" pelo capitalismo

financeiro global de tributar os ricos, tem de se endividar nos mercados financeiros onde não tem nenhum privilégio soberano (o cinismo da designação "dívida soberana"). Para o Estado, ou algo que o substitua politicamente, poder agir contra o neoliberalismo terá de passar por uma profunda transformação democrática.

IHU On-Line - Falta autocrítica à esquerda?

Boaventura de Sousa Santos - A autocrítica evoca processos menos democráticos, mas tem de ser feita de modo democrático e ir ao mais fundo possível. Tenho escrito muito sobre este tema. Eis algumas ideias para o debate. Primeiro, nas atuais circunstâncias, a esquerda será sempre uma contracorrente que não pode governar como a direita governa nem fazer alianças contranatura com a direita. Se tiver de o fazer deve renunciar a ser governo. Por exemplo, pode voltar a centrar-se no governo municipal onde é possível uma política de proximidade e onde o impacto no quotidiano das pessoas é decisivo. Segundo, a democracia representativa perdeu a luta contra o capitalismo e não tem futuro se não for complementada com genuína democracia participativa a todos os níveis de governação. Esta complementaridade entre democracia representativa e democracia participativa deve estar presente nos partidos políticos. Só assim se poderá decidir participativamente quais são as políticas e quem são os candidatos.

Terceiro, os partidos deixam de ter o monopólio da representação política de interesses e os cidadãos organizados devem poder participar. Quarto, sempre que tiver oportunidade a esquerda deve criar ou apoiar a criação de zonas livres do capitalismo neoliberal por mais circunscrito que seja o seu âmbito. Funcionarão como pedagogia de um futuro pós-capitalista, a tal alternativa sem a qual a esquerda perde o sentido de existir. Quinto, nas próximas

décadas, e dada a escandalosa concentração de riqueza e a alarmante destruição da natureza, a política só em parte se vai exercer nas instituições democráticas; a outra parte será extrainstitucional pacífica (ações diretas, greves, marchas, protestos, ocupações). A esquerda vai ter de saber estar nos dois lados sem contradição e maximizar os contributos de cada tipo de prática política para a democratização da sociedade. Sexto, nada disso será possível sem uma profunda transformação do sistema judicial, político, de comunicação social e tributário. É preciso isolar o mercado das ideias políticas do mercado dos valores económicos. A esquerda não deve aceitar ser poder na condição de esquecer ou renunciar ao que é. Deve construir uma alternativa pós-capitalista apostando em que o capitalismo, como qualquer outro fato histórico, teve um princípio e há de ter um fim.

IHU On-Line - Estaria nas ocupações secundaristas o embrião de uma nova esquerda?

Boaventura de Sousa Santos - Estive reunido com alguns deles recentemente em Brasília. São jovens maravilhosos precisamente porque não se deixam convencer pela ideia de que não há alternativa às políticas em curso. Sempre manteve que os jovens nunca estão despolitizados. Apenas não se interessam pelo tipo de política que tem vindo a dominar. A prova está aí mesmo. Em vários países do mundo estamos a assistir a um novo tipo de movimento estudantil no Chile, México, Índia, África do Sul, Inglaterra e agora também no Brasil. É difícil de prever como evoluirá. Uma coisa é certa, ele mostra que a política não morrerá e as alternativas não deixarão de estar nos horizontes e sonhos dos mais jovens enquanto vivermos em sociedades tão repugnantemente injustas, tão destrutivas da natureza e tão mediocrementemente democráticas como aquelas em que vivemos. ■



15
ANOS

agexcom
UNISINOS

Ouse pensar
o que ninguém pensou.

ihu.unisinos.br



JESUÍTAS BRASIL

UNISINOS

Somos infinitas possibilidades

#Crítica Internacional - Curso de RI da Unisinos

A possível internalização dos interesses dos EUA no Brasil

Por Bruno Lima Rocha

“**A**lgo que ou não foi realizado, ou se o foi, não esteve a contento, seria o acompanhamento do Decreto Presidencial de Número 3810/2001, ou segundo a denominação completa, Acordo de Assistência Judiciária em Matéria Penal entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo dos Estados Unidos da América, celebrado em Brasília, em 14 de outubro de 1997, corrigido em sua versão em português, por troca de Notas, em 15 de fevereiro de 2001”, escreve Bruno Lima Rocha.

Bruno Lima Rocha é doutor e mestre Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Rio Grande do Sul - UFRGS, graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e é professor de Relações Internacionais da Universidade do Vale do Rio do Sinos - UNISINOS.

Eis o artigo.

Para começarmos este debate, é necessário estabelecer uma pergunta-chave, algo que nos faça compreender o nível de vulnerabilidade que o Brasil sofre - ou vem sofrendo - dentro do Sistema Internacional, e especificamente quanto à soberania decisória.

“Quais são as vulnerabilidades externas que podem ser internalizadas no Estado brasileiro, de modo a violar nossa soberania e diminuir as posições do país no Sistema Internacional?”

Estamos na América Latina, nosso *hegemon* são os Estados Unidos da América - EUA, país com o qual hoje temos mais laços de dependência financeira, cibernética, cultural e em parte militar, do que necessariamente dependência econômica.

As violações de soberania e hostilidades, quando não se trata de operações especiais permanentes - como os EUA coordenam através do Estado Maior Conjunto de Forças Especiais - USSOCOM (ver socom.mil), particularmente pelo exército privado da Casa Branca (ver socom.mil/pages/jointspecialoperationscommand.aspx), podem se dar através de modalidades de ataque eletrônico, como os perpetrados pela NSA (Agência Nacional de Segurança, ver nsa.gov), agências afins ou forças-tarefa conjuntas. Outras modalidades de agressão vêm sendo debatidas nesta publicação, como as chamadas revoluções coloridas, a guerra de 4ª geração, ou a variável mais recente de guerra híbrida. A

possibilidade bastante presente em países de sistema liberal-democrático e separação entre poderes, é a Guerra Legal (Lawfare) ou a guerra dentro do aparelho Judiciário e do Ministério Público dos países-alvo destas ações.

Ao tomar posse em 1º de janeiro de 2003, estou afirmando que o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva e sua equipe de governo, apesar de contar com a participação de dezenas de ex-guerrilheiros, jamais pensara nesta possibilidade. Se o fez, a efetividade foi nula (e o proceder dos ministros à frente da pasta da Justiça comprovam essa afirmação), pois não deixou para a sucessora uma mentalidade operacional de vigilância permanente sobre as possíveis dissidências dentro do aparelho de Estado a servirem de aliados internos das projeções de poder dos EUA sobre nós.

Quando digo atenção e alerta permanente, não estou me referindo a ter uma agenda do Executivo. Trata-se de uma atitude prévia à tomada de posse, partindo do princípio evidente que na América Latina, por mais abrandada que seja a postura de um governo marcado ao centro, sempre pode ter uma virada de mesa. Outra postura, que pode ser generalizada para outros países da Semi Periferia, em especial a Estados com capacidade de se tornarem Potências Médias, é a visão do *hegemon* sobre nós. Obviamente, esta preocupação deveria se materializar em alguma comissão de acompanhamento, ou grupo de trabalho, de extrema con-

Há uma profunda idealização de sistemas de vida em sociedade dos países anglo-saxões em frações de classe e estamentos do Estado brasileiro

fiança política, poder de influência sobre as decisões do núcleo duro do governo e imune a “vazamentos” ou infiltrações.

Não há necessidade de explicar agora, após o golpe de 2016, as razões desta necessidade não realizada. Para além dos conflitos internos da sociedade brasileira, nas regras duras do Sistema Internacional, sabe-se que qualquer possibilidade de projeção de poder nacional que ultrapasse certos limites, ou que impeça a presença transnacional em setores estratégicos do capitalismo brasileiro, poderá ser vista como potencial hostilidade. Considerando o peso do Brasil no Continente e no eixo do Atlântico Sul, além das relações com a África, simplesmente Washington jamais poderia aceitar de modo passivo o crescimento do Estado brasileiro na mundialização capitalista. Esse aceite torna-se ainda mais improvável quando há inclinação para o estabelecimento de alguns acordos no âmbito dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

Agrava a situação de partida quando se sabe que há uma profunda internalização de valores liberais e idealizações de sistemas de vida em sociedade dos países anglo-saxões (com os EUA no centro do imaginário da elite brasileira) em frações de classe e estamentos do Estado brasileiro.

A evidência do primeiro descontrole nas relações de cooperação judicial entre Brasil-EUA

Uma observação necessária, algo que ou não foi realizado, ou se o foi, não esteve a contento, seria o acompanhamento do Decreto Presidencial de Número 3810/2001, ou segundo a denominação completa, Acordo de Assistência Judiciária em Matéria Penal entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo dos Estados Unidos da América, celebrado em Brasília, em 14 de outubro de 1997, corrigido em sua versão em português, por troca de Notas, em 15 de fevereiro de 2001.

O acordo Brasil-EUA, iniciado em 14 de outubro de 1997 (durante o primeiro mandato do governo de Fernando Henrique Cardoso - FHC), foi reiterado através de Decreto Presidencial No. 3810/2001 (ver <http://migre.me/vHGW3>), após um Decreto Legislativo de No. 262, de 18 de dezembro de 2000. Neste decreto presidencial, afirma-se que os termos do acordo só podem ser alterados com a aprovação do Congresso Nacional. Tais termos indicam no Artigo II, item 2, para operarem implicam uma autoridade central de cada país, sendo que no texto original, a centralidade brasileira estava com o Ministério da Justiça (MJ) e nos EUA, o Procurador-Geral ou pessoa por ele designada. No Artigo III, itens a), b) e c), constam todas as restrições para o acesso de informações do Estado Requerido pelo Estado Requerente. No item b), especificamente, os temas de que possam vir a prejudicar o Estado Requerido podem ser negados.

Como o Decreto 3810/2001 continua válido, logo se entende que não houve uma aprovação formal do Congresso Nacional para a transferência da autoridade central brasileira do MJ para a Procuradoria Geral da República - PGR. Se houve, não temos a publicidade necessária como pressuposto de serviço público. Se a autoridade central brasileira passou do MJ para a PGR, através de sua Secretaria de Cooperação Internacional - SCI, tal fato não é formalizado nem na própria página da SCI (ver: <http://migre.me/vHH9I>). Como, quando, por que, com o aval de quem, a Autoridade Central mudou, são perguntas que necessitam de respostas urgentes.

Concluímos este debate, demonstrando tanto o argumento central como resposta inconclusa da pergunta-chave, assim como apontando as evidências de possíveis descontroles e internalização do poder do *hegemon* dentro do Estado brasileiro. Se leitoras e leitores se mostraram apreensivos diante do que aqui foi exposto, reforço o temor e digo que mal começamos a desenvolver o tema. ■

Expediente

Coordenador do curso: Prof. Ms. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

PUBLICAÇÕES

Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)

O número 249 do Cadernos IHU ideias traz o artigo de Iraneidson Santos Costa, da Universidade Federal da Bahia - UFBA, intitulado *Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)*. No texto, o autor se propõe a analisar a atuação social da Companhia de Jesus, entre os anos de 1966 e 1980. Esse é o período de atuação do Conselho Latino-Americano do CIAS - CLACIAS. "Em virtude da amplitude espacial e da diversidade temática das dezessete instituições envolvidas, elegemos como objeto privilegiado da reflexão a questão agrária, um dos campos mais conflitivos deste apostolado, seja em termos de formulação teórica, seja em termos de suas práticas", justifica Costa. Assim, nesse trabalho, o autor que se detém em "'homens e meios' mobilizados pela Sociedade de Jesus em seu trabalho na área rural, suas principais linhas de atuação e, considerando que estamos diante de uma conjuntura fortemente marcada por governos ditatoriais, a repressão sofrida por conta do compromisso com a justiça social", completa. Pela sua análise ainda passa a discussão em torno do generalato de Pedro Arrupe (1965-1981), "o qual trouxe uma nova dinâmica para o apostolado social da Companhia de Jesus no mundo e, em especial, na América Latina".

Acesse o artigo completo em versão PDF através do link <http://bit.ly/2g53FNK>

Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Informações pelo telefone 55 (51) 3590-8213.



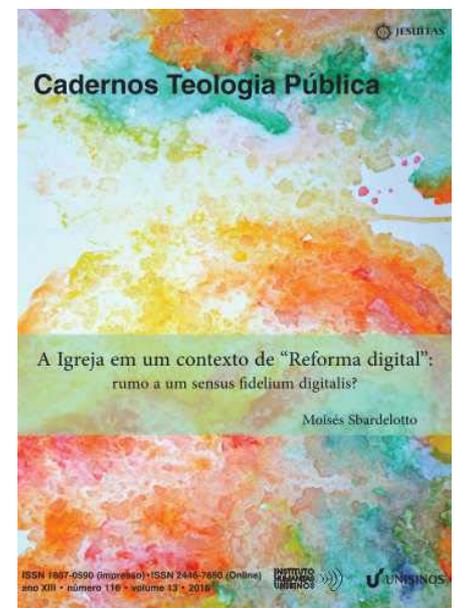
A Igreja em um contexto de "Reforma digital": rumo a um sensus fidelium digitalis?

Moisés Sbardelotto, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, assina o artigo *A Igreja em um contexto de "Reforma digital": rumo a um sensus fidelium digitalis?*, no número 116 do Cadernos Teologia Pública. O autor busca constituir sua reflexão no contexto de midiatização digital em que a Igreja e a sociedade em geral passam a ter novas possibilidades na construção de sentido. Assim, Moisés quer observar "os desafios apresentados pelas mudanças comunicacionais contemporâneas às Igrejas e às religiões, entendidas a partir do conceito de 'Reforma digital'". "A partir do caso católico, examinam-se documentos pontifícios que revelam a compreensão da Igreja sobre tais mudanças, especialmente as recentes mensagens anuais para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, articulando-os com entrevistas com responsáveis pela comunicação vaticana", destaca Moisés. No texto, o autor ainda destaca "algumas respostas da Igreja Católica a tal fenômeno, mediante aquilo que chamamos de 'Contrarreforma digital'. Sugere-se que os processos comunicacionais de construção do 'ser católico' contemporâneo podem estar dando origem a formas novas e renovadas de constituição e manifestação do *sensus fidelium*, agora encarnado no ambiente digital".

Acesse o artigo completo em versão PDF através do link <http://bit.ly/2gzg7lb>.

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Informações pelo telefone 55 (51) 3590-8213.



Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

Mística, estranha e essencial. Secularização e emancipação.

Edição 435 - Ano XIII - 16.12.2013

Disponível em <http://bit.ly/2h6BzOs>

“Nada é profano para quem sabe ver”. Nas palavras de Michel de Certeau, a mística é, ao mesmo tempo, estranha e essencial. Por sua vez, Theodor Adorno, na esteira de Gershom Scholem, propunha que a mística é uma secularização que representa um avanço emancipatório. Dotada destas características, a mística volta a ser destaque nesta última edição da IHU On-Line do ano de 2013, que reúne pesquisadores, professores e professoras de diferentes áreas do conhecimento.



Nilismo e relativismo de valores. Mercadejo ético ou via da emancipação e da salvação?

Edição 354 - Ano X - 20.12.2010

Disponível em <http://bit.ly/2gHdf3M>

O mais incômodo dos hóspedes não cessa de mover nosso chão e certezas. Quais são os valores e uma ética comum a todos os seres humanos? Que espaço sobra para a solidariedade numa sociedade marcada pelo relativismo? Enfim, mercadejo ético ou da emancipação e da salvação? São essas as questões que iluminam o debate dessa última edição da IHU On-Line do ano de 2010.



83

Paulo de Tarso: a sua relevância atual

Edição 286 - Ano VIII - 22.12.2008

Disponível em <http://bit.ly/2g0B2RV>

“O crescente interesse de tantos pensadores, na atualidade, por Paulo de Tarso é, de fato, um fenômeno fascinante”, constata Hermann Häring, teólogo alemão. Ele se refere a Giorgio Agamben, Alain Badiou, Slavoj Žižek, Jean-François Lyotard, Jacob Taubes, autor do clássico *A teologia política de Paulo*, que se debruçaram sobre a obra paulina, pois “todos eles descobrem em Paulo uma força política atual relevante”. Desta maneira, “eles transformam Paulo - querendo ou não - numa figura central de nossa época”, completa o pesquisador dos escritos paulinos, Alain Gignac. Esse é o tema da edição da IHU On-Line que encerra o ano de 2008.





VI COLÓQUIO INTERNACIONAL IHU.
Política, Economia, Teologia. Contribuições da
obra de Giorgio Agamben
23 e 24 de maio de 2017

5º CICLO DE ESTUDOS

ME
TRÓ
PO
LES

POLÍTICAS PÚBLICAS E TECNOLOGIAS DE GOVERNO.

A CENTRALIDADE DAS
PERIFERIAS
BRASILEIRAS.

22 DE MARÇO A 30 DE MAIO DE 2017

Ciclo de Estudos EAD

OS BIOMAS
BRASILEIROS
E A TEIA DA
VIDA

24 de abril a 09 de junho de 2017

Ministrante: Prof. MS. Gilberto Faggion – UNISINOS

Duração: sete semanas | carga horária: 28h

Local: EAD, via plataforma Moodle

Informações e inscrições ihu.unisinos.br/eventos



15

UNISINOS



ihu.unisinos.br



bit.ly/ihuon



twitter.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



medium.com/@_ihu